

De HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

TEATRO

*A noiva — O Duque de Viseu — Esg.*  
*O Duque de Viseu, 2.ª ed.*  
*A Morta*  
*Afonso de Albuquerque*  
*O Salto Mortal — Amor Louco*  
*Nó cego — Esg.*  
*O Azebre*  
*A Herança*  
*Saüdade*  
*O crime de Arronches*

ROMANCE

*Os Órfãos de Calecut*  
*Terra de Santa Cruz*

SCENAS DE VIDA HERÓICA

1.ª série — *Sangue Português, 3.ª ed.*  
2.ª série — *Gente Namorada, 2.ª ed.*  
3.ª série — *Lanças n' Africa, 2.ª ed.*  
4.ª série — *Capa e Espada, 2.ª ed.*  
5.ª série — *Fumos da Índia, 2.ª ed.*  
6.ª série — *Santos de Casa*  
7.ª série — *Almas Penadas*  
8.ª série — *Arqueiros e Cavaleiros*

HISTÓRIA E ARQUEOLOGIA

*Estudos sôbre navios portugueses nos séculos XV e XVI*  
*O Padre Fernando Oliveira e a sua obra náutica*  
*Memórias Académicas, conferências, etc.*

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA  
Sócio efectivo da Academia das Ciências de Lisboa  
Da Academia Brasileira de Letras

# Arqueiros e Cavaleiros



LISBOA  
PORTUGAL-BRASIL  
SOCIEDADE EDITORA  
ARTHUR BRANDÃO & C.ª  
58 — RUA GARRETT — 60

Reservados todos os direitos de reprodução : em Portugal, conforme preceituam as disposições do *Código Civil Português*; no estrangeiro (países da União) em harmonia com a convenção de Berne, a que Portugal aderiu por decreto de 18 de Março de 1911, e a que o Brasil aderiu também pela lei n.º 4:541, de 6 de Fevereiro de 1922, e decreto n.º 15:530, de 21 de Junho do mesmo ano.

Imprensa da PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 100 — LISBOA

## Aclamação gorada

— Arraial, arraial, pela rainha D. Beatriz de Portugal, nossa senhora!

Tal era a voz que se erguia, às portas da alcáçova, dos lábios senis do conde de Seia, D. Henrique Manuel de Vilhena. Eram suas mãos que seguravam a haste do pendão, no qual tremulavam as quinas.

E o ginete, um soberbo andaluz quattralvo, caracolava à testa da cavalgada, como orgulhoso pelo nobre pêso em que se envolviam os destinos do reino.

Mas, pelas íngremes vielas onde sonoramente repercutia a tropeada, não encontrava eco o brado aclamador. Se até os próprios cavaleiros, que seguiam o conde, se mantinham num tristonho silêncio!

Os habitantes da velha cêrca lisbonense accorriam às portas, debruçavam-se nas janelas, e lançavam para o cortejo as mesmas condoídas vistas de olhos com que acolheriam um préstito fúnebre. E entre elles ciciavam colóquios em surdina, como se o luto do rei



D. Fernando ainda pesasse sôbre tôdas as almas.

— Porque arvora o pendão em Lisboa o conde de Seia, que é alcaide de Sintra?— perguntava um honrado picheleiro, num grupo de vizinhos, junto da igreja de S. Martinho.

— Pelos modos, o alcaide de Lisboa, com ser irmão da rainha, teve pejo de aclamar a sobrinha.

Tal foi a resposta irônica de um dos circunstantes. Mas logo um velho contestou com entono:

— Sobrinha é ela de ambos os dois, homem de Deus.

— Como é isso?

— Sim, mano. Bem se vê que tens ainda os beiços untados de leite. Não sabes que o conde é irmão da rainha D. Constança que Deus haja, mulher de el-rei D. Pedro e mãe de el-rei D. Fernando?

— Em vista disso, é êle tio-avô da pequerucha que fizeram rainha de Castela?

— Justo. E que querem agora fazer rainha de Portugal.

— Deus tal não permita! O mesmo fôra que atirar o reino às feras...

— Às feras, dizeis bem. Aos leões castelhanos, que num abrir e fechar de olhos o enguliriam.

— Mal haja a comborça, que em tais apertos nos pôs!

— Caluda, homem! Ainda não vai longe a cavalgada. E olha que sobejaram algumas varas do baraço que tapou as goelas ao alfaiate Fernão Vasques!

— Assim tolhessem aquele grito na gorja do negregado conde de Seia, que é castelhano da gema!

Ouvia-se, com efeito, já a maior distância, o clamor que se coava, desacompanhado de côro, por entre as barbas encanecidas do filho de D. João Manuel.

A cavalgada ia marchando a passo em direitura da Sé. Quando chegou ao terreiro, estacou em frente à portada do velho templo. Na trégua de silêncio, aberta pela paragem dos ginetes, acentuou-se o confuso borbório que de há muito se entre-escuiava, alcançando-se dos arruamentos da Baixa.

O conde de Seia voltou para trás o torso revestido de sôlhas:

— Ide até à rua Nova, saber que alvorôço é aquele — disse êle, dirigindo-se a dois escudeiros, que logo partiram a galope e não tardaram a sumir-se na lobreguidão da Porta do Ferro.

Então o velho conde circunvagou a vista pelo terreiro da Sé. Poucos eram os popula-

res que, atraídos pela tropeada, se aglomeravam nas embocaduras das ruas, no adro assoalhado, como que receosos de se acercarem dos ginetes. Mas, a um recanto da praça, os olhos de D. Henrique Manuel fitaram-se num cavaleiro, de atlética corporatura, que respondeu à mirada com um relance manhoso dos olhos garços.

— Que ardis estará ruminando o conde de Arraiolos? — murmurou o de Seia para um fidalgo que lhe ficava próximo.

E o fidalgo respondeu em voz baixa:

— Está pensando que é irmão de D. Inês de Castro, rainha de Portugal por mercê de D. Pedro I. Está vendo em imaginação os filhos dela, sobrinhos dêle, pondo os pés no trono para onde vós quereis alçar vossa sobrinha, mulher do rei de Castela. Está scismando nos embargos que vos há de opor. Eis aí está.

— Pois há de estalar-lhe a castanha na bôca —olveu D. Henrique Manuel, encolhendo os ombros com desdém.

Endireitou-se na sela galega, levantou com mão firme o pendão que panejou nos ares, e bradou com redobrada solenidade:

— Arraial, arraial, pela rainha D. Beatriz de Portugal, nossa senhora!

Como anteriormente, a sua voz não teve

eco. Os fidalgos que o acaudilhavam entre-olharam-se indecisos; fustigavam-lhes as orelhas as rajadas minazes da arruaça, que de norte a sul pareciam levantar-se do solo lisboeta. Era como o sôpro longínquo de um deus, semelhante àquele que através das frinchas da gruta délfica enchia de um sagrado terror a pitonisa delirante.

Mas o conde de Seia não atendia o oráculo. Irritado pelo silêncio que o acolhia, bradou para o séquito:

— Falai, senhores, falai. Repeti a aclamação. Pelas chagas de Cristo! É vossa rainha quem manda!

A ordem de D. Henrique foi obedecida a custo. Do grupo de cavaleiros e escudeiros partiram vozes mal concertadas que timidamente articulavam:

— Arraial, arraial, pela rainha D. Beatriz de Portugal, nossa senhora.

Ninguém, contudo, entre a pequena mó de populares, ousava acolitar o malogrado clamor. Pelo contrário. Um ligeiro sussurro parecia reflectir, no âmbito da praça, o rumor indistinto que, desde a beira do Tejo até ao Rossio, alastrava pela cidade. Mas, sobrepujando-se ao relativo silêncio, uma tosse sêca, tirante a risada mal contida, fêz convergir todos os olhos sôbre a figura varonil de



D. Álvaro Peres de Castro, conde de Arraiolos, que a um dos lados do terreiro sacudia no dorso do ginete o busto coberto de reluzente loriga. E sob o camalhão da barbuda dardejava-lhe dos olhos um lampejo de sarcasmo, e a bôca, entreaberta pelas vascas simuladas do tossido, contraía-lhe os músculos da face numa clara expressão sardónica.

E ouviu-se nitidamente a sua voz sonora espalhar pelo terreiro esta frase memorável:

— Arraial, arraial, cujo fôr o reino leva-lo há!

Então, o sussurro do populacho começou a converter-se em aplauso. O conde de Seia, empalidecendo, mordía os lábios de raiva, e a haste do pendão tremia na sua convulsiva empolgadura. Ao mesmo tempo, reboou a galopada dos dois emissários, que, lívidas as faces, esbugalhados os olhos, como em precipitada fuga, desembocavam no terreiro da Sé. E após êles, avizinhava-se um alarido confuso, onde já se podiam discriminar gritos de fúria e vagas aclamações:

— Alcácer! alcácer! — Morte aos castelãos!  
— Arraial, arraial, por Portugal! — Abite!  
abite! — Morram os perros traidores!

E súbito, a dobrar a quina amarelada da Madalena, como surdindo do chão lamacento, apareceu uma horda tumultuosa de mestei-

rais, de maltrapilhos, de matronas, de garotos descalços. Sôbre as cabeças desgrenhadas faiscavam piques, fouces-roçadouras, ferros de tôda a sorte, sarilhavam cajados, rodopiavam tagantes. As mãos calosas e sórdidas empunhavam ascumas e agomias, volteavam fundas, brandiam velhos estoques. Nos rostos avermelhados e convulsos de cólera negrejava o hiato das bôcas vociferantes. E sôbre as lájeas do adro algumas pedras rijamente despedidas feriam lume.

Foi então que o conde de Seia compreendeu sem dúvidas a voz do oráculo. Portugal não queria soberanos estranhos. Queria continuar a viver desafogado e independente.

A turba dos cavaleiros voltou as ancas à cidade revolta. Por detrás da vetusta catedral sumiram-se corcéis, armaduras, plumas de bacinetes, o estandarte das quinas, embrulhado na haste, como encolhido de vergonha. Toda a cavalgada do cerimonial aclamatório remontava precipitosa a caminho da alcáçova, acossada, corrida, varejada pela população ululante, que já alagava o terreiro.

Mas a onda quebrou na sua investida junto à frontaria da igreja. Em frente dela, o conde de Arraiolos aprumava-se na sela ouropelada, desengonçando os braços em acenos pacificadores.

—Amigos—conclamava êle—bradai como eu: Arraial, arraial, por quem de direito!

Na sua astuta mente desenhava-se, cingido do manto, o matador de Maria Teles. Mas talvez se antolhasse outra imagem a muitos dos que ali secundavam o grito indeciso... De momento, porém, êsse grito desviava dos aclamadores imprudentes a fúria vingativa da arraia-miúda.

## O tanoeiro Penedo

Alvazis da cidade, homens bons, mesteirais, se agitavam na sala da câmara de Lisboa, numa manhã parda de dezembro da era de César de 1421, correspondente ao ano de Cristo de 1383. Á porta de entrada, alguns homens de armas vedavam a custo o acesso ao povolêu impaciente, que marulhava pelas escadas do edificio e tumuituava lá fora, na fronteira praça. Ás rajadas coava o alarido, pelas frinchas das altas janelas, como ventania precursora de tempestade. E, dispersos pela sala, em magotes, os circunstantes mal ouviam o arrazoado de um rotundo sujeito que esbravejava, embrulhado numa atabarda lustrosa, em cima do estrado da vereação.

Os farrapos do discurso pareciam esvoaçar no ar, pastoso da balbúrdia exterior, por sôbre o sussurro ondulante das conversações.

—O povo miúdo, reunido ontem no mosteiro de S. Domingos, pediu ao Mestre de Aviz que tomasse cárrego desta cidade e do reino...



Uma voz dura atalhou:

— Que respondeu êle?

— Que outorgava ter cuidado e regimento do reino, como seu defensor...

Outras interrupções se levantaram, tirantes a chocarrice, de entre os grupos fidalgos que faziam parte da assemblea.

— E entrementes Sua Mercê comete casamento com a rainha D. Leonor Teles...

— Para não deixar arrefecer o lugar do conde Andeiro, que êle varreu a golpes de cutelo...

— Lá foram a Alenquer por casamenteiros os dois Álvaro...

— Um dêles Camelo, para carregar na corcova o dote do noivado; o outro Pais, para bom agouro da descendência...

Estalaram risadas, que outro comentário estrídulo cortou de súbito:

— E que dirá ao defensor el-rei de Castela, que é marido da rainha legítima de Portugal?

Um sôpro de ira arripiou a mó dos populares. Ia talvez desentranhar-se em ameaças, quando a voz do orador o dominou com energia.

— Como há de consentir tal casamento a arraia-miúda, que ao de el-rei D. Fernando opôs embargos? Não curemos mais de tal recado à rainha. E se el-rei de Castela quiser

quebrar os tratos e entrar por Portugal, nós serviremos o Mestre com os corpos e haveres, e lhe daremos tudo quanto temos, até a vida. E assim farão todos os outros do reino que forem verdadeiros portugueses.

Calou-se, esperando estímulos e aplausos. Mas um silêncio de indecisão pusilânime reinou na assemblea, em quanto o vozear das turbas espadanava através das mal cerradas lumieiras.

Um ciciar preguiçoso succedeu. Á orelha uns dos outros, nobres e plebeus, se formulavam objecções e dúvidas, que pouco a pouco tomavam corpo. Os mesteirais sentiam no gasnete o baração do alfaiate Fernão Vasques, apertado pela linda mão vingativa de D. Leonor Teles. E baixinho se resmoneava:

— A rainha ainda é poderosa, com a força que lhe dará o genro.

Pela mente dos fidalgos, mais ponderada e interesseira, corriam os batalhões castelhanos, a devastar-lhes os latifúndios; ensariilhava o scetro de Castela, a desbastar-lhes os privilégios; agadanhava o fisco estrangeiro, a arpoar-lhes as riquezas.

— Em que maltrapilhos encontrará defesa êste defensor?—murmuravam, olhando de soslaio os gibões coçados e os chiotes puídos que os rodeavam.

E no espírito de quasi todos se desenhava a perigosa grandeza do empreendimento, em confronto com a indigência pavorosa dos recursos.

Mas de novo se elevou do estrado, retrahendo os murmúrios, a voz daquele que se arvorara em emissário do povo miúdo. Desluzia-a um pouco o desânimo, como se as hesitações do ambiente lhe embotassem o timbre. Mas os seus termos eram agora formais e concludentes.

— Dizei por fim, homens honrados da cidade. Praz-vos outorgar o que o povo miúdo resolveu, de receber o Mestre de Aviz por nosso regedor e defensor?

Reatou-se o silêncio. Agora, nem um cicio dentro da sala o quebrava. Na parte plebea do auditório, quasi todos baixavam os olhos, como se nêles temessem mostrar uma resolução, ou se envergonhassem de revelar o mêdo. Ao passo que na visagem circunvagante de alguns fidalgos se desenhava um sorriso de altaneira ironia.

Na quietação hesitante que prevalecia, um só dos assistentes fazia contraste. Era um homemzarrão lanzudo e forte, que, vibrando em roda olhadelas ríspidas, passeava num dos extremos mais desocupados do aposento, como fera desassossegada. Sua mão felpuda

pousava no punho de uma velha espada, pendente da cinta de cordovão que lhe franzia o saio enxovalhado de Ruão. E suas passadas ressoavam no âmbito da sala, como se escandissem o rumor longínquo que vaporava para o interior.

Sacudiu os ânimos nova interpelação impaciente do homem do estrado:

— Falai, eu vo-lo requeiro. Acordais com o povo na eleição do Mestre? Sim ou não?

Desta feita, após breve intervalo, uma imprecação enérgica retumbou:

— Santa Maria vale!

Saia dos beiços grossos do passeante, o qual arremetia para a beira do estrado, acotovelando rudemente os grupos, atirando como um ariete a cabeçorra hirsuta. E no alvorôto, circulava de bôca em bôca o nome daquele que brutalmente atraía as atenções.

— É Afonso Eanes Penedo, o tanoiro.

E estrugiu logo, do tôpo da sala, a voz áspera do mesteiral.

— Que estais vós outros assim cuidando, que não outorgais o que outorgam os da arraia miúda? Pois ainda duvidais de arvorar o Mestre em regedor dêstes reinos? Quem, senão êle, tomará o cargo de defender esta cidade e de vos amparar a todos? Á fé que não pareceis verdadeiros portugueses! Se



destas dúvidas não saís ainda, não tarda que chafurdeis todos em poder dos castelãos!

Rebentou uma explosão de protestos. Mas não houve resposta decisiva. A visão do alfaiate Fernão Vasques, a estrebuxar na fôrça, obumbrava a mente dos populares. E pelo espírito dos nobres e dos homens bons perpassava a imagem da rainha D. Beatriz de Castela, rasgando caminho para o trono com os potentes exércitos do soturno espôso, ou a lembrança do filho mais velho de Inês de Castro, delindo máculas de bastardia para reí vindicar à fôrça de armas os seus direitos à coroa.

Temerária aventura aquela! Perante uma resolução sossobravam todos os ânimos. E o debate prolongava-se em resmoneios frouxos.

Mas ergueu-se novo rugido das fauces, ensombradas de cerdas, que o tanoeiro escancarava. Pontuava-o um retinir arrogante, arrancado à comprida farrusca que lhe pendia à ilharga. Reboava pelos recôncavos do tétó artezoado como o protesto indignado da pátria contra a cobardia de seus filhos.

— Vós outros que estais assim fazendo? — ateimou o desenganado mesteiral. — Respondei! Quereis acordar no que vos requerem? Se recusais, dizei-o sem rebuço. Por Deus! que

eu aventurarei na contenda esta garganta, que nada mais tenho. E quem o contradisser, pela sua o pagará, antes que daqui se parta, à fé de quem sou!

E o braço arremangado e hercúleo alçava-se, punho cerrado em guisa de clava, em quanto os olhos pardos fosforejavam ameaças.

Uma nova fôrça se infiltrou nos corações desalentados. Os fantasmas de pavor dissiparam-se nas mentes irresolutas. E o ânimo volúvel dos populares desentranhou-se de súbito em aplausos, aclamações, gritos férvidos de encorajamento. Dos fidalgos, alguns deixavam-se arrastar pelo refluxo entusiástico, outros meneavam as cabeças altivas em gestos de piedosa desconfiança, nenhum ousava revelar-se às escâncaras.

Junto à mesa dos vereadores, o rotundo emissário da arraia-miúda vociferava, agitando ao ar um pergaminho:

— Aqui está o rescrito da outorga! Assinais-o vós todos!

Precipitaram-se em tropel os populares.

— Afonso Eanes que assine primeiro — bradaram alguns mesteirais.

Mas o tanoeiro, interpelado, redarguiu encolhendo os ombros:

— Assinais vós por mim, que eu não sei de escrituras. A minha pena é o goivete, a não



ser que Deus me mande escrever com esta na pele de castelãos e de ruins portugueses.

E esmurrava à bruta a bainha do chanfalho, que ferralhava com fúria.

— Garatujai-me o nome aí em riba, que eu vou atirar a ração à canzoada lá de fora.

Rompendo por entre o vaivém tumultuoso, arrojou-se para a janela, e abriu-a de par em par. A um gesto da sua manápula velosa, estabeleceu-se no terreiro repentino silêncio. E o seu vozeirão trovejou aos ares fuscós:

— Alcácer pelo Mestre de Aviz, nosso defensor e regedor!

E na algazarra formidável, triunfal, que lhe respondeu, evolavam-se para o céu, como um incenso, as esperanças de Portugal rejuvenescido.

## Lição a cobiçosos

Sob as bátegas fustigantes, agüentando as refregas impetuosas do sudoeste, o Mestre de Aviz, com os oficiais da sua casa, com gente grada da cidade, tinha-se mantido firme, num dos eirados de seus paços, a contemplar o desusado espectáculo que oferecia o rio, como se da tribuna de um anfiteatro romano desfrutassem as peripécias de uma naumaquia.

E bem prolongado fôra o drama, que estava àquela hora atingindo o epílogo. Fôra na manhã da ante-véspera, 1 de fevereiro de 1384, que, por entre as brumas da invernia, se haviam enxergado as silhuetas vagas de uma nau alterosa e de uma grande galé, fundeadas entre Oeiras e Santa Catarina de Ribamar; ao passo que, mais à sombra da terra, àquém do Restelo, se dava notícia de cinco baixéis forasteiros, de menor tonelagem.

Dentro em pouco, em derredor do Mestre, os alviçareiros enxamearam, à porfia de informações. Da Galiza eram os navios, a maioria



pelo menos. Vinham abarrotados de mantimentos para a frota castelhana, que esperavam encontrar já no Tejo. Outros, carregados de pescado sêco, com destino a Aragão, tinha-os forçado a arribar a tormenta. E surgiam pormenores, muitos dêles talvez conjecturados, visões de fartura que faziam arregalar os olhos famintos da população lisboeta: sacos de farinha aos montões, costais de peixe salgado, barris de sardinhas de fumo e de pilha, vitualhas a extravasar dos porões pelas escotilhas bocejantes, mareantes nêdios e vermelhaços a imparem como ratos em celeiros atulhados.

Como não frechariam olhadelas de cobiça aqueles navios maravilhosos, agora que Lisboa se apercebia para um cêrco apertado, quando a hoste formidável dos castelhanos, acampada em Santarém, já enxurrava pelas campinas do Ribatejo, começando a estrangular as veias que alimentavam o coração do reino? Bem lêra o Mestre de Aviz nos semblantes ansiosos o conforto que dêle esperavam. Obtemperou sem hesitações. Mandou armar e guarnecer, sem perda de tempo, os lenhos de que podia dispor, duas naus, duas galés e três barcas, que, meio desmanteladas, se achavam na Ribeira. Quási dois dias levou essa faina de improvisação clandestina. E

durante êles, os navios inimigos mantinham-se no seu ancoradouro, inibidos porventura de o largarem pelo temporal que não dava tréguas, mas arrogantes por não verem fôrça que os atacasse, seguros por supôrem que os apercebimentos do sítio impendente não permitiriam aos da cidade distraírem-se em arriscadas empresas.

Mas pela madrugada dessa quarta-feira 3, as galés e as barcas portuguesas, deslisando de manso ao longo da margem norte, haviam caído de chofre sôbre os cinco baixéis, surtos no Restelo, e, após uma rápida peleja, tinham-se assenhoreado dêles. Depois, já quando a manhã começava a clarear, approaram aos outros dois navios mais possantes, dos quais as duas naus forcejaram por se aproximar, cingindo-se ao vendaval quási ponteiro. Suspendendo atabalhoadamente, a galé castelhana estirou dos flancos os compridos remos, e, num desespero, arrancou para oeste, empinando-se nos vagalhões espessos. Acossou-a a fustalha dos portugueses, que já se havia adiantado durante a manobra do sarpas. Sob um chuvaireiro de setas e virotões, cega pelos açoutes da burziguiada, alagada pelos macarêus, a chusma da galé não prolongou a resistência. No meio de uma algazarra triunfal, subjugaram-na em breve os adversários.



Começou então a peripécia culminante. Os da nau galega, vendo a sorte dos navios da sua conserva, resolveram a todo o risco tentar o salvamento. Picando a amarra, desfraldando as velas, desferiram de bolina cerrada, rumo feito, quanto possível, à barra, pela carreira da Alcáçova.

Era uma embarcação nova e sólida, de duzentos tunéis, pertença de um opulento judeu, D. David da Cunha. Rangendo pelas costuras, abalando mastros, arqueando vergas, arfando e galeando sobre os escarcéus, emborcando mares, adernada a ponto de riscar com o lais de sotavento a crista das vagas, ela bordejava no rio encapelado, fugindo aos lenhos que à fôrça de remos a perseguiam, como matilha de alãos no encalço da fera. E na reçaça, à laia de monteiros esfalfados, as duas naus portuguesas velejavam contra vento e mar, alternando a amura em perigosas viragens, para não se arredarem da presa.

A nau galega distanciava-se, porém, a olhos vistos. Do eirado dos paços a seguiam ansiosos, acercando-se da barra, vencendo a ventania, rasgando as ondas empoladas, nas convulsões da arfagem, nos estremeções das guinadas. Entrevia-se a voga impotente das galés e das barcas, ferindo o mar em borboções de espuma. E a nau galgava o espaço,

cada vez maior entre ela e os perseguidores. E parecia que a sua proa já estava a pique de cortar as vagas do Oceano...

—E salva-se aquela!— bradou descoroçoado o Mestre, abalando com uma punhada enérgica o parapeito de granito.

Mas nisto, viu-se de repente a vela do traquete pender, como ferida por um corisco. Era o lais da verga que se despedaçara, sob uma lufada rijíssima. A nau estacara quási. E num ímpeto, precipitavam-se sobre ela, para a abordar, como cães sobre a carniça, as pequenas embarcações que lhe apertavam a caça.

Era o epílogo, com efeito. Encharcado até aos ossos, mas radiante, o Mestre recolhia às salas do paço, seguido pela turba dos oficiais. E mal haviam tido tempo de trocar rápidos comentários sobre o drama naval que se desenrolara aos seus olhos, quando à presença do Mestre foi introduzido um grupo de graves personagens, quási tôdas revestidas de opas negras; e sobre algumas delas vermelhavam almexias e estrêlas de cinco pontas, que assinalavam mouros ou judeus.

Tomou a palavra um dos recém-vindos, cabeça grisalhante, face escanhoadada, contenção respeitosa, compostura austera.

— Senhor — discursou êle pausadamente — tem Vossa Mercê diante de si alguns dos



mais ricos mercadores, assim portugueses, como judeus e mouros e outros estrangeiros estantes em Lisboa, que veem demandar coisas de proveito para êles e para o reino inteiro. Porque, senhor, a mundanal riqueza é como o bom sangue que se espalha por todo o corpo e leva a vida aos mais afastados membros. Assim que todo o ganho que houvermos por nossa indústria e mercância reverterá em prol comunal. Ora, em vista disto que digo, sabemos agora dêstes navios que tendes apreçados trazerem grande carregamento de pescado sêco, assim como pescadas e congros e polvos, sardinhas de fumo e de pilha, e outros mantimentos que em terras alheias falecem. Por bom preço os pagaríamos, se a Vossa Mercê aprovesse vendê-los por junto à nossa parceria...

— Ou pô-los em almoeda — atalhou outro dos negociantes, alongando para a frente do grupo a fisionomia adunca.

— Em lotes — lembrou um terceiro.

— Almoeda não — exclamou o orador. — Melhor fôra que ajuntássemos cabedais...

Levantaram-se outras vozes. Originou-se contenda. Dentro em pouco, encarniçados, marruazes, furibundos, todos falavam a um tempo, expondo ao Mestre o lucro que receberia dos desvairados alvitres. Apagava-se o

sereno da compostura naquele regateio de interêsses. Acotovelavam-se, injuriavam-se, esqueciam tôdas as deferências para com o Regedor e Defensor do Reino, cuja autoridade aliás invocavam de contínuo. Entremeavam-se na grita discorde pragas melifluas de Itália, rudes imprecações flamengas, guturais desabafos semíticos. E com gesto impassível, tudo ia ouvindo o Mestre de Aviz, acenando ao de leve aos segrêdos que lhe coavam seus privados, o letrado João das Regras, o licenciado João Gil, o arcebispo de Braga D. Lourenço, o tesoureiro da moeda Mice Percival.

Até que, finalmente, quando a disputa assumia proporções de alarido, uma retumbante intimação restabeleceu o silêncio.

— Calai-vos! — bradara o Mestre.

Com renovada serenidade se dirigiu então ao mercador que primeiro tomara a palavra.

— Sois português?

— Bem me conhece Vossa Mercê — redarguiu o mercador com ar de espanto. — João Garcia, da Rua Nova. De bom português me prezo, senhor, servidor de Vossa Mercê.

— Ninguém tal crêra, que vos ouvisse. Para terras estranhas querieis mandar aqueles mantimentos? Respondei!

— Para serviço e proveito vosso e do reino — respondeu o homem com acanhamento.



— E não vos dói a minguia dos vossos naturais, que por aí vêdes em cata de provisões com que possam manter-se, em vésperas de um apertado cêrco! E não vos importa o bem do povo e de sua defensão, ponto é que a vossa cobiça seja satisfeita! São lágrimas e sangue dos vossos que quereis converter em ouro para abarrotardes as arcas. Da magreza dêles fazeis vossa gordura. Com a fome dos desvalidos impais vós. Com o luto dêles atavais vossas galas. E não haveis vergonha de me trazer tal requerimento. Ide, traficantes!

E neste ponto a voz do Mestre, que crescerá sempre de cólera, ergueu-se trovejante como expressão da ira divina.

— Ide, traficantes! E dai graças a Deus de que eu não tenha o azorrague que soía brandir meu pai! Sai da minha vista, desalmados! Que eu quisera escorraçar-vos, como Jesus escorraçou os vendilhões do Templo! Judas que não vos pejais de receber os trinta dinheiros, para entregar à Fome a terra que vos foi berço, a terra onde encontras asilo! Ide, ide, que eu não quero manchar meus olhos com a vossa presença. Que vos açoitem ventos, que vos alaguem chuvas, que vos queimem raios, antes que eu vos consinta tirardes à bôca dos meus leais lisboetas um motreco que seja!

Como os mercadores houvessem desde logo obedecido, espavoridos e de roldão, às primeiras invectivas que os expulsavam, não puderam já ouvir as últimas. Por isso o Mestre, notando a sua ausência, abrandou súbito a cólera. Voltou-se para os circunstantes que com semblante grato o felicitavam, e acrescentou em voz plácida, esfregando as mãos:

— Boa quaresma vai ter, com êste pescado que nos cai do céu, o meu bom povo de Lisboa.

— E boa lição apanharam os tratantes, concluiu o chanceler João das Regras.



## O primeiro degrau do trono

Na sua tenda, defronte dos muros de Tôrres Vedras, disse o Mestre de Aviz a Nuno Álvares Pereira:

— Amigo, vêdes como êste alcaide João Duque se recusa a dar-nos posse do castelo e tem gente assaz para defeza? Vêdes mais como o nosso arraial é vespeiro de traições e tramas, que me põem no beiral da cova? Receio me falte lenha para fogueiras, como aquela em que mandei queimar o tredo Garcia Gonçalves, e castelos onde mande recolher mais aleivosos, pois aqueles com que eu contava se vão alçando contra mim. Assim succedeu em Alenquer com Vasco Pires de Camões, por mingua de dinheiro com que o comprasse. Por tudo isto me parece melhor levantar o cêrco, e irmos quanto antes para Coimbra onde se reúnem as côrtes. Que vos parece, amigo?

Nuno Álvares concordou, muito a seu pesar. Aquela jornada era uma trégua aberta nas



operações de guerra em que seu ânimo folgava. Mas reconheceu que era loucura rematada o teimar defronte da vila inconquistável, atrasando assim a reunião das côrtes.

Ordenou-se pois a partida. Deu rebate dela, pelas circunvizinhanças, a fumarada que se enovelou nos ares, do incêndio dos artificios e engenhos que os sitiados não podiam levar consigo.

E logo accorreu ao arraial uma multidão inumerável, pródiga de lamentos. Eram lavradores e campônios do arrabalde e do termo de Tôrres Vedras, mulheres desgrenhadas e chorosas, arrastando crianças que se lhes dependuravam às fraldilhas, velhos apertando nas mãos encarquilhadas os bordões que lhes asseguravam o andar trôpego, rapazio encardido que discorria por entre a soldadesca, pasmado para os arneses polidos em que seus olhos arregalados se espelhavam.

— Amerceai-vos de nós — bradavam para o Mestre. — Não nos deixeis em poder dos castelãos. Morreremos aqui de fome, porque nos roubarão todo o mantimento. Já que não podeis servir-nos aqui de amparo, levai-nos convosco, pelas chagas de Cristo, como se fôreis nosso pai!

O Mestre, tendo Nuno Álvares à sua beira, circunvagava a vista apiedada por aquela cla-

morosa miséria. E, perplexo, percebia-se pelos interstícios das sôlhas reluzentes o arfar do sirgo verde que lhe revestia o arcabouço.

— Ah! — murmurava êle. — Fôssem tudo isto homens de armas, de que tanto havemos mister! Pobres indefesos, são-nos tropêço e não ajuda.

Mas Nuno Álvares redarguiu baixo:

— São bons portugueses, senhor, e vós sois o defensor do reino.

O Mestre encarou com firmeza o seu irmão de armas. Êste concluiu, como se naquele olhar percebesse uma interrogação ardilosa:

— Em quanto, com favor de Deus, não sois rei de Portugal.

— Pois seja assim! — exclamou D. João. — Que venham connosco êsses desamparados!

— Como os filhos de Israel na esteira de Moisés — acudiu Nuno Álvares.

Dali a momentos, tôda aquela miserável gente se aprestava para a emigração. Era uma azáfama enorme pelo campo, em quanto os sitiados, pelas muralhas, celebravam com apupos o seu desafôgo.

— Soberbo refôrço chegou ao Mestre! — bradavam com escárnio.

À pressa, as mulheres entrouxavam roupas e víveres. As mães, sentadas nas leiras ressequidas, ofereciam aos beiços sôfregos dos



indezes os seios túmidos. Os campónios ajoujavam de almofreixes os ombros duros, à míngua de azêmolas para a carriagem.

E no meio das capas andrajosas, das vasquinhas garridas, dos gabões arremendados, agitavam-se as brunidas armaduras, escarvavam a gleba os ginetes da hoste, cento e cincoenta apenas, que os pagens de lança bridavam, que os almogavares encavalgavam, em quanto as upas de muitos abriam clareiras na turba movediça.

Já montado na robusta mula, Nuno Álvares, sereno e discreto, dirigia a ordenação da partida, com gestos breves em que lhe lampejava o aço dos mangotes, com leves movimentos de cabeça que lhe faziam reluzir os olhos enérgicos sob a sombra do bacinete, ondular a barba ruiva pelas malhas do camal. Nisto, chegou-lhe aos ouvidos, sôbre o susurro incessante, uma lamúria clamorosa, feita de angústia e desespero, entrecortada de preces e de imprecações.

E viu, à distância de uns trinta passos, sentado numa linde meio soterrada, um velho cego, de cujos ombros magros descaía um bedém sórdido, e cujas órbitas alvacentas, molhadas de lágrimas, revolteavam a êsmo, como na ânsia de enxergar um luar de esperança.

— Amerciai-vos de mim! — carpia êle. — Pela paixão de Cristo, não me deixeis entre estas más gentes, que me matarão à fome ou à pancada. Acorrei-me, senhor Mestre! pois meus naturais assim me repulsam. Padre nosso, que estais nos céus... Pelas bentas almas, tende misericórdia dêste mísero, que não tem olhos para buscar com que se mantenha...

Mas êstes e quejandos clamores não repercutiam na alma egoísta dos fugitivos. O desventurado esfalfava-se em vão, brandindo à toa o seu bordão de azambujo, unindo as mãos nodosas e sujas num gesto implorativo, entrecortando de soluços a voz plangente.

Nuno Álvares endereçou para o infeliz a sua montada.

— Calai-vos! — disse êle em tom brandamente imperativo.

Depois, dirigiu-se ao escudeiro que a pé o acompanhava:

— Agarrai no pobrezinho e ponde-o nas ancas da minha mula.

Assim se fêz, não obstante os tardios oferecimentos de que Nuno Álvares prescindiu, com um sorriso benévolo. E dali a pouco punha-se a caminho a estranha caravana, em que iam as esperanças de Portugal.

Estranha caravana, por certo!



Uma extensa horda de maltrapilhos abria a marcha. Exemplaes de tôdas as misérias, de todos os aleijões humanos entressachavam com os robustos aldeões, com as moçoilas florescentes, com as matronas de roliços contornos. Fouces, enxadas, pás, se obliquavam nos ombros revestidos de burel ou de lenço, e das hastes pendiam trouxas e farnéis. Franjando a coorte, um enxame de crianças remelosas corria na dianteira e nos flancos, forrageando pelas sebes, jogueteando pelas leiras, trepando aos muros de pedra sôlta. E um zumbido, feito de chôros, de pragas, de galhofas, de exclamações de incitamento, saía daquela boémia em marcha, que alastrava pelo campo largo, que se adelgacava nas azinhagas, que se detinha a espaços, perplexa, nas encruzilhadas.

Seguíam-nos as seiscentas lanças portuguezas, das quais apenas uma quarta parte tinha cavalgaduras. O resto ia confundido na peonagem, uns vestidos de cotas, outros de laudéis, todos êles com armaduras incompletas. E das fochas que tinham ao pescoço pendiam os bacinetes, ao passo que o sol e o vento lhes beijavam livremente as cabeças enérgicas, com o cabelo rente dos chamorros.

À testa dêles, ao trote da mula pachorrenta, balanceava o corpo juvenil de Nuno Álvares.

Cingiam-lhe o âmbito da panceira luzidia os braços esfarrapados do pobre cego. E, suspenso no arção da sela, o montante colossal do guerreiro retinia a miúdo de encontro ao bordão do indigente.

Na rectaguarda, com os seus escudeiros, cavalgava o Mestre de Aviz, meditativo e silencioso, alongando o olhar pela turba que o precedia. Era aquela a arraia-miúda de Portugal, cujas mãos calosas o ergueriam ao trono, mais leais do que as da fidalguia arrogante, vendida quasi tôda a Castela.

Eram jornadas trabalhosas e lentas aquelas, pôsto que, por mandado do Mestre, raro passassem de três léguas, para que aquela pobre gente não se extenuasse. Interrompiam-nas freqüentes peripécias, em que se denunciava a caridade dos chefes. Pelo caminho, não eram raros os rebates de fôrças adversas, que dos castelos ameaçavam a caravana mal apercebida dos chamorros. Perto da vila de Óbidos, houve uma deserção lastimosa: o comendador de Montemor-o-Novo, Álvaro Fernandes Turrichão, bandeou-se com os castelhanos.

Mas a multidão dos emigrantes ia-se também reduzindo, à medida que o cansaço ou a esperança de grangeio os deixava pelas povoações. O próprio e triste companheiro de Nuno Álvares não tardou em apartar-se dêle,



seduzido por uns motreiros de pão e descoçoado pela fadiga. E na despedida, seus olhos sem luz encharcaram de lágrimas as mãos evangélicas do bemfeitor.

Assim fôsse tamanha como a do mísero a gratidão dos grandes! Mas não era. Em Leiria, o alcaide Garcia Rodrigues, cumulado de benesses pelo Mestre de Aviz, recusou-lhe a entrada no lugar. E recordava-se amargamente a alegórica sentença da rainha D. Leonor Teles, exilada em Castela:

— Ao Mestre todos os dentes abalam, a não ser um.

Referia-se a Nuno Álvares Pereira, o seu antigo escudeiro, místico sonhador da independência pátria.

Através dêstes e quejandos golpes que não os desalentavam, após lentas jornadas preñhes de incidentes, noites mal dormidas ao relento, à chuva, sob as refregas ásperas dêsse fim de inverno, a mesclada coorte saíu finalmente as tôrres de Coimbra, avistadas através dos brumosos anélitos do Mondego, numa manhã radiosa.

A grande distância, começaram a lóbrigar um cortejo que para êles avançava de tropel. Por entre nuvens de poeira, flutuavam inumeráveis flâmulas verdoengas, como insígnias de uma legião incógnita.

— Gente de castelãos?— perguntavam uns para os outros os soldados do Mestre, apertando as lanças nas mãos rudes.

Mas, à proporção que se acercavam, ia-se notando com estranheza a pequenez dos vultos. Percebiam-se discrepantes correrias, sinuosos desvios, saltos rápidos, no meio da galopada desordenada peonagem. E pelo ar assoalhado começavam a vogar ecos de vozes estridulantes, modulando-se numa indistinta toadilha. E o confuso saracote de manchas amarelecidas revelava as passadas trêfegas de pernas nuas...

— São os fedelhos de Coimbra!— anunciou alguém na vanguarda, num brado de risonho alvoroço.

E um côro de gargalhadas estrepitosas saíu o imprevisto anúncio.

Era com efeito a pequenada da cidade. As suas flâmulas eram as alongadas fôlhas das canas, que empunhavam à guisa de lanças. Também os canaviais do Mondego lhes haviam fornecido os arremêdos de corcéis, empenachados de verde, em que cavalgavam pela estrada fora. E farrapos variegados, de grossas telas, esvoaçavam à mercê do vento, envergados em caniços e vergôntes, à laia de pendões de batalha.

Mas, à medida que se aproximavam, as



risadas dos homens de armas cediam lugar a exclamações de comovido entusiasmo. Algo de tocante e solene se divisava naquela comitiva infantil. E o brado daquelas vozes atipladas, já distinto agora, retumbando pelas campinas em que ondulavam messes, tinha assômos de profecia divina:

—Portugal, Portugal, por el-rei D. João!  
Em boa hora venha o nosso rei!

Via-se já ao longe, avançando lentamente no encalço do travêssio bando, a procissão da clerezia, cujas cruces alçadas faiscavam ao sol matutino, dos homens bons da cidade, dos mestrais e populares com seus jogos e trebelhos. Mas êsse grave cortejo, não tinha, como a descalça e rôta garotagem, o condão de encher os olhos de lágrimas e o coração de esperanças.

Acudiam aos espíritos vagas reminiscências da entrada triunfal do Messias em Jerusalém. E a alma do Mestre de Aviz alagava-se de gratidão por essa infância que o alçava ao primeiro degrau do trono, êsses ardentes peoneiros da arraia-miúda, sua aliada na reconquista do reino, essa vigorosa criançada que era nuncia de Portugal regenerado. E não havia olhos enxutos, em quanto clara, dominadora, reverberante, vibrava no espaço a aclamação percursora:

— Portugal, Portugal, pelo nosso rei D. João!

## Voz do povo

A 15 de agosto de 1385, as preces que de Lisboa se erguiam à Virgem, cuja festa se celebrava, eram mais fervorosas do que nunca. O povo que afluía às igrejas levava, dentro dos fatos domingueiros, corações constrangidos pela ansiedade. A vinte e tantas léguas da capital, jogava-se por aqueles dias o destino do reino. Perto de Leiria, assim o afirmavam mensagens que continuamente chegavam, as fôrças minguadas do Mestre de Aviz defrontavam-se com o poderoso exército do rei de Castela. Era a renovação da velha lenda bíblica, o duelo do moço pastor David, andrajoso e descalço, contra o formidável Goliath, musculoso e fero. Só a ajuda divina poderia resolver a contenda, em favor dessa mancheia de chamorros, falhos de arneses e lanças, armados sobretudo com a fé em Deus e na pátria, em presença das fôrças colossais do maior monarca da Península, que até arastava na dianteira do exército temíveis dragões que vomitavam fogo.



Sim! Só a muita fé poderia aclarar no ânimo da população ansiada a desesperança, que entenebrecia os mais ponderados. Aquela coroa, que o filho de D. Pedro I recebera havia pouco mais de quatro meses das côrtes de Coimbra, um temporal de sangue ia sem dúvida arrebatá-la da frente juvenil. O reino, que a espada de Afonso Henriques talhara no flanco da monarquia castelhana, ia de novo integrar-se no potente organismo. A liberdade fôra para o povo português um sonho apenas, que mal durara dois séculos e meio. Os novos grilhões forjava-os além, nos campos de Leiria, a fidaiguiá degenerada, cúmplice do tôrvo e arrogante déspota.

Mas, pelo meio da turba crédula, começavam a circular boatos de esperança. Onde vinham êles? Ninguém o entendia. Como poderiam chegar novas de tão longe, em tão breve espaço? Corriam porém de bôca em bôca, como um rastilho que fôsse incendiando os espíritos. Meado o dia, a conflagração era geral.

Pela rua Nova, pelo meandro tortuoso da cidade baixa, pelo Rossio, pelas empinadas vielas que trepavam ao Castelo e à Pedreira, magotes alvoroçados começavam a alçar gritos de triunfo.

—A batalha foi ganha! A batalha foi ganha!

Morram os castelãos! Alcácer por el-rei D. João de Portugal!

Pobre gente! Como podia iludir-se com falsas atoardas! — pensavam os mais discretos. — E tentavam averiguar a origem de tais novas.

— Dizei, amigos! — perguntava num grupo, no adro da Sé, o franciscano Frei Pedro, grande teólogo, por cujos lábios a multidão se acostumara a ver coar-se o verbo da verdade. — Dizei, amigos! Donde houvestes a nova? Quem merece as alvíscaras?

E mesclavam-se confusamente as vozes para informar o reverendo. Eram versões divergentes que se atropelavam, que se amontoavam, que se contraditavam, das quais tão sómente se apurava uma circunstância, unanimemente aceita: o portador da notícia era um homem vestido em roupas vermelhas, que apparecera na cidade.

— Mas por onde entrou êle? Quem lhe falou? Onde pousa agora?

Para estas perguntas do frade havia um sortimento de respostas desvairadas.

— Entrou pela Porta do Ferro. — Pela de Santo Antão. — Pelo postigo de Álvaro Pais. — Veiu do mar. — Veiu numa récova de azeis.

E nomes, mesteres, moradas, se indicavam



para individualizar os ditosos que haviam visto o mensageiro, porque nenhum dos presentes olhos tinha pousado nêle.

— Amigos — observava o douto franciscano — não vos afogueis em pouca água. Milagre fôra de Deus, que em tão minguadas horas chegassem até nós as novas de batalha tão remota.

Nisto, uma possante regateira, cujos seios exuberavam de uma vasquinha amarela, ergueu a voz rouquenha, interpelando o frade com arreganho.

— Pois porque não há de ser milagre de Deus? Êsse tal homem das roupas vermelhas, ninguém sabe ao certo de onde veiu. Pois, quanto a mim, veiu do céu. É anjo que Deus Nosso Senhor mandou para nos dar descanso às almas. Aqui tem Vossa Reverendíssima o que é.

E os espíritos devotos aceitavam de boa mente o alvitre da pia criatura. E uma lenda agiológica se esboçava, para explicar pela intervenção divina a relampejante divulgação de uma vitória, à sciência humana ainda incerta.

O prudente franciscano quis contudo atalhar a credence nascente, não se desse o caso, infelizmente provável, de uma decepção, que poria em grave risco os créditos do céu.

— Pode ser que assim seja — obtemperou êle. — Mas é cedo de mais para o acreditar-mos. Satanás também dispõe de arteiras armas para nos enganar. Deixai que procure êsse mensageiro desconhecido, meus amigos. Onde dizeis que pousa?

Fervilharam novamente enderêços vários. Foi-os acolhendo sucessivamente, com bonomia, o sereno frade. Obedecendo às inculcas, vagueou durante horas, seguido por um magote irrequieto e vociferante, de rua para rua, entrando em tavernas, em casas de mesteiros, em lojas e oficinas, em estalagens e pousadas, em residências de nobres e burguezes, à cata do homem de roupas vermelhas, sempre invisível, sempre baldando pesquisas, sempre iludindo esperanças.

Volveu à Sé, já pelo meio da tarde, descoçoado e tristonho. As altas naves, repletas de povo, reboavam com gritos de precário regosijo.

— Salvè Rainha! — era a prece que se erguia, como acção de graças pela vitória, já certificada para os humildes.

E neste caloroso ambiente de confiança invencível, o bom do franciscano quási se sentia contagiado.

— Será com efeito Deus quem fala pela bôca do povo? — cogitava êle. — Serão proféticos



rebates que de longe, trazidos por misterioso agente, acodem aos corações simples? Deus o sabe! Pudesse Êle encher-me desta singela fé!

Isto pensava o monge, quando as rajadas de fria razão lhe varriam o espírito. Então, o poderio tremendo de Castela erguia-se como nuvem negra, a obumbrar o horizonte da pátria. O trono recente de Aviz desfazia-se numa derrocada atroadora, que obscurecia aos ouvidos do frade as jaculatórias de triunfo e de esperança:

— Salvè Regina!

E nestas alternativas flutuava o espírito de Frei Pedro, quando ao cair da tarde um redemoinhar de povo o arrastou, entre alaridos alvoroçados, até ao adro do templo. Do alto dos degraus pôde descortinar, no meio da turba que se encapelava pelo terreiro la-deirente, um campónio que gesticulava violentamente, soltando vozes que se perdiam no vozear frenético da população. E só se distinguíam, repetidos por milhares de bôcas, novos clamores de vitória:

— A batalha é vencida!

Através da movediça e compacta onda humana, o frade conseguiu descer ao terreiro e informar-se.

— É um moço de João Martins, lavrador

de Alenquer. De lá veio de entoviada. Traz nova certa de que el-rei nosso senhor desbaratou em campo a el-rei de Castela.

— E como o sabe? — redarguiu o cauteloso frade.

Ninguém lograva explica-lo. Nem com tal se preocupava. Bastava que a notícia lisonjeasse a fervida confiança do povo, para que sem mais verificação a acolhessem as almas ansiosas. E nada mais pôde apurar o franciscano, por muito que se esforçasse em chegar á fala do mensageiro.

Descia a noite. Recolheu ao convento. Mas passou a noite quási em claro. Acrescendo as apreensões que o sobressaltavam, um ru-morejar intermitente se levantava da cidade em trevas, como se a excitação do momento roubasse o sono à população ansiosa.

Matinas ressoaram no bronze. Feitas as suas orações, Frei Pedro saiu à rua. Alvorecia uma manhã serena. Para a banda de oeste, um manto de neblina afogava as radiações do oriente.

Maquinalmente, o frade encaminhou-se para a porta do Cata-que-farás. Engolfavam-se por ela colarejas carregadas de frutas, hortelãos mouriscos dos subúrbios, carros pesados de hortaliça e legumes, azemeis trazendo à arreata mulas indolentes, mocetonas gingando



sob as canastras de pescado. E tôda aquela gente, misturando-se ao povolêu da cidade, trocava comentários festivos, numa algazarra fervilhante, sôbre a vitória certa.

Mas, como na véspera, ficavam no escuro as primitivas fontes de informação, e as pesquisas do franciscano esbarravam em conjecturas precárias, se não em contradições flagrantes.

Douravam-se os campanários com o primeiro ungrir do sol, quando uma alvorçada comitiva se adiantou para os muros da cidade. À frente, como conduzido em triunfo, solavancava ao trote de um jerico uma desalinhada figura de mareante ou pescador, cuja dentuça alvejava em riso no matagal da barba hirsuta.

Um delírio de aclamações o seguia. Um delírio de aclamações o acolheu. Valendo-se do seu prestígio, conseguiu o frade abeirar-se do homem, que rouquejava levantando os braços:

— Alvícaras! Alvícaras!

E, cortado por alaridos, imprecações, alcáceres, foi a muito custo que Frei Pedro recompôs o depoimento do recém-chegado.

Martim Mealha era o seu nome, Oeiras a sua terra.

E ofegando, vinha para dar a segurança do vencimento de batalha.

— Pois como o sabes, homem?

— Senhor, eu fui preso haverá quinze dias pelos mareantes da frota de Castela, quando andava à pesca. Levaram-me para bordo de uma das naus, a nau de Pedro Afan. Lá pou-sava no porão, sem ferros nem adobe. Esta noite, acordou-me um grande borborinho que se levantou a bordo. Era uma azáfama barulhenta, em que se atropelava tôda a companhia. Consegui esgueirar-me, subir para a tolda. No apertão da gente, lobriguei uns vultos embrulhados, que à luz de uma lanterna desembocavam do portaló. E fui ouvindo o que andava de bôca em bôca. Era el-rei de Castela...

— El-rei de Castela? Estás certo disso?

— Êle mesmo, o pêrro, sem tirar nem pôr. Viera de Santarém, pelo Tejo abaixo, numa barca. Tinha fugido da batalha, depois de ver as suas tropas desbaratadas e desfeitas pelos nossos, nuns campos que se chamam de Aljubarrota...

— Alcácer por el-rei de Portugal, D. João! — clamava a cada instante a multidão desastinada.

— Deixai ouvir o homem, amigos. Dize lá, Martim Mealha. Acaba o teu conto.

— Foi quanto pude saber, e é certo, reve-rendo. Em derredor de mim só ouvia prague-



jar contra os chamorros. E eu tinha medo que se vingassem em mim. No meio do emburilho e da escurana, atirei comigo ao charco. Ninguém deu por tal. Nadei até encontrar um barco dos nossos, que eu vira ancorado à terra da nau. O barco trouxe-me logo a salvamento, e aqui me tendes. Morram os castelãos!

Com a rapidez costumada, havia-se propagado a boa nova. E eram já aos milhares as bôcas que se escancaravam, para secundar o grito libertador.

—Trazei-o à alcáçova!—bradaram.

E em direitura da Rua Nova, abalou o desordenado cortejo, em meio do qual, iluminado pelos primeiros clarões apoteóticos, Martim Mealha bracejava, escarranchado no pacífico jumento, como um mensageiro de bem-aventurança.

Frei Pedro, com o coração desopresso, encaminhou-se a passos vagarosos para o convento de S. Francisco. E ia cogitando, em quanto pelos ares revoavam os clamores de júbilo:

—Sim! O povo tem razão! É Deus quem fala por sua bôca. E a todos os prodígios desta vitória se deve acrescentar mais êste. Graças! —proseguiu êle em alta voz, estacando de súbito a meio da empinada vereda.

—Achei o tema para o meu sermão de triunfo: *A Domino factum est illud, et est mirabili in oculis nostris!*

E diante das pedras da calçada, sob o sol risonho que lambia as eminências do castelo, o erudito frade começou a ensaiar a sua oratória:

—Meus irmãos, o mui alto Deus fêz esta coisa, e é maravilha ante nossos olhos...



## O seu a seu dono

Vinha de longe, na peregrinação de mendigo, a amealhar escassas esmolos desde o romper de alva, a partir de Odivelas, onde pernolara. Como, naquela manhã límpida de inverno, o sol bemfazejo supria as falhas da esfarrapada lôba, estiraçou-se ao sol, depondo à sua beira o bordão e a sacola, limpou à manga o suado pó da fronte enrugada e da hirsuta barba branca, e aprestou-se a cravar os dentes num rijo tracal haz de pão negro, conduto de uma loura cebola pilhada de passagem no mercado da hortaliça. Nem sempre tinha um almôço assim.

À direita dêle, preso a um esteio de madeira, quási à esquina do Arco dos Passarinhos, um nédio jumento rilhava também conscienciosamente a farta ração, oculto o focinho na cevadeira de estôpa. E as orelhas tremiam-lhe de voluptuosidade.

O velho contemplava-o com certa ternura. Era o comensal que o acaso lhe proporcio-



nara, e parecia dobrar-lhe o apetite o consolador espectáculo daquela fome satisfeita. Iria jurar que o mesmo sentimento de fraternal convívio se reflectia nas doces miradas do burro.

Pelo Terreiro do Paço, lambido na orla arenosa pelas ondas indolentes do Tejo, passavam hortaliçeiros, magarefes, colarejas e regateiras, de envolta com os fregueses, que regressavam dos mercados, enfurnando-se pelas embocaduras dos arcos. Em frente do mendigo e à sua esquerda, erguia-se a mole extensa dos paços régios, silenciosos e augustos. A meio da longa arcaria, a oeste, esguichava a tórre ponteaguda, cujo telhado se embebia de luz. E entre o sussurro do povolêu, ouvia-se a distância um martelar insistente, para o lado da Ribeira das Naus.

Quási no recanto do vasto Terreiro, junto ao Arco dos Paços, bocejava na fachada carancuda uma varanda de góticos labores. Desviando acaso para ela o olhar descuidoso, afigurou-se ao velho divisar, por entre o rendilhado da cantaria, sinais de vida. Afirmou-se mais. No intervalo dos balaústres, numa chuva de crenchas de oiro, alvejava uma cabecita infantil sôbre um gibanete de veludo negro.

No setinoso da tez engastavam-se olhos

com alternados reflexos de safira e de esmeralda, e rasgava-se uma boquita vermelha como uma ginja madura. Os olhos fitavam com curiosidade o pobrezinho, os lábios sorriam-lhe com malícia.

O velho quedou-se estarecido. Parou-lhe a caminho da bôca a mão que levava o deradeiro motreco, alargou-se-lhe a orla sangüinea das pálpebras, abriram-se-lhe os beiços por entre as cerdas de um branco sujo.

Quem seria o fedelho?

Parecia ter sete para oito anos, e nas mãos polpudas, agarradas aos colonelos puídos, refulgiam jóias, e na malícia do olhar e do sorriso descobria-se um certo desdém soberano, e nos sapatos, pousados sôbre o embasamento do balcão, reluziam brosladuras de oiro.

De súbito, o mendigo levantou-se, largando das mãos nodosas os restos da refeição. Atravessára-lhe o espírito uma suspeita, que breve se transformou em certeza. Aquela criança que o fitava, era, sem sombras de dúvida, o príncipe D. João, o presuntivo herdeiro de el-rei D. Manuel. Vira-o no ano anterior, na procissão do Corpo de Deus, e não se lhe desvanecera totalmente da memória aquela fisionomia infantil.

Descobriu-se, estendeu na destra trémula



o encardido chapéu, e adiantou-se todo curvado, em attitude humilde, piscando os olhos para a deslumbrante aparição.

— Meu príncipezinho — tartamudeou êle em voz roufenha e plangente — tenha Vossa Real Alteza misericórdia do mais pobrezinho de todos os seus escravos. Dai uma esmolinha...

Mas o diminutivo pareceu-lhe atentatório da majestade régia; e emendou logo:

— Dai uma esmola a êste desafortunado, com uma carga de setenta anos de miséria às costas, com os braços perros e as pernas trôpegas, à fôrça de frios e de chuvas...

E encarecia a lamúria, exagerando o alquebrado do corpo e o cambado dos passos, regougando ais doloridos.

— Meu rico príncipezinho, minha flor, em que todo Portugal põe os olhos de esperança, pelo amor de Nosso Senhor Jesus Cristo e de sua Mãe Maria Santíssima...

Nisto, o pequeno alongou o pescoço tenro e branco sob uma ogiva pardusca, e o velho calou-se, numa espectação quási febril, ante-endo a posse de uma daquelas pedrarias reluzentes na principesca mãozinha, a qual embicava agora o index para o refestelado jumento.

— Vês aquele burro? — inquiriu a vòzita ar-

gentina do real pimpolho, em quanto a malícia lhe crescia no olhar claro.

— Sim, meu bom senhor — redarguiu o pobretão, saüdando o comensal com um sorriso cobiçoso. — Linda alimaria!

— Dou-to.

— A mim?

— A ti, sim. Podes levá-lo.

O maltrapilho quedou-se perplexo, passeando a vista cansada do asno para o príncipe, e do príncipe para o asno.

— Anda, leva-o, parvo! — insistiu a criança, batendo o pèzito com impaciência.

O velhote resolveu-se. Resmungando graças, dirigiu-se lentamente à arriata do burro, desatou o nó que o prendia ao esteio, e já começava a atoar o animal, quando por detrás dêle retumbou um vozeirão furioso:

— Larga o burro, ladravaz!

Mal teve tempo de ver, ao voltar-se, um alentado saloio, cujas manápolas de ciclone lhe recafram nas magras espáduas, à laia de pilão num almofariz.

Acabrunhado de pancadas, o mendigo não largava, porém, a presa. Agarrado à corda, tudo era pretender legitimar a sua posse com a dádiva do príncipe, apontando para a varanda, donde partiam gargalhadas frescas, ao passo que o burro, brutalmente empuxado,



rebusnava com estrondo e aprestava a reacção dos couces.

Com a acorrência da gente que voltava do mercado, a desordem em breve degenerou em balbúrdia. Em volta dos dois ondulavam capuzes de londres, branquejavam camisas de canhamação, agitavam-se carapuças de bristol, remexiam-se vasquinhas, fraldilhas e cingidouros; e, por sôbre a mó variegada e tumultuosa erguiam-se punhos minazes, e das bocarras escancaradas explodia uma algazarra de imprecações, que arrastava pelo Terreiro.

No entrementes, tinham aparecido na varanda, cheios de susto, a robusta ama do príncipe, Filipa de Abreu, e o velho fidalgo a quem estava confiada a sua vigilância, Gonçalo Figueira.

— Recolhei-vos, senhor! — bradavam os dois, assomando ao balcão, em quanto o travêso herdeiro do trono torcia em convulsões de riso o corpinho roliço.

Lobrigou-os o mísero pobretão, já neste tempo a contas com dois façanhudos beleguins que o arrastavam.

— Foi Sua Alteza quem me deu o burro! — clamou êle esganiçando-se e estrebuxando.

— Que diz êle? — perguntavam um para o outro os guardas do príncipe, atónitos.

— Foi Sua Alteza, foi Sua Alteza — reinci-

dia o velho, largando nas unhas dos beleguins os derradeiros farrapos.

— Que diz êle? — repetiram os dois, voltando-se desta vez na direcção do príncipezinho.

Mas não o viram. Côncio da sua culpa, o traquinas esgueirava-se para o interior do paço.

Procurando-o aflitos, deram de cara com o camareiro do rei, que vinha inquirir do tumulto. E, em quanto, dado à pressa o superficial testemunho, prosseguiam na pesquisa, o camareiro abria uma devassa sumária, a fim de inteirar o seu régio amo das circunstâncias do estranho caso.

Reconstituiu-se o incidente. E el-rei, apenas informado, mandou vir à sua presença o travêso.

A ama encontrara-o, finalmente, escondido num desvão sôbre o Arco do Paço. Tiveram dificuldade em lhe vencer a resistência, para obedecer à real ordem. Foi em charola, esbravejando, amolgando com punhadas e pontapés as redondezas rígidas da mulheraça e os membros ossudos do velho fidalgo, que êles conseguiram depô-lo na ante-câmara régia.

Ficou de pé, arrimado a uma arquelha de sêda lavrada de oiro, baixando o olhar bravo,



arranhando com os deditos recurvos o veludo das calças, ofegante de cansaço e de raiva.

Envolto numa chamma de brocado, sentava-se el-rei D. Manuel num cadeirão cordovês, à beira de uma mesa marchetada de prata, sôbre a qual ondulava a manga amplíssima.

Seus olhos claros fuzilaram o príncipe com uma mirada rápida e severa. Depois volveram para o camareiro, que permanecia junto do guarda-porta de Arrás. E ordenou:

— Mandai sem mais detença restituir ao campónio o jumento que lhe pertence. E ao pobrezinho de Cristo dêem-se dois cruzados de esmola, e mais uma capa e umas calças de antona, e mais duas camisas de lenço da terra, tudo dos dinheiros de Sua Alteza o Príncipe. Ide.

Apenas o camareiro saiu, o monarca alongou para o filho o braço desmesurado.

— Aproximai-vos — disse êle.

E, como a criança não obedecesse de pronto, embebida no seu amuo selvático, repetiu a ordem com mais energia.

O pequeno D. João deu para a frente uns passos miúdos e hesitantes, ficando a meia distância entre a parede e seu régio progenitor.

Então, com voz dura e lenta, D. Manuel discursou:

— Meu filho, porque sois príncipe e haveis de ser rei, deveis de saber que a principal obrigação do officio de rei é dar a cada um o que é seu, e por nenhum caso dar a outrem o que a uma pessoa pertence. E para que de tal nunca vos esqueçais, vos quero castigar pelo que fizestes.

E, carregando ainda mais o sobreceño, exclamou:

— Desatacai-vos.

Mas o príncipezinho ficou imóvel. Tremia-lhe o corpo melindroso, e dos olhos esmeraldinos começava a rebentar uma fonte de lágrimas.

Sem mais palavra, el-rei, soerguendo-se na cadeira de espaldas e estirando a destra, à maneira de arpão, aferrou o braço do delinquente e empuxou-o vigorosamente para si.

Romperam gritos lamentosos, o brocado da régia vestimenta físgou-se nos esperneios e nas braçadas do pequeno, tombou da mesa, violentamente sacudida, uma caçoila de oiro, a vòzita infantil invocou o céu inteiro em jaculatórias férvidas.

Mas o verdugo não teve piedade. Serenamente, subjugando à viva fôrça o barafustar da vítima, desfêz as atacas das calças, ergueu a fina olanda da camisa, e a régia mão enrubescou com meia dúzia de açoites a cútis



nívea do príncipe — na mesmíssima região infra-dorsal em que os humildes peões usam punir os filhos endiabrados.

Cêrca de dez anos mais tarde, a noiva destinada ao príncipe, D. Leonor de Áustria, tornava-se sua madrasta. E D. João devia lembrar-se — com quanta amargura! — da correção paterna. Quem a merecia agora? Quem esquecia a salutar doutrina, tão dolorosamente asselada por mãos justiceiras?

## O architecto de Belém

Sem o mais leve aparato, desempavezado e desacompanhado, approava à praia do Restelo o bergantim real. Conheceram-no apenas pelas doiraduras da proa e pela libré da chusma alguns dos canteiros que sob as vastas alpendradas trabalhavam à beira do rio. Surpresos, viram a quilha embeber-se na areia fulva, a prancha estirar-se para terra sustida por dois remeiros de pernas nuas, e logo após duas nobres figuras emergirem de sob o tendilhão de damasco franjado a oiro.

Eram el-rei D. Manuel e o seu veador da fazenda D. Diogo Lôbo, barão de Alvito.

Reconhecidos êles, foram logo dois emisários prevenir o mestre das obras do mosteiro, o qual, a essas horas, encarrapitado nos gigantescos andaimes, procedia à sua inspecção quotidiana.

Uma matinada titânica, formada pelo retinir dos escopros sôbre os cantos em lavor, pelo martelar dos marrões e macetas, pela



chiadeira dos guindastes, pela grazinada dos artifices, pela algazarra dos mariolas, pelo rechinar dos carros ajouçados de penedos, contrastava singularmente com a serenidade glauca do Tejo nessa tarde outoniça, em que o fulgor do sol se mitigava num quebra-luz de nuvens algodoadas.

Mestre Boutaca, desencantado sob as cambotas colossais do cruzeiro, desceu precipitadamente os degraus balanceantes do bailéu, saiu pela porta travessa da igreja, apenas esboçada por detrás dos tapumes grosseiros, e deitou a correr, gingando os ádipes, esbugalhando os olhos papudos, fazendo drapejar nas passadas curtas as abas do pelote de solia. Mas a sua carreira era sinuosa e intermitente, por meio dos enormes cantos aparelhados ou começados a lavar, que até quasi à babugem da praia formavam um labirinto inextrincável.

Já por entre êles se adiantava o régio adventício, acompanhado do dignitário palatino, e seguido a respeitosa distância de uma multidão de povoléu, de improviso acorrida. Seus olhos claros passeavam pela enorme fábrica mascarada de madeiramentos, através dos quais alvejavam trechos de cantaria lisa ou floreada, como relances de carne branca entrevistos pelas abertas da roupagem.

Ao tornear um pedregulho onde despon-tavam as laçarias do friso, o esfalfado architecto quasi esbarrou com o soberano, cuja estatura delgada avultava sob a anchura do tabardo aleonado.

—Devagar, mestre amigo!—gracejou D. Manuel.—Por um triz não abalroáveis comigo, como galeota de turcos com fusta de cristãos.

—Perdôe-me Vossa Alteza — titubeou Boutaca, já de joelho em terra, forcejando por tomar a mão régia que volteava no extremo da aspa descomunal. — Consinta que eu lhe beije a mão...

— Levantai-vos, amigo! — disse el-rei benignamente. — Não venho em som de realeza... Olhai! — continuou, apontando o bergantim que balouçava ancorado a poucos passos da praia. — Nem uma bandeira ali vêdes, nem ouvis os meus ministros. Vim à socapa, no empenho de espreitar as obras do meu mosteiro. Abiquei sómente ao cais de Santos-o-Velho, para que o guarda dos meus paços, Duarte Foreiro, me fornecesse a merenda. Porque venho merendar aqui, mestre Boutaca, e haveis de consoar comigo.

— Dá-me Vossa Alteza tamanha honra? — balbuciou o atónito architecto.

— E em quanto merendamos, declarar-me heis em que altura vão estas obras, que eu



quero com os olhos do meu corpo vêr em breve acabadas.

— Assim o permitirá Deus Nosso Senhor, para bem dêstes reinos...

Mas uma brusca intervenção do barão de Alvito atalhou a jaculatória do mestre Boutaca. Com modo sêco, embora respeitoso, o veador perguntou ao monarca:

— Onde ordena Vossa Alteza se lhe sirva a merenda?

D. Manuel hesitou, circunvagando o olhar por quanto alcançava do campo juncado de penedos e telheiros tôscos.

— Senhor — acudiu o architecto — tenho na sacristia a mesa dos meus debuxos. Se Vossa Alteza se digna sentar-se na minha desataviada cadeira de sôbro...

— Não, não! — interrompeu D. Manuel vivamente. — Quero ficar aqui, ao ar livre, à vista do monumento que estou erigindo à Virgem Mãe de Deus. Ponde-me a merenda numa dessas pedras, das quais hão de desentranhar-se maravilhas em seu louvor. Aquela, por exemplo.

E tendo dado alguns passos, designava um ábaco à volta do qual se entretecia a esculpida cordoalha.

Dentro em pouco estendia-se nessa improvisada mesa uma toalha de olanda, sôbre a

qual dois criados depunham caixas de conservas da Madeira, frutas do tempo, doçarias, uma albarrada de prata cheia de água fresca, um gomil de bastiães dourados onde fervilhava o vinho novo, alguns pichéis argênteos, facas encabadas em marfim e nácar.

Recusando outro assento, D. Manuel pousou num dos ângulos do ábaco, e começou a debicar num formoso cacho de malvasia, em quanto o barão de Alvito e Diogo Boutaca, ambos de pé, cravavam os dentes na polpa rosada dos pêros repinaldos ou entremeavam de copiosas goladas os pedaços de marmelada.

— Tendes prestes a traça desta porta travessa? — interrogou o rei, apontando para o áspero tapume.

— Nela trabalho, senhor — volveu o architecto, engulindo à pressa o bocado. — Confio que Vossa Alteza ficará satisfeito com essa obra prima.

A esta orgulhosa coartada, o barão, sempre taciturno e desatento, não conteve um gesto de altaneiro sarcasmo, que o construtor acolheu com despeitoso franzir de sobrolhos.

Mas o rei, a quem o gesto não passou também despercebido, retorquiu gravemente:

— Em vossos talentos confio, mestre Boutaca. Cuido que comprehendestes a minha real vontade. Quero que êste monumento seja



uma prece e um hino de glória, que êle exceda em grandeza e primor quantos os mais altos príncipes têm erigido no mundo. Saiba Nossa Senhora, a quem o consagro...

E D. Manuel ergueu-se, tirando um momento a gorra de duas voltas em que reluzia um firmal de diamantes, e persignando-se devotamente:

— Saiba Nossa Senhora que bem merece o seu amparo quem pelo mundo inteiro espalha o nome de seu Divino Filho. Que ela veja em cada fuste, em cada saimel, em cada cornija, na bordadura das arquitraves, nos labores da mais insignificante cachorrada, as insígnias do poder que Portugal conquistou por tôdas as terras e todos os mares, ainda os mais escusos aos olhos de nossos avoengos. E conheça que todo êsse poder empenho eu na glória da santa fé e no castigo dos infiéis. Seja o meu trono o mais alto do universo, para forte supedâneo do trono de Jesus Cristo.

Calou-se um instante, reflexivo. Depois sentou-se de novo, acenou a mestre Boutaca que se aproximasse, e perguntou singelamente:

— Entendestes, mestre?

— Entendi, senhor — redarguiu o architecto.

— Por vos entender me aparteí dessas lem-

branças do paganismo, às quais até na cidade santa dos Papas Bramante está dando vida. Como havia de envolver a vossa idea, senhor, em edificio igual aos templos que romanos e gregos levantaram aos seus ídolos? Em cada pedra das minhas ha de ressaltar um símbolo. Por mais profanos que pareçam aos olhos rudes, vós haveis de ler nêles sinais do vosso poderio e da vossa fé. Os tesouros que gastais nesta enorme fábrica, ella mesma atestará como os ganhastes com vossas armadas esparzidas por todo o mar Oceano, com vossos soldados que desarraigam pelos recantos do orbe as plantas peçonhentas do Islamismo e da idolatria...

D. Manuel, que ia sublinhando com gestos aprovativos as palavras do architecto, divisou de improviso um desdenhoso encolher de ombros que franzia a lôba negra do barão de Alvito. E como o fitasse com interrogativa severidade, o veador murmurou:

— Melhor fôra que êsses tesouros se despendessem em lenhos para navegar, que não em pedras para divertimento de ociosos.

Em vez de se irritar com a mal humorada reprimenda, o monarca sorriu benevolmente, sustendo a réplica azeda que via imminente na bôca do mestre.

— Malavindo andais com coisas de arte,



barão — disse êle. — Para tudo há tempo... e cabedal, mercê de Deus! Se a Deus e à sua Divina Mãe tudo devemos, não é muito que em render-lhes graças empregemos os tesouros que nos prodigalizam. E tôdas as maravilhas do engenho humano são poucas para tão meritório efeito.

E, voltando-se para o architecto, prosseguiu com afável familiaridade:

— Aquela porta travessa é fôrça que seja sobremaneira sumptuosa, visto que a principal vai ficar afogada debaixo do dormitório dos frades.

— Assim o entendo eu também, senhor. Êsse portal é que fica patente para o lado do rio, donde naturais e forasteiros o hão de enxergar como um arco de triunfo e um pórtico de esperança. Quere Vossa Alteza ver como eu o imagino?

— Quero —olveu o rei.

Então mestre Boutaca sacou das profundezas do bôlso um pedaço de carvão, e, quasi acorocado, começou a esboçar sôbre a superfície lisa do âbaco o plano da porta travessa. E ia nomeando sucessivamente cada uma das personagens, sagradas ou profanas, que viriam a povoar os pilares e as arquivoltas da genuina portada, desde a Virgem de Bethlem tendo nos braços a criança divina,

em cuja mãozinha polpuda se susteria o vaso com as dádivas dos Magos, até ao vulto severo do infante D. Henrique, alongando pelo Tejo a vista, ávida de mundos.

D. Manuel, curvado sôbre o grosseiro debuxo, seguia atento os traços e as explicações do artista, multiplicando inquirições e comentários, exigindo aclarações, semeando reparos ou aplausos, em quanto o sol, rôto o seu manto de nuvens, deslisava majestosamente por sôbre o rio adiamantado.

O barão afastara-se, desinteressado e irónico. Mas, passado tempo, interveio zelosamente.

— Que Vossa Alteza me permita advertir-lhe — disse êle — que a tarde vai passando e a maré está aqui está a voltar. Assim me disse o cômitre do bergantim.

— Bem! — exclamou simplesmente o rei.

Mas a conversação resvalara para diversos tópicos. Mestre Boutaca rememorava a sua traça da igreja de Jesus, em Setúbal, erecta a expensas de Justa Rodrigues, a ama de D. Manuel. Depois começou a divagar sôbre os trabalhos por êle feitos nas fortificações das praças de África; e, a propósito, narrava episódios daquele grande cêrco de Arzila, em que realçavam, como heróis de Homero, o conde de Borba e D. João de Menezes.



Neste passo estavam os dois, embebidos em recordações gloriosas, quando sobreveiu nova e importuna advertência do barão.

— Senhor, a maré não tarda a vaziar, e corremos risco de que a noite nos surpreenda no caminho.

O rei teve um gesto de impaciência, levantou-se e relanceou por sobre o monumento ainda informe um longo olhar de saúde. E não se moveu um passo.

Então mestre Boutaca, esguelhando a vista rancorosa para o orgulhoso dignitário, disse com desvanecido entono ao rei de Portugal:

— Senhor, se Vossa Alteza tem gosto em continuar esta prática, diga ao barão que se vá em boa hora. Porque Vossa Alteza pode fabricar quantos barões lhe aprouver, e não tem poder para fazer um só mestre Boutaca.

## João de Sá, o Negro

Que fidalga estirpe, entroncada, provavelmente em ventre de escrava, dera nascença a João de Sá, o Negro, eis o que não me é possível averiguar. O que é seguro é que essa personagem, palaciana e grotesca, tinha um papel saliente na corte de el-rei D. João III. Era uma espécie de papel truanesco, que contribuía para alegrar as sombras do paço régio. Podia quasi dizer-se que, irmanado na côr com a bêbeda Maria Parda, gáudio do povo-léu, êle competia também com ela, se bem que de menos ignóbil forma, dentro da esfera aristocrática em que se movia.

Criara-se em casa do conde de Tarouca, D. João de Menezes, prior do Crato e capitão de Tânger. Fôra companheiro de seus filhos D. Duarte e D. Luís de Menezes. Natural era, pois, que por igual se lhe reflectissem na alma grata os regosijos e as mágoas dessa nobre família.

Ora o ano de 1525 fôra para ela sinistro.



D. Duarte, governador da Índia, partira de Cochim em janeiro, na nau *S. Jorge*, sob o pêso de acusações tremendas, preso em menagem pelo vice-rei D. Vasco da Gama, conde de Vidigueira, que nesse acto de rigor despendera os últimos alentos da gloriosa velhice. Vinha confiado à guarda de seu próprio irmão D. Luís, que durante o seu govêrno exercera na Índia o cargo de capitão-mor do mar. Êste comboiava-o na *Santa Catarina do Monte Sinai*, a mesma alterosa nau que quatro anos antes tivera a honra de transportar a Nice a infanta D. Beatriz, desposada com o duque de Sabóia.

Esta nau não chegara a Lisboa. E só muitos anos mais tarde se lhe soube o trágico destino. Quanto a D. Duarte, livre da vigilância do irmão, seu forçado carcereiro, tinha aportado, primeiro a Faro, depois a Sesimbra, onde a *S. Jorge* dera à costa, não sem se suspeitar de que o próprio capitão lhe promovera o naufrágio.

A Sesimbra, por ordem de el-rei, foram os parentes de D. Duarte buscá-lo, antes que êle tentasse escapula. Entre êles foi de-certo João de Sá; mas não compareceu o velho conde de Tarouca, que sucumbira ao desgosto de saber o primogénito alvejado por acusações desonrosas, ao mesmo tempo que sôbre a

sorte do segundo-génito o invadiam apreensões funestas.

Em Almeirim, onde o rei estava, foi D. Duarte preso, e mais tarde transferido para o castelo de Tôrres Vedras. Eis os variados sucessos, sucintamente recordados, que enlutavam a nobre casa de Tarouca, da qual o mulato fôra familiar e criado.

Com êles desbotara um pouco a alegria de João de Sá. Dias havia em que terríveis boatos lha esmoreciam de todo, como aquele que atribuiu a D. João III a intenção de mandar degolar o ex-governador da Índia. Felizmente, o fiel servidor breve se convenceu da inaniidade da atoarda, e sumiu-se-lhe da angustiada imaginação a cabeça, gotejante de sangue, do amigo e patrono.

Dissimulando as intimas tribulações, raro deixava contudo de aparecer no paço, onde a sua figura era saúdada com vaias e os seus dichotes com gargalhadas. Até o juvenil monarca não se dedignava de iluminar com um sorriso a grave fisionomia, sôbre a qual a paixão senil de seu pai, roubando-lhe a escolhida noiva, espalhara trevas perpétuas, que nem o recente consórcio dissipava.

Correra agreste e tempestuosa a invernã, nesses comêços de 1526. Num dia em que o desanuviado sol de janeiro começava a enrijar



o solo das ruas empapadas de lama, João de Sá, o Negro, entrava pelas salas do paço da Ribeira. Vinha empavonado e flamante. Aguerria-lhe o carão tismado uma gualteira de penacho, de feição de celada. Pelos golpes do pelote frizado, tufavam ondas sangüíneas do gibão de setim. E logo o conde de Vimioso, que com outros fidalgos praticava desenfadadamente, acudiu com um remoque zombeteiro:

— Que teria feito aquele cão para lhe darem tamanhas cutiladas?

João de Sá ouviu o remoque, e mais as gargalhadas que o coroaram. Mas não fez caso. Cumprimentou com o cerimonial da etiqueta, e encaminhou-se majestosamente para a câmara régia, onde tinha permanente entrada.

Atravessou o aposento, no meio de exclamações alvoroçadas da luzida assistência, e foi beijar a mão a Sua Alteza.

— Porque me faltais há dias, João de Sá? — interrogou com benignidade o monarca.

E uma voz escarminha respondeu, do canto da sala:

— Com a chuva teve mêdo de destingir.

O negro varou com uma olhadela cortante o interruptor, e replicou, atalhando as risadas:

— Não tive mêdo, Gil Vicente! Sempre me sucedera melhor que ao vosso negro da *Frá-*

*gua de Amor*. Porque eu falo português claro, ao passo que êle, se convosco aprendesse, não falaria nem negro nem português.

De boa mente acolheu o poeta a retaliação do ribaldo. E um tiroteio de chufas se ia de-certo estabelecer, muito a contento do rei a quem desanuviava, quando, a propósito das chuvadas e temporais, o caçador-mor D. Henrique Henriques acudiu com esta notícia, colhida numa excursão recente:

— Desabou um lanço de parede no castelo de Tôrres Vedras.

— Em que sítio do castelo? — perguntou el-rei com indiferença.

— Parece que foi na tôrre, que serve agora de prisão.

Neste ponto, a indiferença do monarca transmudou-se visivelmente em interêsse. E pronunciou-se na assistência um movimento geral de curiosidade.

— E... ficou alguém maltratado? — inquiriu D. João III com voz lenta.

— Dizem que sim, senhor — redarguiu D. Henrique com certa hesitação. — O preso que ali se acha por ordem de Vossa Alteza...

Ouviu-se uma exclamação, requebrada de ansiedade:

— O senhor D. Duarte!



Irrompera espontânea da bôca de João de Sá.

Todos os olhares seguiram o olhar severo do soberano, o qual se fixava no interruptor. A fôscas face enfiára; ainda no tremor convulso dos grossos beiços se denunciava a angústia; e branquejavam duramente os globos dos olhos, revolteando nas órbitas assedadas de cílios hirsutos.

Fêz-se um silêncio, tocado de assombro.

A muitos dos circunstantes pesava o desastre, vagamente anunciado. D. Duarte de Menezes tinha ali parentes próximos e amigos mais ou menos provados. Todos ansiariam por esclarecer a nova; nenhum se atrevia porém a arrostar com o desfavor do monarca.

— Esperemos as novas que vierem — disse êste por fim, sem desprezar a vista de João de Sá. — Apraz-me que ninguém da minha côrte as procure mais de perto.

Mudou-se de assunto. Mas dali por diante decorreu desanimada e tristonha a audiência.

Quando João de Sá, sorumbático e apreenhivo, se foi despedir do soberano, ouviu dêle êste aviso ríspido:

— Não deixes de vir vêr-me estes dias próximos, João de Sá, se não queres incorrer no meu desagrado.

O negro saiu, menos empavonado e arro-

gante do que entrara. Debalde cá fora os cortesãos lhe puxaram pela língua. Sôbre o seu pobre coração pesavam receios de maior desdita; nas suas largas orelhas zunia, como granizada de frechas sibilantes, a frase que acabava de escutar à régia voz fanhosa.

Mas, apesar da ameaça, três dias rodaram sem que apparecesse aos olhos de D. João III a sua figura esgalgada e maliciosa, como de sátiro careteando em capitel gótico. É mais que provável que não passasse despercebida ao rei a ausência de quem preenchia tantas vezes officio de jogral pação. Mas nem uma palavra assinalou o reparo.

Até que no quarto dia, na pitigada do favorito conde da Castanheira, o negro se escoou para a câmara régia, e se curvou para beijar a mão, dispensadora de mercês e de penas. Vinha rastejante como perro temeroso de castigo, mas a iris preta rutilava nas alvas esboghadas.

— Onde estivestes estes dias, João de Sá? — perguntou el-rei, franzindo a testa lisa de juvenillidade.

— Senhor — titubeou o negro — estive mal disposto...

— Não mintais! — atalhou asperamente D. João III. — Estivestes em Tôrres Vedras. João de Sá caiu de joelhos aos pés do mo-



marca. As suas grossas feições distenderam-se ou contrairam-se, tornando em hediondez a fealdade nativa do semblante. Nos olhos borbulharam-lhe lágrimas, e as longas mãos osudas estenderam-se, como a servir de amparo contra os esperados golpes.

— Perdão, senhor! — balbuciou êle. — Em casa do sr. Conde Prior fui criado; o sr. D. Duarte foi sempre para mim um bom amo. Eu ansiava por sua vida. Fui saber dêle... Mercê de Deus que pouco valeu o desastre... Mas se eu não soubesse, morria de inquietação... Perdô-me Vossa Alteza...

O rei escutava reflexivo, arredando de si aquele farrapo soluçante.

— Levantai-vos, homem! — disse êle impaciente.

Interveio o conde da Castanheira, que obrigou o negro a erguer-se.

— Qual o castigo que lhe ordenais, senhor? — perguntou o favorito, desmentindo com o olhar irónico a dureza da pergunta.

Calou-se por momentos o rei, em quanto, de cabeça curva como um condenado, sacudido ainda com soluços o arcabouço esquelético, João de Sá oscilava sôbre as pernas esguias, envoltas em calções de tafetá verde-doengo.

D. João III abrangeu-o com os olhos papu-

dos, e não pôde suster um sorriso, misto de mofa e de piedade.

— Não, conde — disse o rei lentamente. — Vejo que êle se aventurou a cair da minha graça por amor que tem a quem o criou. Onde existe êste amor e tanta fidelidade, tudo se perdoa. Vai-te em boa hora, João de Sá.



## O almotacel

### I

Na aurora da quotidiana bebedeira, chegava Maria Parda ao limiar da tasca do Martim Alho, na travessa de Mata-Porcos, onde a luz do sol se joeirava escassa pela nêsga intercalar dos quarteirões pançudos.

De dentro, uma algazarra monstruosa a acolheu:

— Eh! Maria Parda!

— Eh! odre fedorento!

— Vens encher a matula, para alumiares S. Benedito?

— Vens meter-te de vinha de alhos, santola de Guiné?

Êstes, e quejandos dichotes, alguns de sabor mais plebeu ainda, surdiam das entranhas lóbregas da taverna, onde uma turba de mestrais, de remolares, de mareantes, abancava diante de pichéis de vinhaça, de pratéis de almonjava e de sardinha, de escudelas de azeitonas, de cogulos de broa em bandejas



de estanho. E num mar de gargalhadas posantes tanto mais sobrenadava cada chufa, quanto mais desbragada saísse.

A mulata escutava, arreganhando num sorriso idiota a beiçola que uma postema asquerosa inflava, descortinando num penoso erguer das pálpebras as alvas laivadas de sangue.

Dos frangalhos da touca escorriam-lhe farripas untuosas sôbre o bronze sujo da testa. Um alquicé esfarrapado escorregava-lhe dos ombros ossudos, descobrindo o sainho ennodado, por cujas fendas espreitava a carne fusca, bolsando na descambadela dos seios. E vagamente alvejava a palma da mão, estendida para o interior num gesto de quem reclama silêncio.

Quando a algazarra serenou um pouco:

— Martim Alho, mano, amigo, uma canada de Seixal! — rouquejou ela com intimativa.

E em quanto as pernas semi-nuas, abrindo em compasso sob a fraldilha esfiampada, a conduziam com certa firmeza à beira do balcão, uma nova salva de gargalhadas estentorianas abalava as vigas maciças do teto esfumaçado.

Entre as vaias e as zombarias dos frêgueses, ouviu-se então a voz aflautada de Martim Alho, a cujo busto redondo, mal entrouxado num pelote de fustão, servia de plinto o balcão verdeoengo.

— Amiga, quem quer fogo busque a lenha. trazeis dinheiro?

Com gesto triunfante, mostrando numa risada frouxa o alvor da dentadura na sêpia do carão, Maria Parda espalmou a mão esquerda, onde luziam quatro minúsculos cinquinhos ennodoados.

— Toma! — bradou um ferreiro de cara encarvoçada e avental de couro. — Onde coahaste essa fortuna, tição?

— Vendeste a cota de brocado? — acudiu um mareante com rude sarcasmo.

— Ou empenhaste os teus paços de Beni? — acrescentou um calafate alourado e vesgo.

E as chufas recomeçavam a chicotear a hedionda mulata, que explicava no meio do alarido:

— É a minha mantilha que eu vou acabar de beber. Tinha-me custado dois cruzados, e deram-me por ela catorze cinquinhos, não mais.

Mas o taverneiro, que assistia impassível à contenda, julgou finalmente o ensejo azado para intervir. Com um leve sopapo na mão da beberona, ainda espalmada acima do balcão, inquiriu mofando:

— Para que serve isto, cadela negra?

— Boa vai ela! — redarguiu a Parda. — Para uma canada, já disse.



— Se queres uma canada, pespega aí trinta reais!

Os olhos da mulher esgazearam-se perante a inesperada exigência, em quanto os de Martim Alho, vivos e irónicos, pareciam esgaravatar-lhe a alma através da fula fisionomia.

— A vintém é que está taxada a canada — obtemperou a mulata, rolando com indignação as palavras pelos beiços franzidos.

— A trinta reais a vendo eu. Se não quiseses, vai matar a sêde no Poço do Tinhoso.

A retumbância das gargalhadas do taverneiro, diante do aspecto angustiado da Parada, alastrou para a betesga, como um comêço de arruaça. Mas esmoreceu quási de súbito.

Projectara-se pelo recinto da taverna uma grande sombra. No ádito da porta, por onde penetrava a escassa claridade, enfileiravam-se três vultos. O do meio, um pouco mais avançado para o interior, era o de um homem alto e grisalho, envolto numa beca de veludo negro, com enormes óculos encavalados no nariz aquilino, uma vara na mão ossuda. Os companheiros eram dois beleguins espadaúdos, igualmente vestidos de negro.

E logo passou de bôca em bôca o nome do almotacel das execuções Gaspar de Vera, temido por quantos vendilhões violavam as taxas da estiva e da almotaçaria, respeitado

pela populaça onde corria fama da sua integridade.

— Esta mulher é uma bêbeda e uma rascoã, mas desta feita tem razão — disse lentamente Gaspar de Vera no meio do silêncio respeitoso. — A taxa do vinho é um vintém por canada. E el-rei nosso senhor manda castigar quem ousar exceder êste preço.

Todos escutavam atentos, tendo-se na maioria erguido em sinal de deferência. Só no rosto vermelho de Martim Alho, sempre encostado ao balcão, não se desmanchou o sorriso irónico.

O almotacel deu mais um passo, e bradou para os beleguins:

— Levai êsse homem para o Tronco.

Antes, porém, que os beleguins chegassem ao balcão, o tasqueiro introduzira nas profundezas do pelote a mão avinhada, e sacara um papel amarrotado e enxovalhado, que desdobrava diante de si como se fôra um broquel.

— Senhor almotacel — sibilou êle com malícia — não posso ser preso. Tenho privilégio de moedeiro, conforme vereis neste papel.

O documento, por intermédio dos beleguins, passou às mãos do magistrado, que o percorreu num relance de olhos, sem indício de



perturbação. Em seguida, devolveu-o com a mesma compostura, e exclamou sem pestanejar:

—Travais-me na língua conforme é vosso mister, senhor Martim Alho.

E carregou intencionalmente na alcunha ou apelido do homem. Depois prosseguiu, dirigindo-se a taverneiro e frêgueses:

—Ficai-vos entretanto em santa paz.

Com um aceno autoritário aos beleguins, Gaspar de Vera retirou-se tranqüilamente, seguido por êles.

Todos os circunstantes se entreolharam, antes de quaisquer comentários à inesperada visita. Martim Alho, relanceando pela quadra um olhar astuto, esfregava as mãos encardidas de vinho, e recomeçava com a maior serenidade a dar ordens ao moço da tasca para aviamento dos clientes.

Foi Maria Parda, que se mantivera espêcada ao pé do balcão, quem quebrou o silêncio, regougando:

—Vou matar a sequia à mana Falula ou ao tio João do Lumiar. Me leve a breca se lá não encontro melhor acolheita.

—Vai com Deus, tição negro! —acudiu o ferreiro.—Que êsses não teem privilégios de moedeiros.

—A não ser que te contentes com dois

quartilhos, pelo teu vintém—disse outro frêguês, alentado carpinteiro da Ribeira.

Mas Martim Alho atalhou com presteza:

—Deixai-a lá, amigos! Eu dispenso-lhe a frêguesia. Vai espernear para onde Deus fôr servido, carocha!

A presença de Maria Parda, mau grado as vaias e apupos com que a saudavam, era todavia grata à maioria da clientela. Disfrutar-lhe a bebedeira constituia um dos espectáculos favoritos do povolêu. Por isso houve logo quem alvitrasse completar com dois cinquinhos de subscrição a importância da canada, exigida pelo ávido taverneiro. E não tardou que a mulata, abancada diante da mesa de pinho, mergulhasse a beijoleta num espumante pichel de Seixal.

De mistura com os habituais gracejos que continuavam a chover sôbre a desgraçada, referviam comentários acêrca da malograda intervenção da autoridade.

—Pregou-lha na menina do ôlho, o demo do Martim Alho!—era a síntese das observações plebeias.

Apenas o calafate vesgo, cotovelos fincados na mesa, queixo apertado na bifurcação do polegar e do índice, ponderava reflexivo:

—Hum! Gaspar de Vera não é homem que se deixe lograr. Ouvistes bem o que êle disse?



— Que foi?

— «Ficai-vos entretanto em santa paz!»  
Entretanto—disse êle.—Espera-lhe pela pancada.

— Tenho as costas largas — resmungou Martim Alho, que enchia um cangirão a uma pipa encanteirada ao fundo da tasca.

— Melhor assentará nelas a vara do almotacel — casquinou o ferreiro, beberricando.

— Tão duras são que a podem quebrar —olveu de novo Martim Alho, passando às mãos do moço o cangirão transbordante.

— Nunca fiando — rosnou o ferreiro que enxugava a bôca à manga da camisa encavoadada.

Mas breve se mudou de matéria. Maria Parda tornou a concentrar as atenções gerais. Estimulada pelas pecuínhas, a mulata encetou uma sábia dissertação sôbre as qualidades dos variados sumos de uvas que lhe haviam passado pelos gorgomilos.

— Os de Riba de Ave são capazes de levantar mortos da cova — tartamudeava ela, embutindo uma canada suplementar que de vera à generosidade da turba.—Mas não me faleis nos de Santarém e nos de Óbidos, que isso é peçonha capaz de trazer outra peste ao reino. Puf!...

E tal fôrça teve a assoprada de tédio que

se ergueram protestos contra o avinhado orvalho que borrifou cabeças várias. Mas êste clamor indignado teve uma interrupção repentina. Á entrada da taverna, a voz caracteristicamente fanhosa de um porteiro da almotaçaria retumbava pela estreita rua e engolfava pelos recessos da venda, num pregão do seguinte teor:

— Manda El-rei nosso senhor que ninguém compre vinho na taverna do chamado Martim Alho, sob pena de cinquenta cruzados de multa e dois anos de degrêdo no Alentejo.

— Misericórdia! — foi o grito que espontaneamente ejaculou das goelas do taverneiro, de cujas mãos desabou, fazendo-se em pedaços, o cangirão cheio de vinho.

Ao mesmo tempo, num movimento de pânico, todos os fregueses se precipitaram para a porta, acotovelando-se, praguejando, atropelando-se, como se a mão do fisco já lhes assomasse ao bocal das algibeiras e o braço dos meirinhos os empolgasse pela gola para os atirar à desolação de Castro-Marim.

E no meio do tumulto esganiçava-se a voz envinagrada da Maria Parda, a qual lançava mão de um pichel bojudo e repleto, bradando:

— El-rei manda que se não compre, mas concede que se furte.

Na cauda do tropel fugitivo, o calafate



vêsgo voltava-se para o apavorado taverneiro, e dizia com serenidade:

— Não vos dizia eu, Martim Alho? Com teu amo não jogues as pêras!

## II

— Vêde o que dizem as *Ordenações* do senhor rei D. Manuel, que Deus haja: «E se o carniceiro pesar por falso pêso, ou a medeira ou medidor por falsa medida, sejam presos, e faça-se dêles direito e justiça, e além dêle os sobreditos hajam as penas que são conteúdas no título do almotacel-mor». Assim, pois, pagareis as coimas que a lei prescreve; e quanto ao mais castigo, contento-me que passeis um dia à vergonha ao pé do Pelourinho. Que menor pena vos hei-de eu dar?

Isto dizia o almotacel das execuções, Gaspar de Vera, sentado ao bufete da almotaçaria, folheando o grosso volume das *Ordenações*, e traspassando as enormes lentes dos óculos com a vista aguda. O alvo que ela buscava era o opulento marchante Rodrigo Mendes, o qual, em pé defronte dêle, dobrava ao de leve

o busto atarracado sôbre a borda do bufete. A côr desbotava-se nas feições flácidas do seu rosto, e um convulsivo tremor lhe sacudia os lábios carnudos.

— Empicotado, eu? — balbuciou êle. — Eu, o marchante mais considerado do Rossio! E acha Vossa Mercê que é mesquinha a pena? É a minha ruína, senhor almotacel, isso de me exporem às vaias da população!

— No castigo em que incorréis devêreis de pensar, senhor Rodrigo Mendes, antes de enganardes com um pêso falso a população a quem temeis agora — redarguiu Gaspar de Vera, tamborilando negligentemente com os dedos ossudos na capa pergaminácea das *Ordenações*.

O marchante curvou a fronte, aljofrada de suor, e murmurou por forma que o não ouvisse o meirinho postado à porta do aposento:

— Saberá Vossa Mercê que eu estou pronto a todos os sacrifícios para resgatar a falta e evitar o castigo...

— O castigo, só Sua Alteza poderá perdoá-lo agora — disse em voz alta e clara o almotacel, em quanto um sorriso irónico lhe franzia a bôca delgada.

Depois, antes que Rodrigo Mendes pudesse formular a réplica que já lhe acudia aos lábios, levantou-se, exclamando:



— Por mim, nada mais tenho a ouvir.

E dirigindo-se ao meirinho:

— Levai o preso para o Tronco, em quanto não se cumpre a pena.

O marchante saiu, abaülando o dorso, limpando o suor às costas da mão gorducha, trocando as pernas nos passos hesitantes, olhando de revés para o espadaúdo meirinho que o acompanhava.

Gaspar de Vera agarrou a sua vara, encostada ao espaldar da cadeira, e retirou-se.

Durante o resto do dia, durante parte da noite, a mais desvairada concorrência afluuiu a casa do almotacel. Viram-se entre ela personagens gradas, pagens e servos com missivas, peões e cavaleiros, fidalgos e burgueses. Na estreita rua dos Escudeiros, onde ficava a residência, houve na vizinhança quem reconhecesse entre os visitantes o nobre conde da Feira, o velho D. Pedro de Mascarenhas, que fôra embaixador em Roma, alguns familiares do Santo Ofício. Á boquinha da noite, até uma rica liteira parára à porta do magistrado, ejaculando de entre as cortinas de sêda uma aia velha de fraldilha negra. E as bisbilhoteiras do sítio tinham arrancado ao liteireiro a declaração de que estava ao serviço da Pelicana, a quem o infante D. Luís, irmão de el-rei, devia a existência de progénie.

Todos os visitantes safam visivelmente contrariados, e alguns impacientes. Houve quem ouvisse praguejar, ao montar para o seu ginete ruço, um fidalgo que as sombras da noite não deixaram reconhecer.

— Velho entirrado! — foram as palavras que entre as imprecações ressoaram nítidas.

Mas de manhã cedo, as comadres mais madrugadoras viram um pagem de el-rei D. João III transpor o limiar da porta de Gaspar de Vera, e sair pouco depois sem o papel que levava na mão à entrada.

Não largaram as janelas, à espreita do que mais sucedesse. Não tardou meia hora que a sua curiosidade fôsse satisfeita. Na sua beca de veludo negro, empunhando a vara simbólica do seu cargo, o almotacel das execuções saiu de casa, e encaminhou-se a passos largos para a banda do Paço da Ribeira.

Trepou a escada marmórea, passou por entre os alabardeiros postados à entrada das salas, e logo um camareiro o introduziu, como se ansiosamente o esperassem, no gabinete onde el-rei se encontrava.

— Bemvindo sois, Gaspar de Vera! — saudou D. João III amenizando a voz fanhosa, apenas o almotacel assomou ao limiar, antes mesmo que êste houvesse beijado a mão régia.

— Vossa Alteza dignou-se mandar-me à



sua presença — disse o magistrado ao desfazer a vénia. — Aqui me tendes, como sempre, ao vosso serviço.

El-rei estava sentado numa cadeira de espaldas, diante de uma credência laqueada da Índia, e brincava negligentemente com uma adaga de pedrarias, dádiva de um potentado do Oriente. Alongou a mão, apontando com a adaga um tamborete, estofado de veludo de Meca.

— Assentai-vos, amigo — disse benignamente. — Na vossa idade já cansam as subidas. Assentai-vos, por Deus!

Obrigado pela instância, Vera venceu as primeiras hesitações, e sentou-se próximo do monarca. Êste encetou abruptamente a prática.

— Os perros mouros não descansam de fazer cativos. O meu tesouro está sangrado com resgates. Os bons frades da Trindade não tem mãos a medir, nem esmolas que lhes cheguem para arrancar cristãos ao cativo. Não é só a tortura dos corpos, é também, e sobretudo, a perdição das almas. Que lástima! Sabeis quantos cativos portugueses existem em Argel? Duzentos e dez, nada menos. Mais de cem foram agora agarrados por Çala Ráez, nas cinco caravelas de Inácio Nunes, que iam em socorro de el-rei de Belez. Que vos parece?

Gaspar de Vera viu-se forçado a preencher a pausa.

— Uma lástima, como muito bem diz Vossa Alteza — redarguiu êle, parafusando para atinar com o intuito a que visava aquela diversão.

Mas D. João III pareceu não ficar satisfeito com o conciso da réplica. Numa evidente perplexidade, afagou com a mão alva, luzente de anéis, a espessa barba negra. E, como se cobrasse ânimo, disse de um jacto:

— Amigo, está em vossa mão concorrerdes para o santo serviço do resgate.

— Na minha mão, senhor? — interrogou o almotacel estarrecido.

— Sim. Quinhentos cruzados me prometem para resgate de dois cativos, pelo menos. Não julgais que deva aceitá-los?

— Certamente — volveu Gaspar de Vera, deixando lampear nos olhos pardos os primeiros raios de inteligência.

— Sabeis quem os promete?

Vera respondeu com um encolher de ombros significativo.

E o rei explicou-se em voz pausada:

— É o marchante Rodrigo Mendes. Escusado é declarar-vos quais as condições.

E como o magistrado acolhesse a revelação com um silêncio gelado, D. João III, tornando



a menear a adaga e seguindo com a vista as faiscas que dela arrancava a luz, perguntou de novo:

— Que vos parece?

— Parece-me bem — replicou friamente o almotacel erguendo-se.

Em seguida, levou aos lábios o cabo da vara, encaminhou-se para um dos cantos do aposento, e arrimou-a à parede.

D. João III contemplava-o atônito.

— Senhor — disse com solenidade Gaspar de Vera, aprumando a estatura e fitando resolutamente o rei — aqui vos deixo a vara da almotaçaria. Peço a Vossa Alteza a mande sem demora servir a outrem.

O rei de Portugal levantara-se. Uma vermelhidão súbita lhe acudiu às faces. Susteve um gesto irritado. Deu dois passos para o almotacel, e perguntou com leve tremura na voz:

— Parece-vos, pois, melhor envergonhar êsse homem do que resgatar dois cativos?

Respondeu-lhe um gesto enérgico de assentimento.

— Porquê? — clamou o rei, ferindo com a adaga, que arremessou, a laca vermelha da credência.

Então, o magistrado redarguiu com altiva serenidade:

— Senhor, porque não é justo nem razão dizer-se nos reinos estranhos que a justiça de Vossa Alteza se vende por dinheiro.

D. João III estacou um momento, reflexivo. Deu em seguida dois passeios a tôda a largura do aposento. Depois dirigiu-se ao canto onde estava a vara, tomou-a na mão, e estendeu-a para o almotacel.

— Tendes razão, amigo — disse comovido. — A vara da justiça bem cabe em mãos leais como a vossa. Oxalá fôsem como vós todos quantos em meu nome a empunham!



## O cestinho de figos

Sôbre as águas levemente arrepiadas do Tejo, ondeia, picada de harpejos de viola, uma suave toadilha de vozes másculas:

Por las riberas del rio  
Limonos coge la virgo:  
Quiero me ir allá,  
Por mirar al ruiseñor  
Como cantaba.

A melodia exalava-se de um barco ribatejano, pesado e tósco, fendendo a água com as bochechas túmidas, à flor das quais se arregalavam enormes olhos de vermelhão e ocre. Aprumava-se à proa o barqueiro, abrutado e barbudo; e o seu barrete vermelho oscilava no menear freqüente da longa vara, empunhada nas mãos felpudas, com que guiava o barco pelo meandro dos alfaques.

Mas do lado da pôpa, contrastava com a rudeza do baixel e do arrais a riqueza do improvisado tôlido de sêda azul, que se esfiam-



pava no duro abraço das atacas de esparto. E dois rapazitos, um de onze, outro de oito anos, emergiam a miúdo de sob o tóido, pulavam pelas bancadas, corriam sôbre as antenas, rindo, bracejando, chalrando, enxovalhando no breu da mareagem e no alcatrão da cordoalha os garridos pelotes gironados e as finas mãos em que luziam diamantes.

Eram essas duas crianças os senhores infantês D. Henrique e D. Duarte, filhos do defunto rei D. Manuel e irmãos do monarca reinante em Portugal, D. João III.

Sôbre o leito de pôpa, numa cadeira de espaldas, sentava-se outro rapazote, de aspecto mais sisudo e altaneiro, como convinha aos seus graves catorze anos e à dignidade que revelava o purpúreo do largo sombreiro e da sotaina roçagante. Era êste o senhor infante D. Afonso, irmão mais velho dos outros príncipes, já alquebrado ao pêso de sete anos inteiros de cardinalato. E o seu rostinho macio e mulherengo encrespava-se de rugás severas, de cada vez que o borborinho travêssos dos régios manos, de quem se arvorara tutor, sobrepujara a música dos cantores e ministris. Êstes, sentados nas bancadas de ré ou no chão do tilhado, continuavam garganteando ou pontuando em pizzicato a toadilha sentimental:

Limones coge la virgo  
Para dar al su amigo:  
Quiero-me ir allá...

em quanto os serventuários dos príncipes, dispersos pelo leito de pôpa ou encostados à borda do barco, alongavam os olhos pelas campinas da Chamusca, crestadas de sol.

Um imprevisto achado detivera os pequenos infantês a meio do barco. Sôbre as sarretas encharcadas, oculto às vistas, encostado ao alcatrate, via-se um cestinho de vime, tapado com um pano branco. Sorrateiro e curioso, D. Duarte levantou o pano.

— Olha! são figos berjaçotes! — segredou para o irmão.

— E que ricos! — comentou D. Henrique, vendo o rubro da polpa a espreitar pelos rasgões da capa verde.

— São muito doces. Sabiam agora tão bem! Se nós...

E D. Duarte concluiu a frase com uma mímica manhosa.

— Não! isso não! — acudiu o outro, mais circunspecto. — Espera!

Com um aceno, chamou um criado, grisalho e grave, que se achava próximo, e murmurou-lhe ao ouvido algumas palavras.

Pouco tardou que o criado se acercasse do barqueiro.



— Bom homem — disse êle — os senhores infantes mandam-vos oferecer um vintém por aquele cêsto de figos...

— Má cainça os coma! — atalhou brutalmente o ribatejano, encostando o conto da vara ao arcabouço nu e lanzudo. — Nem por dois ou três vinténs, que os trago de encomenda para um fidalgo da Azinhaga. Não quereis ver o diabo dos fedelhos, gulosos como formigas...

— Está bem! Calai-vos, homem!

E o criado voltou com a desconsoladora resposta, sem pôr trégua à rosnadeira rabugenta do barqueiro.

Então os dois pequenos infantes reuniram-se em ciciado conciliábulo. E dali a pouco, envoltos, apesar da calma, nas suas capas de lila roxa, encaminhavam-se de manso para ré, em quanto o Cardialzinho que os tutelava, e tôda a restante assistência, se embeveciam nas requebradas modulações da cantiga:

Para dar al su amigo  
En un sombrero de sirgo.  
Quiero-me ir allá...

Com as pernas pendentes da borda do leito, tapando com as fraldas da lôba a porta que comunicava com a acanhada câmara da pôpa, achava-se uma respeitável personagem:

nada mais nada menos que o illustre sábio André de Rezende, aio comum de tôda a real progénie. Ao ver que os pequenos príncipes se insinuavam para dentro da câmara, quis-se afastar para não lhes tolher a claridade. Mas a cabeça loura e anelada de D. Duarte teve um vivo movimento de contrariedade, acentuada por uma contracção da fisionomia astuta. Então o sábio, com um sorriso benévolo, compreendeu que devia proteger o clandestino do caso, fazendo por melhor os encobrir.

Alguns minutos se passaram sem que mais ninguém desse pela ausência dos dois, em quanto o côro, arrastando a melopeia, alastrava pelos ares o estribilho:

Quiero-me ir allá  
Para ver al ruiseñor  
Como cantaba.

Eis que de repente, do lado da proa, se levanta uma algazarra rouquejante e desabrida:

— Rascões! Tunantes! Ladrões! Quem lhes quebrasse as queixadas! Quem os visse a bailar na fôrca! Bargantes! Ladrões!

E a língua desabusada do barqueiro desembestava nas mais soezes injúrias, nas quais não hesitava em conspurcar a memória da



senhora rainha defunta D. Maria de Castela, mãe dos delinqüentes.

— Grandes malvados!—berrava êle.—Duas trochadas boas lhes quisera eu assentar no fim dos lombos! Pois que não há justiça nesta terra para enforçar ladravazes!

Não havia pôr dique à indecente enxurrada, de regatão plebeu, por maiores esforços que fizesse o escandalizado auditório. Na carinha imberbe do senhor Cardial, o rubor denunciava a inteligência das duras palavras, aqui dulcificadas pela clemência dos eufemismos; e o seu sobrôlho franzido proclamava a irreverência com que na sua pessoa se fustigava o sangue régio e a majestade da Igreja.

Por fim, conseguiu a sua voz atiplada fazer-se ouvir no meio do borbórinho:

—Juízo, mestre! E dissei que queixume é o vosso.

E o barqueiro replicou, bracejando com fúria:

— Senhor, os desavergonhados furtaram-me um cestinho de figos que eu levava de encomenda. Assim êles tivessem rosalgar, para rebentarem êsses lambareiros, êsses velhaquetes, êsses...

E a suja litania ameaçava jorrar de novo, se um clamor aflautado não lhe fizesse repêsa.

— Calai-vos, que vo-lo mando!

Voltando-se para a gente de seu serviço, o Cardialzinho Infante acrescentou:

— Catai-me o barco por êsse malfadado cêsto, e indagai quem lhe deitou a mão...

Mas Mestre André de Rezende susteve-lhe o ímpeto, segredando com um sorriso de bonomia:

— Não mande Vossa Alteza tirar devassa, que eu me parece que os culpados são os Infantes.

— De-veras?

E a austera cabeça do sábio teve um aceno afirmativo.

— Vinde cá, mestre! — disse então o Cardial, em tom conciliatório. — Tomai um tostão pelos vossos figos. O cestinho há de aparecer. Não haja mais arruído, nem por amor de mim, faleis mais nomes feios contra os rascões...

— E contra os culpados do seu nascimento — acrescentou baixo Mestre André, com um lampejo de malícia no semblante circunspecto e glabro.

A venda vantajosa dos figos serenou de improviso o barqueiro, o qual tratou de desencalhar o barco, durante o conflito enxurrado na areia do fundo.

Mateiros, os dois régios meninos voltaram



dissimuladamente para a beira do irmão, no momento em que as vozes erguiam, sôbre o veludo da flauta, as bordaduras da estafada cantilena:

La bella mal maridada  
De las mas lindas que yo vi.

—Que tal achastes os figos?—preguntou baixinho o Cardial encarando com affectada severidade os dois criminosos.

D. Henrique baixou sonsamente a cabeça. Mas D. Duarte levantou para o mano purpurado os olhos castanhos e atrevidos, e redarguiu:

—Eram muito bons. Pela minha parte comi quinze.

E a sua língua vermelha lambia os beiços ainda enviscados da saborosa polpa.

—Bem vos parece pois—inquiriu o Cardialzinho com catadura de ríspido juiz—furtardes os figos alheios.

Como D. Henrique continuasse macambúzio, foi o Infantezinho mais novo quem respondeu ainda, sacudindo os caracóis de ouro:

—Senhor, perdôe-me Vossa Alteza. Mas o vilão do barqueiro não os quis dar por um vintém que lhe oferecemos. E vai então, redobrou-me o apetite dos figos com a raiva que lhe tive. Não sossegava, se não lhos apanhasse.

E, no meio dos risos, concluiu com mordacidade infantil:

—Era como se tivessem negado a Vossa Alteza êsse grande sombreiro encarnado, que tão bem lhe fica.



## Entrudada

Numa das câmaras do paço arquiiepiscopal de Évora, o senhor infante D. Duarte, irmão de el-rei D. João III, apetrechado para a caça, engulia uma parca refeição matutina.

Era nesse tempo um rapazote dos seus dezassete anos, de estatura meã e corporatura alentada. De sob a gualteira ordinária de pano verde, saíam-lhe farripas castanhas, e uma barbicha penugenta e castanha lhe pungia no rosto alvo. Ia-se engasgando com uma empada de lacão, sobressaltado por uma imprecação estridente, numa gerigonça anfbia, mesclada de português e castelhano:

—Pardiós! que para estes pollos todo tiempo es poco para encher las tripas!

Vociferava assim um homemzinho de cara glabra, cujas bochechas descaídas pareciam ceirões, pendentes dos extremos da bocarra estirada. Espreitava, encostado ao umbral da porta, esguichando para o interior o braço direito, em cujo punho um irrequieto açor



agitava a cabeça envolta num caparão cinzento.

— Que é isso, Pardales? — perguntou o infante, cravando nêle os olhos claros. — Não vêdes com que paciência me aguarda Marlot?

E apontou para um caçador espadaúdo e agigantado, trajando como o outro jaqueta de autona verde e calções de pardo de Castela. A um dos tôpos do aposento, curvava o rosto barbi-ruivo e afogueado, acariciando com mão negligente dois podengos à trela.

O castelhano redarguiu ao infante, encolhendo desdenhosamente os ombros:

— Marlot no es home. Es inglês. Tiene sangre de peixe. Vuestra Alteza vino de Lisboa a toda prisa a visitar su hermano el señor cardial. E ahora está mui descansado. E las garzas no esperam. Las horas van corriendo...

Mas o infante já não o ouvia. Acercara-se dêle um dos porteiros do cardial-infante D. Afonso, e segredava-lhe coisas que em riso mal disfarçado lhe franziam o rosto de adolescente.

Terminada a confidência, virou-se de novo para Pardales, acenando com uma rotunda maçã que tirara de um açafate de prata.

— Deixai-me comer o postre, e já sou convosco. Entrementes, Pardales, regalai-vos com

esta bela maçã san-martinha que de Lamego enviaram ao cardial.

Rosnando sempre pragas desconcertadas para ouvidos cortesãos, o espanhol chegou-se à mesa, empolgou o rosado pomo, e retirou-se para o vão de uma janela, começando a inchar as bochechas flácidas com a sumarenta polpa.

Entretanto, D. Duarte, tasquinhando com juvenil apetite, ora enviesava os olhos maliciosos para o amofinado Pardales, ora os fitava na larga porta que dava sôbre o corredor.

Até que dessa banda irrompeu um vozear esganiçado, entrecortado por exclamações varonis de porteiros e caçadores:

— Justicia, justicia!

— Arredai-vos! — Rua! — Sumi-vos!

— Justicia!

E, no meio da estupefacção e do tumulto, rebolou para dentro da câmara uma mulherçada de manto coberto e rebuçada à castelhana, deixando ver apenas uns olhos vivos e um narigão adunco pela abertura do rebuço.

— Que há de novo? — bradou o Infante, brandindo a faca com que ia descascando a fruta.

Mas no mesmo instante, caía-lhe aos pés a criatura, sem dar trégua aos berros estrídulos:

— Justicia, señor, justicia!



Barafustava entre as garras da gente de serviço. Mas, num gesto, o Infante mandou afastar todos, exclamando:

— Deixai-a falar. Não se invoca de balde a justiça de um príncipe. Que pretendeis, mulher? Contra quem pedis justiça?

Então, lagrimejantes e agudos, surdiram das dobras do manto êstes lamentos:

— Señor, contra aquel mal hombre...

E um indicador nodoso espetava-se na direcção de Pardales.

— Aquel mal hombre, que tiene un pajaró en la mano... El me sacó de Castilla de casa de mi padre, con promessa y juramento de casarse conmigo...

E um soluço possante cortou a fala.

— Y dejóme como traidor, y tomó no menos de dos, ó tres, con que está abarregado.

— Yó? — bradou o caçador espanhol, esbugalhando os olhos pardos e abanando o açor, que abriu as asas num ruflar ruidoso.

— Tu, tu — volveu a mulher entre gemidos, deixando cair a cabeça sôbre a fraldilha alastrada pelo chão.

Pardales adiantou-se para o infante, protestando em tom solene:

— Señor, juro a los Santos quatro Evangellos que miente, que nunca tal fué, ni sé que diablo de mujer sea esta.

Nisto, a mulheraça levantou-se num ímpeto de fúria, estendendo para êle os punhos cerrados:

— Ay mal hombre! quemado seas por mal christiano! Mire Vuestra Alteza aquel descaçado, con que desvergüenza niega la verdad! Y como mujer era yo para ansi perderme por un cabeza de barril?

Uma risada unânime ecoou pelo aposento, desmanchando a fleuma do próprio Marlot e a afectada compostura do príncipe.

A lamurienta castelhana desembestava ao mesmo tempo em impropérios grotescos contra o caçador, o qual acumulava desmentidos e protestos, misturados de injúrias desbragadas. E o Infante de balde procurava tolher os frouxos de riso, com que os circunstantes acompanhavam a inesperada scena.

De repente, a mulher avançou para o Pardales, aferrou-lhe vigorosamente os braços, e começou a pular com desatino, bradando:

— Ven acá, vellaco, que tu me solias alabar de bailador. Baila ahora aqui conmigo delante de su Alteza.

Aos pinchos, tropeçava na orla da fraldilha desalinhada. Vascolejava o mísero Pardales, que se debatia por desenvencilhar-se dela. Caía-lhe o rebuço, abria-se-lhe o manto, es-corregava-lhe dos ombros largos. E patentea-



va-se um carão viril, em cujas faces tismadas abrolhavam pêlos duros.

— O Filipe de Brito! — exclamou quási à uma a assistência.

Era um porteiro do Cardial-Infante, célebre pela habilidade de contrafazer linguagens e inventar chocarrices, folião incorrigível que escandalizava com gargalhadas as carrancudas paredes do paço eborense.

— Que bem fizestes a vossa parte, Filipe de Brito! — disse o Infante, dando largas ao riso, em que todos às escâncaras o acompanhavam agora.

Mas Pardales entrara numa crise de fúria.

— Juro a Diós que me voy para mi casa.

Largava o açor a um dos caçadores, e encaminhava-se, vomitando doestos, para a porta de entrada.

— Me voy para mi tierra, con mil diablos!

Fuzilavam-lhe os olhos, tremiam-lhe as bochechas moles, sibilavam-lhe as palavras por entre as dentuças cerradas. E a sua cólera mais excitava a ruidosa alegria.

O Infante erguera-se. Pôs-lhe a mão na espalda virada de arremêso, e disse brandamente:

— Que coisa é esta, Pardales amigo? Porque estais tão merencório? Assim me quereis deixar, a mim que vos estimo tanto?

E alongava-lhe pelos ombros o braço, cingindo-o de encontro ao peito.

Mas o espanhol, cada vez mais embravecido, sacudia-se como um fraldiqueiro encharcado.

— Deje-me Vuestra Alteza — resmoneava êle — deje-me que no tengo de ir com el, pues que en su presencia me injurió áquel truan.

Então o Infante, afagando-lhe a pelugem grisalha do toutiço, insinuou-lhe afávelmente:

— Olhai, Pardales! não cabe injúria em coisas de folgar e de caça! Sofrei-o vós, e levai-o em jôgo. Também eu soffro que vós na caça renegueis da mãe que me deu à luz. E mais sou filho de rainha, e de rainha honrada. Ora vamos! Se ainda vos haveis por injuriado, eu estou que vos dareis por pago da injúria com trinta cruzados...

O rosto glabro do castelhano voltou-se lentamente para o príncipe, iluminando-se.

— Trinta cruzados, sim! — concluiu êste, — de que vos faço mercê para um vestido.

Ouviu-se neste momento a voz zombeteira de Filipe de Brito, que, já no seu natural, exclamou:

— Pardales, quanto me dareis vós para vos injuriar outra vez?



## Fora da lei

Prestes a partir para Almeirim, D. João III havia dito, com severa catadura, ao corregedor da côrte:

— Amigo, pesa-me ver que há mingua de vigilância nas prisões do Estado. Chegou ao meu conhecimento que do Limoeiro, poucos dias há, se tinha evadido um preso.

— É certo, senhor — redarguiu o magistrado. — Eu tomarei contas ao meirinho das cadeias. Em todo o caso, espero dentro em pouco descobrir o paradeiro do homem. Sei que êle anda a monte por terras do Ribatejo, no propósito de se escapulir para fora do reino. Há de custar-nos a have-lo às mãos. É homem decidido. Vossa Alteza conhece-o bem.

— Conheço-o?

— Sim. É criado vosso.

— Seu nome?

— Gaspar Martins.

A testa de el-rei franziu-se, como num esforço de memória.



— Lembro-me, lembro-me — disse lentamente. — Não me parecia de ruim feitio. Era fiel e não remisso. Qual foi o seu crime?

— Matou um roupavelheiro onzeneiro...

— Pouco se perdeu — atalhou o rei, encolhendo os ombros.

— E depois ainda feriu um meirinho que ia prende-lo...

— Feriu um meirinho? Desacatou a minha justiça! Todo o rigor é pouco. Deitai-lhe a mão, e quanto antes. Se era meu criado, mais grave é ainda o seu delicto. A fôrça do Campo da Lã está à espera dêle. Não a deixeis viúva.

Com estas terríveis palavras despediu D. João III o corregedor da côrte. Do cais da Ribeira erguia-se uma celeuma, que entrava às baforadas pela ventana, aberta sôbre o Tejo. Era a galeota real que o aguardava. Era propícia a maré, e o vento de feição. A turba dos oficiais da côrte, sargenteando à porta do paço que dava acesso ao cais, impacientava-se com a demora. E Sua Alteza a Rainha por duas vezes mandara prevenir que estava prestes para a jornada.

El-rei deu, pois, trégua aos altos negócios do Estado, e desceu dos seus aposentos. Um quarto de hora passado, a galeota régia, com a flotilha de faluas e fustas que lhe formavam séquito, riscava de estrias argêntas o manto

esverdeado das águas, subindo lentamente o Tejo.

Dias de inverno seguiram, tecidos entre caçadas e folguedos na estância aprazível de Almeirim, tão cara a D. João III. E o espírito contemplativo do monarca, alheando-se dos cuidados da governança, embevecia-se de bom grado, mais porventura do que no espectáculo da natureza, no agridoce ruminar das suas saüdades. Surgiam-lhe as lembranças, ainda não longínquas, da sua mocidade, enlutada pela paixão senil de seu pai, que lhe furtara a noiva apetecida. E revia com os olhos da imaginação essa adorável figura de D. Leonor de Áustria, também sacrificada porventura, em terras de Espanha, aos desígnios imperiais de seu poderoso irmão Carlos V.

Nestas e quejandas cogitações se embrenhava uma manhã, muito cedo, sòzinho num recanto do jardim, onde costumava isolar-se, antes que o convívio da côrte o viesse trazer às realidades tumultuosas da vida.

O sol nascente tentava desembaraçar-se, como estremunhado, da cobertura de nuvens que ainda o envolvia. Uma luz discreta, amarrelenta, afagava ao de leve as folhagens encharcadas pelos chuveiros da noite. E aos embates da aragem fresca, últimos arquejos de um vendaval que se apaziguava, os arbus-



tos pareciam espreguiçar-se, antes de receber os beijos francos e rútilos do astro.

D. João III passeava na álea silenciosa, cruzadas as mãos sôbre as costas do tabardo aleonado. No azul escuro dos seus olhos apenas perpassavam fugitivas sombras, como ligeiros stratus num céu de bonança. E uns relances de sorriso lhe arqueavam a miúdo os lábios grossos.

Mas, súbito, estacou, num sobressalto leve. Seu vulto, um pouco obeso, teve um rápido estremecimento. Seu olhar, até então indciso e errante, fixou-se. A uma dúzia de passos, em frente dêle, agitara-se estranhamente uma moita de buxo, e dali proviera um restolhar intermitente.

Uma lebre evadida de coutada? Um gamo talvez? Quem sabe se algum malfeitor escondido?

Indigna cobardia fôra reclamar auxilio. O rei adiantou-se com denodo, e perguntou em voz forte:

— Está aí alguém?

E logo a seguir um vulto humano emergiu da moita. Era um esgalgado machacaz, de cujos ombros pendia um mantão de menim, enlameado e puído. Grenha ao vento, arrastava-se com as pernas ossudas em ângulo de genuflexão, as longas mãos unidas em gesto

de súplica, o olhar esgazeado fito implorativamente no semblante do soberano.

— Gaspar Martins! — murmurou êste último, detendo-se e franzindo o sobrôlho espêsso.

O adventício detivera-se também, silencioso, sem desmanchar a atitude de prece.

— A muito vos aventureis, vindo aqui a furto! — disse finalmente o rei. — Mereceis que já vos entregasse às minhas justiças, como revel e matador que sois. Mas não quero violar o asilo real que buscastes. Ide-vos entanto, ide sem detença, que escusado vos é implorardes o meu perdão.

O fugitivo apumou, porém, um pouco o magro busto, e lenta, soturna, levemente tinta de orgulho, a sua voz murmurou:

— Senhor, não venho pedir perdão a Vossa Alteza.

— A que vindes pois? — perguntou o rei surpreendido.

— Não venho em procura do meu rei, para lhe pedir perdão, — repetiu Gaspar. — Venho em busca de um amigo, para lhe rogar auxilio.

O monarca acentuou ainda o seu gesto de surpresa, acompanhando-o de uns vincos de sobranceira no rosto corado. Mas, num aceno imperioso, intimou ao suplicante que se explicasse.



— Senhor — disse êste, acercando-se mais, sempre rojando em terra os joelhos agudando a monte há mais de vinte dias. Fujo da morte que me espreita. Acossam-me por tôda a parte os beleguins, como alãos ao faro de um porco-montês. Preciso acolher-me a couto seguro. Só em Castela me livraria dos sabujos. Mas estou cansado, faminto, miserável. Tenho os pés em sangue, de tanto andar. Minha esmoleira está vazia de todo. Como poderei alcançar a fronteira, sem um ceutil para a jornada? Não tenho família aqui, nem protectores que me valham. Um amigo apenas me resta: é Vossa Alteza. Quinze ou dezasseis anos o tenho servido fielmente, como honrado servidor. Se me falha a vossa ajuda, entregar-me hei à justiça, e o mesmo quere dizer que meter o pescoço no baraço. Agora, que Vossa Alteza faça o que lhe aprouver.

D. João III escutava absorto a estranha lenga-lenga. Quando ela terminou, já entrecortada por mal reprimidos soluços, a voz fanhosa do rei ergueu-se, severa mas não desabrida.

— Foi mui grave o teu crime, homem. Não te lembraste do que me devias quando o cometeste.

— Senhor —olveu o mísero — foi des-

graça minha. Topei êsse roupavelheiro na rua de San-Gião. Eu tinha-lhe vendido um pelote e uns calções já usados. Vai êle, começou a altercar comigo, que eu lhe armara uma burla, que queria desfazer o contrato, e acabou por me chamar ladrão. Passou-me uma nuvem pelos olhos, eu tinha bebido uma pinga a mais na taverna da Branca Leda, atirei-me ao velho, lancei mão da adaga, dei cabo dêle. Eis aí está como foi.

— E o meirinho da minha justiça, não o atassalhaste?

— Verdade é, senhor. Os malditos correram logo ao arruído, saltaram-me em riba, como se eu fôra uma bêsta-fera, lançaram-me os gadanhos. Eu defendi-me conforme pude, sarilhando às cegas a adaga. Que culpa tenho eu, se a ponta do ferro encontrou carnes macias?

— Cala a bôca, homem — atalhou o rei, novamente carrancudo. — Afrontaste a justiça do teu rei. É crime que não merece perdão.

— Nem eu vo-lo imploro senhor — redarguiu Gaspar com firmeza não isenta de orgulho. — Já o disse. Sou criminoso. Para escapar da morte, não apelo para a clemência do rei; valho-me do affecto que mereço a meu amo.

Houve um silêncio de incerteza. Em quanto



o foragido aguardava, de olhar sereno, a decisão fatal do seu destino, no ânimo régio combatiam-se sentimentos contraditórios: de um lado, o zêlo da sua dignidade ofendida; do outro, a lealdade habilmente invocada. E mais que a piedade evangélica, mais que o pundonor cavalheiresco, uma lúcida imagem, tantas vezes visionada no remanso de Almeirim, parecia acenar ao soberano para que seguisse os impulsos generosos.

— Levanta-te! — disse por fim D. João III. — Aqui tens a minha barjoleta. Deve haver dentro dela umas oito ou dez dobras de ouro. Vai-te em boa hora.

Precipitou-se o desventurado, a beijar-lhe as mãos. E desta feita tinha os olhos afogados em lágrimas.

— Vai-te em boa hora — repetiu o rei com benigno sorriso. — Mas não digas a ninguém de onde houveste o salvamento. Não quero que ao manto real chamem capa de criminosos.

## O púcaro de água

Repontara a viração da tarde, fagueira, leve como um anélito de Eolo infantil... (Assim se diria nesse tempo de reminiscências clássicas)... Repontara, a temperar a pesada calma das canículas, dardejante no vasto espelho azulado do rio, a ponto que a ténue neblina longínqua trazia à idea o vapor erguido de uma caldeira fervente.

Numa varanda do Paço da Rainha, o senhor D. João III estiraça o corpo, já um pouco obeso, sôbre uma camilha afeiçoada ao sestear do estio. A raxa negra da opa ressalta em pregas luzidias na pintalgada colcha de Cambaia, cujo alparavaz estende uma alfombra florida pelo lajedo branco.

A barba grisalha do monarca corta a meio o listrão de oiro do colar de ombros. Suas feições, de uma flacidez terrosa, mais amarelecem sob a gorra negra de duas voltas, onde faisca um firmal de diamantes. Suas pálpebras moles arqueiam-se a miúdo, sono-



lentas, sôbre as órbitas papudas; e a íris clara e um pouco baça fita, nas intermitências do tosquenejo, um velho fidalgo, que, apurmando na sua frente a elevada estatura, ao léu a cabeça encanecida, desfia em voz monótona um estirado relatório jurídico. É êle o governador da casa do civil, D. Álvaro de Castro, cuja perlenga não contribúi para aliviar a régia sonolência.

A aragem subtil agita as cãs sedosas e finas do velho fidalgo; e a sua frescura arripia-lhe o corpo cansado da subida à varanda e escandecido pela ardência.

Pára abruptamente de falar, como se hesitasse. E logo a seguir, desperto por um formidável espirro, o rei arregala os olhos surprêso.

Então D. Álvaro, resoluto, ergue a carapuça de veludo que tinha na mão, e enfia-a na cabeça, exclamando:

—Perdô-me Vossa Alteza; um homem deve morrer pelo seu rei, mas não adoecer.

D. João III há por bem acolher com benigno sorriso a violação da pragmática. E digna-se ainda acrescentar:

—Sim! cobri-vos, D. Álvaro. Achegai-vos mais para o abrigo da parede, e continuai.

Em quanto D. Álvaro continua, no aposento contíguo à varanda cabeceiam os oficiais do

séquito real. Não chegam ali os frescores da viração, e os corpos suados dentro dos gibões de sêda, assentes em cadeiras rasas, procuram o mais cómodo apoio nas paredes colgadas de lambéis mouriscos.

Aproveitando a inadvertência tórpida dos cortesãos, o pagem da campanha, Francisco de Sá de Menezes, escoo-se no meio do silêncio para o interior do paço. Ao revês do que sucede aos adultos, o calor fêz-lhe fome, a fome voraz dos adolescentes, que não olha a primor de iguarias nem a melindres de cortesania. Pelos corredores desertos, pela vastidão das salas, pelos escaninhos obscuros, o pagem farisca, esgaravata, rebusca. Pode ser que a Providência o encaminhe aos domínios da ucharia da Raíña, que uma porta aberta o leve aos aposentos de alguma camareira prôvida, que um acaso feliz... E êsse acaso feliz depara-se com efeito, ao cabo de uma breve digressão tortuosa pelos meandros do edificio.

O corpanzil de uma gordalhuda regueifeira, já entrada em anos, iça-se pelos degraus de uma escada interior, aferrada a mão vermelhaça ao mainel de castanho brunido. A breves intervalos, detem-se na fadigosa ascensão, resfolegando ruidosamente, acabrunhada ao pêso de um enorme cabaz, coberto de alva



olanda, que lhe pende do braço arremangado. E quando, já quasi ao cimo, defronta com a figura franzina e imberbe do pagem, seus olhos pardos fuzilam de júbilo na sua orla de púrpura, seus beiços grossos deixam escapar um refestelado suspiro.

— Mercê de Deus! — rouqueja a velhota. — Que encontro alma viva neste descampado.

— Mercê de Deus, digo eu! — replica o pagem. — Que debaixo dêsses panos adivinho carga para encher os paióis vazios.

E, sem cerimonia, adianta a mão para o cabaz.

— Tape! — brada a mulher. — Isto são regueifas e padinhas que hoje de manhã a Rainha nossa senhora foi encomendar-me em pessoa, à entrada da minha cabana, lá na Ribeira. Venho em cata de dama ou cuvilheira a quem as entregue. Ninguém mais lhe toca.

— Deixai, mulherzinha! A provisão é grande, pelo que vejo. Uma parcela de menos, que falta vos faz?

— Estão por conta, menino. Arredai-vos!

— Eu vo-las pagarei bem.

— Com quê?

— Agora não, que não tenho aqui mealha. Mas depois. Fiai-vos de mim, que eu sou pagem de el-rei.

— Pior! Não são peças de fiar aos fedelhos do paço.

— Sou filho de João Rodrigues de Sá, um fidalgo bem conhecido pelas trovas que faz.

— Com trovas me quereis embalar! Nem que fôreis filho do sol e neto da lua. Mais que o sol e a lua vale a Rainha de Portugal.

— Velha entirrada! Eu já vos ensino a ser cortês.

E não tarda que, apesar do alarido da mulherzinha, pródiga de pragas e de injúrias, uma regueifa se levante na mão vitoriosa do rapazito, que foge de carreira, cravando os dentes na massa ainda morna.

O rumor da contenda, ecoando pelos recesos do palácio adormecido, atrai uma aluvião de cuvilheiras que se aglomeram em volta da velhota. Ao mesmo tempo, dos lados da varanda, retine a campainha, chamando o pagem. Francisco de Sá, escondendo no seio a regueifa encetada, chega esbaforido à sala onde os officiais despertos o increpam na passagem, e recebe ordem para trazer a el-rei um púcaro de água.

É que entrementes Sua Alteza, acalentado pela lenga-lenga de D. Álvaro, adormecera de todo. Quando o viu decididamente alheado das realidades do mundo, o velho governa-



dor do cível encolheu os ombros e calou-se, debruçando-se no peitoril da varanda, alongando os olhos pela onda azul e o pensamento para as partes da Berberia, onde a êsse tempo seu filho D. João de Castro andava de armada.

El-rei no entanto sonhava. E eram ruins os seus sonhos. Apareciam-lhe as sombras dos filhos cuja infância se sumira no túmulo, e via as asas negras da Morte a estenderem sôbre o trono o docel tenebroso. E parecia-lhe que a mão descarnada do Espectro espremia gotas meffíticas de uma nuvem caliginosa, vinda quiçá das bandas de Castela. E a sua fronte aljofrava-se de um suor gelado, e a sua bôca escancarava-se para um grito de pavor...

Senão quando um tumulto longínquo, só perceptível no pesado silêncio, o acordou em sobressalto. Viu o velho D. Álvaro, serenamente apoiado à balaústrada de cantaria, e aquietou-se. Tinha a bôca ressequida e amarga. Pediu água.

Françisco de Sá, recebida a ordem e as reprimendas pela ausência, agarrara na salva de prata e no púcaro novo de Estremoz, que estavam numa credência, e foi-se em busca de água fresca. Mas, como um sussurro distante ainda denunciasse a presença e os quei-

xumes da regueifeira espoliada, não se arriscou a procurar as cuvilheiras no teatro da sua travessura. Tinha entrevisto havia pouco, junto de uma janela, uma talha, envolta num mandil de Guiné encharcado, em que uma serva amulatada e esgrouviada despejava uma quarta de água. Correu para ela, encheu o púcaro rechinante, e arripiou caminho em direitura da varanda.

Aproximou-se da camilha em que Sua Alteza se soerguera, pôs o joelho em terra, e estendeu a salva lavrada de bastiães, para a qual se dirigiu logo a mão do monarca.

Mas após duas goladas sôfregas, D. João III retorceu as feições numa visagem de asco, a côr térrea das faces tornou-se em lividez, o púcaro vermelho oscilou-lhe na mão trémula, seus olhos, entre assombrados e ameaçadores, cravaram-se no rosto atónito do pagem, e de entre os dentes cerrados deixou coar esta frase de pavor:

— Que me destes na água, que me matastes?

O adolescente ergueu-se de salto, desatendendo preceitos de etiqueta. Passou-lhe num relâmpago pelo aturdido cérebro a visão de um crime sacrílego, de que êle fôra instrumento cego. Arrostando com as conseqüências, de improviso previstas, quis mostrar



sem sombra de dúvida a sua inocência. Pálido como jaspe, convulso e impetuoso, arrancou o púcaro da mão régia, esvaziou-o na salva, levou esta à bôca descorada, e de um trago ingeriu tôda a água.

A êste tempo D. Álvaro dera o alarme, os oficiais do séquito acorriam alvoroçados, e D. João III, pondo-se de pé, circunvagava o olhar espavorido.

Serenamente, Francisco de Sá, declarava:

— Senhor, quem despejou a água na talha, de onde a tirei, foi uma criada mulata de Sua Alteza a Rainha.

No meio do borbórinho, não foi difícil encontrar a criada.

Esgazeada de terror, a criatura mostrou a quarta em que trouxera água da fonte. Emanava dela um estranho aroma agridoce. Verificou-se que servira muito tempo na botica, como recipiente de vinagre rosado. Assim se explicava o repelente sabor, assim se reduziam a nada as medonhas apreensões de Sua Alteza.

E, como todos se rissem à socapa, Sua Alteza tomou a resolução de rir às escâncaras. Depois, puxando mansinho a orelha rosada do pagem, disse-lhe affectuosamente:

— Foi grande o vosso descuido, cachopo. Mas foi mais grave ainda a penitência.

Voltou-se em seguida para D. Álvaro de Castro:

— Olhai, amigo! Aqui tendes quem se arrisca a adoecer pelo seu rei.

— Mais do que isso, senhor!— redarguiu o velho fidalgo com solenidade. — O risco era de perder a vida.

El-rei reflectiu um momento e concluiu:

— Tendes razão! Francisco de Sá Menezes, não me esquecerei do que fizestes.

Ter-se ia D. João III lembrado? Não consta. Mas não foi de-certo por êste rasgo de dedicação infantil que, dezenas de anos depois, Francisco de Sá recebeu do rei intruso, Filipe II de Castela, o condado de Matosinhos.



## O gatuno

Ao cair da tarde, num domingo claro de inverno, há rumor de folguedo pela Mouraria. Soam descantes, repercutem malhas do chinquillo, reboam algazarras nas tavernas e casas de venda. O sol pálido lança à rua beijos, coados pelas árvores que se debruçam sobre o muro das hortas, e doura, lá no cimo, as carrancudas muralhas do castelo.

Numa das hortas, patente à freguesia de uma locanda afamada, debaixo de uma alta e extensa parreira, joga-se a péla. É de-certo no mesmo local a que o povo, aferrado às tradições, conservou o nome característico, ainda perdurável no roteiro lisboeta.

Não são de camadas ínfimas os jogadores. Percebe-se pelos pelotes de veludo e sêda que os revestem, aliviados de capas e mantões que colocaram sobre o poial que flanqueia o recinto, pelas espadas cujos punhos dourados reluzem sob as dobras do pano no improvisado vestiário.



A partida excita interêsse. No poial enfileiram-se vários curiosos, na maioria mestrais ou populares, que seguem com os olhos e comentam com exclamações os lances do jôgo. Às portas agrupam-se outros, que se acotovelam para ver melhor. Pontua-se o sussurro de repentinos silêncios de ansiedade, logo seguido de aclamações estrepitosas.

— Quem é aquele? — pergunta uma mulherzinha de sainho de brístol, apontando um jogador que acaba de executar uma proeza considerável.

— Não conheceis? — responde o interpellado, velho sapateiro de fala espanholada. — É o senhor Diogo Garcia, lojista abastado da rua dos Mercadores... Vem todos os domingos aqui jogar à péla. Ninguém lhe deita a barra adiante neste jôgo. Nem mesmo aquele jogador de pelote côr de cereja... não vêdes além?... que é Francisco Mendes, homem também de boa casta, que é músico do senhor duque de Aveiro. E olhai que êsse não é mais destro no tanger da charamela do que no atirar da péla.

— Até parece verso o que dizeis — chaco-teia a mulher.

— Não vos faça isso espanto! que eu dei-me muito com aquele ourives Gil Vicente,

que fazia os autos de el-rei. E daí, ficou-me êste geito de versejar...

Uma algazarra de vivas, promovida por um bom lance, interrompe o diálogo. E logo após um moço farroupilha achega-se ao sapateiro, e fala-lhe em voz baixa:

— Mestre Alonso, conheceis aquele rebuçado além?

— Viva Deus! — replica o velho, atentando para o sítio indicado pelo garôto. — Como queres tu que eu tire a limpo semelhante farricoco?

De feito, do homem, encostado ao limiar da porta comunicante com o interior da locanda, apenas se enxergavam os olhos muito negros por debaixo de um largo sombreiro de feltro puído, por sôbre o rebuçado do chapeirão pardo e enxovalhado que o envolvia quási até aos pés. Imóvel naquele pouso, durante o decorrer da partida, não o tinha largado a vista do mocito, surpreendido pela misteriosa novidade na clientela habitual da locanda.

— Parece homem de prol — segreda êle ainda. — Vejo-lhe a ponta do estoque a levantar-lhe o chapeirão.

— Cala-te daí, barzoneiro — diz o outro, mirando os pés do adventício, por sestro profissional. — Se êle tivesse braços, saiam-lhe pelos buracos das gáspeas.



Mas o garôto, relanceando uma olhadela para os próprios pés descalços, contemplou com certa inveja os sapatos amarelos, rôtos embora, que o sapateiro desdenhava.

— Ainda me davam para dois invernos! — suspirou êle.

Nisto, levantou-se nova celeuma. Mas desta feita não era de aclamações. Uma questão se iniciara entre os jogadores. Francisco Mendes acusava um dos parceiros de ter feito uma cacha, como quem diria hoje uma traça. Os ânimos esquentavam-se. Os curiosos erguiam-se do poial, tomando partido em favor do acusado ou do acusador. Aglomeravam-se todos no recinto vedado do jôgo. Em vez das pancadas surdas da péla sôbre os paulitos ou sôbre a bala de madeira, zuniam pragas, silvavam injúrias, rebentavam alterações violentas. As portas golfavam figuras de bebedores avinhados, atraídos pelo alarido. Desenhavam-se gestos agressivos, viam-se punhos no ar, homens acorados reproduzindo o controvertido lance, mulheres barafustando e ganindo para arrancarem os maridos à desordem iminente.

No meio do tumulto, de braços cruzados sôbre o pelote azul ferrete, Diogo Garcia observava com sorriso impassível as peripécias do conflito. Era um homem guapo e ro-

busto, de aspecto juvenil ainda, barba alourada e olhos castanhos. E nem os encontrões, nem as interpelações freqüentes lhe desmanchavam a serenidade quási fidalga dos ademanes.

Mas de repente, ouviu junto de si uma vozita alvoroçada que o chamava pelo nome, em quanto uma pequena mão suja lhe arrepanhava o setim do pelote.

— Que há de novo? — perguntou ao garôto, que levantava para êle a cabeça esgrouviada.

— Acudi, que vos levam a capa e a espada.

Sobressaltou-se ao anúncio. Sem dizer palavra, fêz um gesto ao moço, abriu caminho às punhadas por entre a multidão agitada, lançou os olhos para o antigo pouso, já vazio, dos seus haveres, e perguntou em seguida:

— Quem foi?

— Um homem de chapeirão pardo... Esgueirou-se para a porta da rua... Deve ainda estar perto...

— Vem comigo.

Atravessaram num relance a locanda, quási deserta agora. Chegando à rua, o índex encardido do rapaz apontou o vulto pardo, que a passos rápidos, mas não precipitados, dobrava a esquina próxima.

— Não côrras nem grites — disse vivamente Garcia, agüentando o impulso do garôto.



Foram andando, medindo a andadura pela do fugitivo gatuno. Dobraram por sua vez a esquina, e viram-no que se embrenhava pelas vielas sombrias que levavam ao Poço do Boratém. Não o perderam de vista, conquanto a luz já fôsse entre cão e lobo. E o pequeno ia dando parte a Garcia das suas observações sôbre o desconhecido.

— Quando se levantou motim — concluía elle — vi-o eu chegar-se ao poial, esconder a capa debaixo do seu chapeirão, meter a espada debaixo do braço... e logo a seguir, pernas para que vos quero... desandou para a porta...

— E pareceu-te homem de pro?

— Cá da arraia-miúda não é elle com certeza. Se não fôsse o estoque, bastavam-lhe os modos para se conhecer.

O povolêu enchia as ruas tortuosas. Mulheres de vasquinhas domingueiras, de umas portas para as outras, pediam lume às vizinhas. Vaganaus de olhos piscos dirigiam chufas soezes às moçoilas. Tremiam harpejos de guitarra. Uma voz rouquenha entoava o estribilho em voga:

Passam os galantes,  
E vós não os vistes,  
Porque vós dormistes.

Tôda a gente olhava pasmada para aquele homem de aspecto afidalgado, seguindo em pelote pelas ruas, com um garôto à sua ilharga. Uma marisqueira negra, cujo pregão melancólico ecoava na frontaria barriguda dos prédios enfarruscados, deteve-se estarrecida, alargando as manchas alvas das pupilas e da dentuça sôbre o azeviche sedoso das faces.

Passavam outras negras escravas, levando à cabeça grandes calões carregados de lixo e de imundícies, para o despejo. Formavam alas a contemplar a estranha aparição do fidalgo sem gibão nem capa, e trocavam comentários facetos em geringonça da Guiné. E como a folhagem de uma palmeira esguichasse de um muro próximo, aquele trecho da Lisboa quinhentista, nas iminências do crepúsculo, dava uma vaga idea de um aduar africano.

Mas Diogo Garcia ia seguindo, indiferente às chufas e exclamações de espanto, sem largar dos olhos o vulto que, uns vinte passos na sua frente, quási se dilufa na claridade acinzentada das betesgas. Por duas ou três vezes, ao virar uma esquina, o fugitivo olhara de-soslaio para a rectaguarda e estudara o passo, obrigando os perseguidores a imita-lo. Visivelmente, pretendia escapar-se a furto, e compreendia que uma corrida despertaria



alvorôto e que um grito de alarme o lançaria nas mãos da turba.

Também assim o entendia o lojista espoliado. Avêso a escândalos, o seu intento era apenas reaver os seus bens e castigar por suas mãos o criminoso, sem auxílio estranho. Cerrava maquinalmente os punhos vigorosos, preparando-se para esmurrar a preceito o ladrão. Quem seria êle? — ia pensando. — Certamente, algum pêco escudeiro, taful de tavolagens vesgas, ao cheiro de uns tostões de onzena para lançar na mesa do curre-curre ou da jaldeta. Ansiava por lhe ver a cara, suspeito de que não se lhe deparariam feições desconhecidas. E pela estatura, pelo andar, pelos meneios, procurava reconstituir, debaixo do chapeirão amplo, alguma figura do vasto círculo das suas relações.

Entrementes, não diminuia o pasmo causado pela sua passagem. Um grupo de rufiões, que gargalhavam em volta da andrajosa Maria Parda, a cair de bêbeda, largou o asqueroso juguete para buscar novo objecto de apupos soezes, balbuçados apenas, pelo respeito que merecia a compleição atlética do indivíduo.

Um gôzo, aticado por êles, ladrava furiosamente, ameaçando as canelas de Diogo Garcia. Logo um ligeiro movimento dêste o

fazia afastar, rabo entre as pernas, mas latindo sempre, com o orgulho de um dever cumprido.

E por sôbre as risadas, que um vago temor abafava, ouviu-se uma voz aflautada que surdia de uma rótula entreaberta:

— Fidalgo sem pelote vendeu o capote.

Sentindo na sua reçaga o côro de gargalhadas que estrugiam sem vergonha, Diogo Garcia avançou, sempre flanqueado pelo mocito, na peügada do gatuno. Achavam-se à entrada do Poço do Borratém. Um vaivém de mulheres, de cântaros à cabeça, de quartas sobraçadas, cruzava o pequeno largo. Ouvia-se o esganiçado pregão de uma vendeira de laranjas, estadeando sôbre um marco de pedra o seu balaio de pômos dourados.

Então Diogo Garcia lobrigou o homem do chapeirão a sumir-se por uma porta esguia, junto do velho casarão do chanceler João das Regras. Apressando o passo, encaminhou-se para aquele sítio.

— Espera-me aqui — ordenou êle ao gatuno.

A porta ficara no ferrolho. Entrou resolutamente.

À claridade já tênue, viu-se numa casa assobradada, guarnecida por uma pesada arca de couro pagueada, duas ou três cadeiras e



uma cama encostada a um canto. A meio da quadra, no chão, deparou-se-lhe a sua bela capa de grã, e sôbre ela, reluzente, a sua espada de punhos de oiro.

— Onde te sumiste, ladravaz? — exclamou Garcia, sem ver outra porta que desse escapula ao gatuno.

E dirigiu-se para a cama, aprestando-se a erguer a fimbria da colcha esfiampada que a cobria.

Mas ouviu, na meia treva, uma voz suplicante que se abafava nas dobras da cobertura:

— Senhor Diogo Garcia, faça-me tamanha mercê que não queira conhecer o malfadado de mim. Aí tem a sua capa e espada, satisfaça-se com elas, e vá-se pelo amor de Deus!

Calou-se a voz num soluço de agonia. Era a catástrofe de um drama obscuro de miséria, talvez de fome, culminando no crime.

Diogo Garcia embrulhou-se na capa, meteu a espada ao talabarde, e saiu para a rua.

— Vai-te em boa hora, e não olhes para trás — disse êle ao pequeno, dando-lhe uns ceitís.

## Ânsia de aventuras

Afonso de Cáceres era filho de um tenreiro da rua Nova. Mas, ao vê-lo a passear pela cidade, nas horas de folga, pluma ao vento, nariz no ar, gibão de sêda, espada pendente do talabarte bordado, todos o tomariam por fidalgo. E por fidalgo o tinham as moçoilas dos subúrbios, onde o seu feitio arrogante, a sua estatura airosa, o seu rosto viril e moreno, de feições algo duras, destroçavam corações a êsmo.

A seu respeito, sopravam as bôcas lisboetas uma anedota característica.

Chegara da Índia um fidalgo, abastecido com abundantes quintaladas de especiarias.

— Bom negócio! — farejou o tenreiro, Gonçalo de Cáceres, cuja argúcia mercantil justificava as atoardas persistentes da sua origem hebraica.

E logo ordenou ao filho que sem demora o procurasse, para lhe comprar umas arrôbas de gengibre.



Afonso aceitou com relutância o encargo. Não saía ao pai na avidez de lucro, nem lhe era simpático o mister de regatão. Todo o seu pendor era para as armas, para a guerra e o saque, para as aventuras em terras longínquas e misteriosas.

Lá foi, contudo, acompanhado por um caixeiro mais entendido na mercância. Quem fôsse o fidalgo, e onde morava, eis o que as bochechas da Fama não lograram clangorar na tuba, de forma que repercutisse a mais de três séculos de distância. Mas é certo que o seu palácio, sumptuoso como cumpria a um esgaravatador do Oriente, tinha refêgos discretos, desprovidos de arrebiques, onde se faziam operações de chatim com as mercadorias exóticas.

Para um desses lóbregos armazens foi conduzido Afonso de Cáceres, mais o caixeiro. E, no seu ingénuo fervor pelas empresas bélicas contra os inimigos da fé, não foi pequeno o seu desconsôlo ao ver o próprio fidalgo, com tôda a sua prosápia, presidir aos lances comezinhos do tráfico. Êle ali estava, com efeito, repimpado num costal encardido, abrindo as narinas para os eflúvios picantes das especiarias, remexendo com a mão adunca as ondas de pimenta e de cravo.

— Aí tendes a balança, pesai o gengibre

— ordenou êle em tom peremptório, após o rápido ajuste.

Afonso olhou-o mal contente com o arranjo, em quanto o caixeiro, afeito à obediência, atirava com os pêsos para um dos enormes pratos da balança. No outro, foi-se acumulando o gengibre, até que o pendor se iniciasse para uma banda.

— Basta, homem — interpelou rudemente o fidalgo. — Cuidais vós que as especiarias se ganham de braços cruzados na Índia?

— É que o fiel ainda não está a prumo; olhe vossa mercê! — observou o caixeiro, lançando mais uma mancheia da mercadoria na balança.

Mas o fidalgo levantou-se agastado, acercou-se do rapaz, e sacudiu-o brutalmente.

— Já vos disse que tendes o vosso pêso. Por minha fé, que não consentirei ladroagens!

— Não há ladrões aqui, senhor — atalhou Afonso, já vibrante de cólera.

— Pois que outra coisa chamarei a quem descaradamente me rouba? Ruins bargantes, se continuais a moer-me a paciência, eu vos moerei os ossos com pancadas!

Afonso de Cáceres, enfiado e trémulo, corraera ao canto do aposento, onde, por inoportuna etiqueta, tinha deixado a espada. Arran-



cou-a prestemente da bainha e, brandindo a lâmina coruscante, disse para o nobre traficante:

—E sabeis vós a moeda com que se pagam em Portugal as pancadas?

O fidalgo sabia, mas escusou-se ao trôco. Não o intimidou a justa arrogância do moço, pois que o medo não se coadunava muito com o ânimo dos aventureiros do Oriente. Mas caiu em si, e sentiu-se provavelmente confraternizado, pelo ardor do sangue português, com êsse peão vingador de afrontas. O certo é que lhe amansou os ímpetos com boas desculpas, e dali por diante se tornou seu amigo.

Ora o bélico temperamento, nesta conjuntura demonstrado, reclamava amplo teatro para a sua expansão. Não admira portanto que, algum tempo depois, Afonso de Cáceres declarasse terminantemente ao pai que dava de mão a tôdas as mercâncias e queria ir batalhar para a Índia.

O velho pôs as mãos na cabeça. Aos seus interesses de tendeiro fazia falta um auxiliar dedicado que teria de substituir por um mercenário; no seu coração de pai, se é que êle era chamado na contenda, pesavam-lhe a ausência e os perigos que ia correr o filho único.

Ir tão longe, para quê? Se a abastança era certa no presente, e a riqueza provável no futuro!

Mas não houve contradições paternas capazes de demover Afonso do seu propósito. O que o dominava não era a sêde do lucro, era a ânsia de gloriosas aventuras. E mais renhido foi ainda o conflito que nessa mesma tarde teve de sustentar com uma linda moça, Luzia de nome, cujas graças justificavam os seus freqüentes passeios às hortas de Xabregas.

A revelação dos seus intentos foi acolhida com queixumes e lágrimas, armas mais poderosas para vencerem um coração arrebatado do que as advertências e as objurgatórias de um pai rabugento.

—Que será de mim, longe de quem é a minha vida?—gemia a pobre rapariga, encharcando nos olhos as abas da vasquinha.

E êle consolava-a, sem se abalar:

—Descansa, cachopa. Voltarei rico, e casaremos.

Despediu-se com esta promessa, na qual, valha a verdade, a Luzia não depositava extrema confiança.

No dia seguinte, na casa da Índia, inscrevia-se como soldado Afonso de Cáceres.

Estava a nau aparelhada para a partida.



Ante-manhã, para evitar os transe de novas despedidas, o impetuoso aventureiro foi para bordo, levando a sua bagagem. Ia já em traje de soldado, no trinque da moda, como cumpria a casquilho endinheirado: capa bandada de veludo escarlata, coura e calções também de veludo, meias de retrós, chapéu com fita de ouro, capa e adaga douradas, barba tosada, topete alto. E os companheiros de viagem, nos seus vestuários surrados, miravam-no com mal disfarçado ciúme.

Entretanto, no cais da Ribeira, o guardamora da casa da Índia preparava-se para ir à nau dar a última inspecção. Acercou-se dêle uma moça de tranças alouradas, olhos castanhos incendidos de alvoroço e marejados de pranto, mantilha côr de amora, colarzinho de búfaro. Era Luzia.

— Que me quereis? — perguntou o guardamora impaciente, sentindo os dedos esguios que lhe apertavam a manga do gibão.

— Ouvi-me à puridade — redarguiu Luzia.

E durante uns cinco minutos esteve segredando aos ouvidos do grave funcionário, que abanava a cabeça engorrada de veludo, em ar de concordância.

— Mercês, cachopa — disse êle por fim, embarcando no batel que o aguardava.

Apenas entrou na nau, começou a chamada,

pelo seu rol, dos homens que se haviam alistado, enfileirados junto à mareagem. Quando nomeou Afonso de Cáceres, que se apresentou logo com a sua habitual arrogância, o guardamora estacou.

— Não podeis seguir viagem — disse com intimativa.

— Porquê? — repontou Afonso.

— São ordens de el-rei nosso senhor: à Índia é defeso irem cristãos-novos.

O filho do tendeiro sentiu afoguem-se-lhe as faces, como se uma bofetada retinisse nelas. O doesto, que freqüentemente lhe ciciara timidamente aos ouvidos, repercutia agora, em público e raso, entupindo-lhe o caminho da fortuna e da glória.

Apesar da sua impetuosidade, não soube que responder. Ignorante da sua linhagem, não podia discutir os fundamentos da acusação. Titubeou, tentou resistir. Mas viu que o capitão da nau dispunha de fôrça sobeja para dar valimento à intimação do guardamora. A vergonha da desfeita pública entibiou-lhe por momentos o ânimo. Taciturno, passivo, abafando a raiva, deixou-se levar para o batel que o reconduziria a terra.

— Boa viagem vos dê Deus! — disse o guardamora ao capitão, tomando o seu lugar na embarcação.



Uma noroestada fresca picava o Tejo, de baixo de um céu plúmbeo, com burziguiadas intermitentes. O batel vagava penosamente, em movimento sinuoso sôbre as vagas amarelentas. Vários esquifes o seguiam, com gente que se fôra despedir dos navegantes. E uma revoada de gaivotas entrecortava de grasnidos o chapinhar dos remos.

Sentado no paneiro da ré, o guarda-mor, volvendo o rosto para a nau alterosa, defendia-se das rociadas do céu e do mar, com o capelo do balandrau enfiado na cabeça grisalha. Na bancada da voga, defrontava-o Afonso de Cáceres, cabisbaixo, sentindo zunir-lhe aos ouvidos a celeuma da marinhagem, como um sonho de glória que se desvanecia.

Subitamente, a meio caminho da terra, o malogrado soldado da Índia levantou-se. E no silêncio do batel ressoou a sua voz límpida e varonil, ao passo que a sua mão nervosa alçava, desembainhada, a espada lampejante:

— Eu hei de ir naquela nau à Índia. Aliás, nenhum de nós porá pés em terra.

Levantaram-se os remeiros, levantou-se o guarda-mor. Estenderam-se braços para conter o rebelde. Êle porém saltara rapidamente para o paneiro, e a lâmina ponteaguda e afiada ameaçava com uma estocada o guarda-mor transido de susto.

— Se algum ousa lançar-me as mãos, juro por Deus que traspassarei êste velho, e depois matarei todos a quem alcançar.

O desventurado guarda-mor julgava sentir já o ranger do ferro nas carnes arrepiadas. Fêz um sinal atabalhoado para que todos se contivessem.

— Tende prudência, homem! — balbuciou êle, espalmando as mãos trémulas.

— Mandai-me então novamente para bordo, e quanto antes, num dêesses esquifes que vem na nossa esteira.

Ora Afonso de Cáceres era o único homem armado que seguia dentro do batel. E o mínimo movimento agressivo de qualquer dos quatro remeiros ou do patrão, determinaria sem dúvida a morte do velho oficial da casa da Índia.

Êste viu-se pois forçado a capitular. Sob a ameaça do terrível golpe, escreveu à pressa uma ordem ao capitão da nau para que admitisse a bordo o revoltoso.

— Vereis agora quantas façanhas pode obrar um cristão novo — disse serenamente Afonso, ao passar para um esquife que êle chamara para o transportar à nau.

Baldara-se a amorosa denúncia da triste Luzia.

E de feito, cêrca de um ano mais tarde,



era o nome de Afonso de Cáceres um dos mais apregoados em Damão, entre aqueles que se haviam ilustrado na vitória alcançada sobre o rei de Sarzeta. Assim demonstrava que os portugueses não desmereciam das suas heróicas tradições, posto que os governasse um rei estranho, Filipe II de Espanha.

## Sova real

A estufa bamboleava a gaiola pregueada de ouro, a cada esticção dos frisões impacientes, no pequeno pátio de honra que dava recatado acesso aos aposentos de Madre Paula. Por ali se introduzia D. João V, desde que os seus escrúpulos místicos foram despertados por uma frase intencional da abadessa, ao despedir-se numa das suas visitas ostensivas à favorita:

— Vamos rogar a Deus pela vida de Vossa Majestade.

Impassivelmente afofado no coxim de damasco, erecto o chambrié, a mão descansada sobre as rédeas afiveladas de prata, o cocheiro deixava-se brandamente afagar pelas radiações do crepúsculo, que lhe enrubesciam a face escanhoadada e a onda plácida dos bugres.

Mediam o pátio a passadas lentas os dois companheiros inseparáveis do monarca, o médico Bernardes e o confessor prior de S. Miguel, a saúde do corpo e a saúde da alma,



colaborando para a íntegra prosperidade do rei fidelíssimo, já apalpado pela paralisia e atordoado com rebates de consciência.

— As suas insinuações lograram efeito, meu padre — dizia o médico, sacudindo a cabeça ao léu. — Tôda a côrte notou que o senhor Cardial Patriarca não fôsse hoje recebido por Sua Majestade. É claro que descaiu do favor régio. O porquê só eu sei, que ouvi o que Vossa Reverendíssima cochichou aos ouvidos de el-rei ante-ontem, quando regressávamos a Lisboa.

— E que fica segrêdo entre nós, meu caro doutor — acudiu o prior com alvoroço.

— Pode estar tranqüilo, meu padre. Tenho a bôca selada para quanto se passa no interior daquele côche, que é para mim um prolongamento da alcova. É como se fôra sigilo profissional.

E riam-se-lhe os olhos por detrás das enormes lentes que o reflexo de um olmeiro esverdeava.

O prior estacou, passado um momento de meditabundo silêncio.

— Os tempos do padre Carbone já lá vão

— disse êle pausadamente, em ar de mistério.

— É preciso limpar as teias de aranha em que os padres da Companhia envolveram o espírito de el-rei, . . .

— E servir os interesses do sr. Sebastião José de Carvalho — murmurou o médico com leve ironia.

— O mesmo é que servir a rainha nossa senhora, que tanto o protege.

— Mas tome tento, padre prior! As orelhas de el-rei não parecem muito abertas para os empenhos da espôsa, sobretudo em favor dêsse fidalgote ensopado em diplomacias. Houve quem lhe ouvisse retorquir aos pedidos da Rainha: «Não posso com semelhante homem, que tem cabelos no coração.»

— E o coração do senhor D. João V talvez peque por minguia de pêlos — comentou com unção o confessor.

— Pelo menos é de-certo mais calvo do que o do infante D. Francisco, que Deus haja para descanso dos saloios de Queluz.

— Amen.

— Mas como eu ia dizendo, não faça grande fincapé nas opiniões de el-rei, meu padre. São muito mais movediças do que o seu braço e a sua perna direita, que os humores crassos ainda não desobstruíram. Quem sabe se a estas horas, ali dentro, não se cõa por uma toalhinha de freira um bafo que faça desandar aquela ventoíinha?

E o doutor Bernardes estendia o dedo polpudo para uma das janelas, através de cujas



vidraças se entreviam passamanes de ouro ziguezagueando pela melania carmesim da parede.

— Deus Nosso Senhor tal não permitirá!

—olveu o astuto sacerdote, rasgando um sorriso no carão macilento.

Mas o médico murmurou, encolhendo os ombros possantes:

— Fia-te na Virgem!

Continuaram a passear, quasi alheados um do outro, absortos em suas cogitações, em quanto a sombra ia atulhando o pátio e marinhando pela mole imensa do mosteiro.

Com o adensar das trevas, pronunciou-se um movimento geral. O sota-cocheiro descerrou o batente da portinhola atartarugada, os lacaios de tábua alindaram o couce com os seus redingotes vermelhos, ouviu-se fora do portão o escarvar dos cavalos do trôço, até então respeitosa e silenciosos, e junto da estribeira o confessor e o médico prepararam o dorso para a humilde vénia.

Abriu-se a porta. E no quadro luminoso desenhou-se a silhueta ainda esbelta de D. João V, em quanto nos derradeiros degraus se lobrigava indistinto o envoltório negro de uma figura franzina.

O rei avançou, apoiado no seu bastão de marfim, arrastando levemente a perna, entre

meduras, que eram quasi genuflexões. O persévão da estufa gemeu com o seu pêso, quando êle se atufou no frouxel dos coxins. O médico e mais o confessor tomaram o seu lugar nos escabelos laterais.

Abalou a pesada máquina, aos solavancos sôbre o empedrado da calçada, precedida e seguida pelo estrupido da cavalaria.

Contra o costume, nem uma palavra saiu dos lábios régios, em quanto, transposto o gótico monumento de D. Denis, o côche resvalava quasi sem esfôrço dos robustos frisões pela ladeira que o atirava para a baixa de Carriche. E os clarões dançantes das lanternas alumiam de quando em quando aos olhos curiosos dos companheiros relances de uma catadura borrascosa.

Logo que, em caminho-chão, as sacudidelas bruscas abrandaram, o monarca ergueu finalmente a voz fanhosa e compassada.

— Padre — resmoneou êle — será grande pecado dar uma tareia num ministro de Deus que nos scandaliza?

O prior de S. Miguel ficou um pouco perplexo perante êste caso singular de consciência. Pareceu-lhe porventura excessivo o efeito dos seus enrêdos. Não duvidou, porém, que o objectivo da cólera real fôsse o mesmo que êle apontara. E riu-se lá por dentro, perante



a grotesca visão do velho patriarca de Lisboa, com a murça de sêda esfrangalhada, o solidéu purpúreo às três pancadas sôbre a peruca revôlta, as ventas em sangue e os ossos num feixe. Mas moderou nos olhos a expressão exultante, assumiu um ar seráfico, e redarguiu solenemente, medindo as palavras:

— Grave pecado seria, meu senhor, pecado mortal até, roçando pelo sacrilégio. Mas é mister distinguir. Deve-se reparar na qualidade do ofendido e na do ofensor. Suponha Vossa Majestade, por exemplo, que o ofendido é um soberano, a quem o ofensor, como súbdito, deve obediência e lealdade.

— Em tal caso... Continuai, padre!

E luziram na sombra os olhos negros do rei, ao passo que a mão estrêlejada de diamantes se crispava nervosamente no castão de esmalte.

— Num caso dêsses — prosseguiu o prior — desde que na mente do soberano não haja intenções de agravar o unguido de Deus, e se antes nêle prevalecer o espírito de misericordiosa justiça que manda castigar os que erram... Recordo a Vossa Majestade — acrescentou em modo de parêntese — o justiceiro rigor de um seu antepassado, o senhor D. Pedro I, que atagantou um bispo do Porto. E a igreja levou-lhe por seguro êsse pecado venial...

— Apanhei-te, birbante! — trovejou o rei fidelíssimo, largando o bastão e soerguendo o busto onde oscilava a cruz de rubís.

E o seu punho cerrado projectou-se de improviso, à maneira de ariete, contra o avultado nariz do padre que logo esparrinhou sangue.

— Deus me valha! — gemeu o dorido clérigo.

— Ai tens pelas tuas intrigas, pelos testemunhos que levantaste... pelas mentiras com que me encheste as orelhas... pela irreverência para com um cardinal... da Santa... Igreja Romana...

E pontuava o fraseado com murros despedidos às maxilas, ao arcabouço, aos ombros do mísero prior, em quanto os seus pés, embora mal refeitos da hemiplegia, lhe procuravam nas canelas, nos tornozelos, nas coxas, os pontos onde melhor assentassem nódoas negras, lastimoso arremêdo clandestino das rodela de tafetá, que então mosqueavam velhos faceiras e juvenis franças.

Enovelado no seu escabelo, o médico buscava por seu turno furtar-se à fúria cega dos golpes, sem se aventurar a um assomo de intervenção. Durante aquela saraivada de sôcos e pontapés, a caixa da estufa saracoteava-se, balanceava, bailava, rangia, revolunteava, sôbre os correões oscilantes. Na tábua,



os dois lacaios aferravam-se às atacas de veludo, trocando entre si olhares a um tempo espavoridos e zombeteiros. Na almofada, o cocheiro imperturbável fustigava molemente o dorso nédio dos urcos, que começavam a arrastar-se pela íngreme calçada do Lumiar. E os gemidos do reverendo paciente transudavam através dos painéis de cristal, de en-volta com as imprecações do régio verdugo.

Mas por fim, arquejante, trémulo de cansaço e de cólera, o monarca espapaçou-se sôbre os coxins, deixou tombar o tricorne arminhado, e recostou a cabeça afogueada aos estôfos do espaldar. Gemebundo sempre, sem desfitar dêle o olhar apavorado, o padre procurou concertar o desmancho da batina, enxugar o sangue que lhe escorria do rosto, palpar as latejantes equimoses, em quanto o médico, por acenos furtivos, tentava justificar as suas cautelosas prevenções.

De repente, os dois serventuários do rei sofreram novo sobressalto. O corpo de D. João V resvalava lentamente para o chão, os seus joelhos fincavam-se na felpuda alcatifa de Khorassan, as suas mãos uniam-se numa atitude de prece ou de angústia.

O dr. Bernardes precipitou-se com escandecido zêlo, persuadido de que a violência da fúria determinara reincidências de congestão.

Quanto ao padre, ergueu-se conforme pôde, para resguardar de novas lesões o escalavrado organismo.

— Senhor, senhor, volte a si — bradava aflito o discípulo de Hipócrates.

Mas sentiu a mão do rei que o desviava com energia, lobrigou-lhe na penumbra a máscara ansiosa erguida para o prior, e ouviu-lhe a voz arrastada e nasal, implorando:

— Meu padre, deitai-me a absolvição!



## O primeiro aniversário constitucional

— Muito obrigado, senhores, muito obrigado!

Com estas expressões gratulatórias, descaída a maxila inferior na bonomia do sorriso, respondera el-rei D. João VI ao convite que respeitosamente lhe endereçavam os seis directores da Assembleia Portuguesa.

E os mandatários da cordata agremiação, depois de esticarem o briche das casacas ao pousarem um ósculo reverente na gorducha mão régia, haviam retirado do paço de Queluz na mais inquieta das perplexidades.

Dignar-se-ia Sua Majestade assistir ao baile do próximo dia 26 de janeiro de 1822, festivo aniversário da primeira sessão das Côrtes?

Nada de positivo se podia coligir da lacónica resposta. Quando o seu enigmático teor se propagou em Lisboa, houve sobressaltos angustiosos nos corações liberais, assomos



de esperançado júbilo nas almas dos realistas ferrenhos.

— El-rei não quererá de-certo injuriar com a sua ausência o espírito liberal da população — segredavam entre si os vintistas, para abafar as suas apreensões.

— O senhor D. João VI dará um pontapé bem merecido à corja dos pedreiros-livres — boquejavam os corcundas, triunfando dos receios que ainda os turvavam.

Seguiram-se dias de expectativa ansiosa, empregados pelas duas parcialidades para mover o ânimo régio. Ferveram insinuações e intrigas. Ao passo que os raros palacianos, affectos ao Soberano Congresso, não cessavam de encher os ouvidos do monarca com disfarçadas sugestões para contentamento da opinião liberal, representada pela recreativa Assembleia, choviam diáriamente no paço os escritos anónimos, tendentes a precaver Sua Majestade contra as insídias da facção constitucional. A seita maldita afirmava-se, havia minado o edificio da Assembleia, o qual devia ir pelos ares com todo o luzido recheio de convivas, na mira exclusiva de reduzir a migalhas a real família. E o senhor D. João VI escutava em augusto silêncio as exortações dos alvoroçados liberais, e lia com pálido semblante as ameaças anónimas, e ninguém

era capaz de lhe apanhar uma palavra ou um gesto que traisse as suas secretas intenções.

Sobre elas se travavam por tôda a cidade discussões renhidas, e até se arriscavam em apostas avultadas quantias. E no entanto a direcção da assemblea, em que predominavam deputados do Soberano Congresso, esme-rava-se nos preparativos para que o baile atingisse o esplendor digno dos augustos convidados.

Amanheceu afinal, risonho e límpido, o dia de gala nacional. A população lisboeta atulhou, em trajes domingueiros, os arruamentos da Baixa. Por sobre ela riam bandeiras e flâmulas, palpitando à aragem; rugiam com lampejos alegres as salvas do castelo, respondendo à artelheria dos navios surtos no Tejo. Pelas 9 horas, já a tropa de primeira linha cingia com uma faixa de côres vivas e luzentes metais o âmbito acugulado do Rossio, e os ginetes da cavalaria escarvavam, tilintando arreios brunidos, o terreiro de S. Domingos. Das ruas do Oiro e do Arsenal jor-ravam para o Terreiro do Paço as tropas da segunda linha. E ao soar das dez horas, assomou à varanda do Palácio da Inquisição, entre a figura esbelta do infante D. Miguel e a pessoaíinha minúscula do infante D. Sebas-



tião, o vulto obeso do soberano, que acabara de chegar, em côche de gala, do palácio da Bemposta.

Repercutiram aclamações cordatas e inco-  
lores. No meio da turba, apenas raras vozes  
pintalgavam com gritos de

— Viva o rei constitucional!

o fundo uniforme de vivas a El-rei D. João VI.

Mas, num relance, referveu o entusiasmo  
geral. Surgira em frente da varanda, montado  
num generoso alazão, o vulto garboso e mar-  
cial do general Sepúlveda, à testa de um  
brilhante estado-maior. E no meio do alarido  
que vitoriava o prestigioso caudilho, esvaiu-se  
para uma sombra lastimosa a pessoa do rei.

Só depois do desfilar das tropas é que  
D. João VI alcançou novo quinhão de glórias,  
ao retirar-se, no seu côche de gala, para o  
palácio da Bemposta, onde se realizava o  
beija-mão solene.

O povo permaneceu pelas ruas, deambu-  
lando aos magotes, em cata dos espectáculos  
que a festa lhe proporcionava. Ao cair da  
noite, picaram-se de milhares de luminárias  
as trevas da cidade. Grandes fogueiras, em  
muitas praças, avermelhavam as fachadas. A  
multidão engalanada ria, cantava, dansava,  
dando custosa passagem às carruagens da  
fidalguia e da burguesia abastada. As pró-

prias mulheres do povo ensangüentavam na  
areia vermelha os sapatinhos de setim branco.  
E os cantos populares eram cortados pelos  
repiques festivos e pelo reboar das salvas na  
espessura da noite.

Desde as sete horas que pelo largo portão  
da Assembleia Portuguesa se engolfava a vis-  
tosa mó dos convidados. Defronte dêles, no  
vestíbulo aromatizado pelo rosmaninho e pela  
alfazema que afofavam o solo, pompeava  
num quadro transparente a figura colossal da  
Justiça, empunhando a clássica balança. Seus  
olhos vendados não podiam ver o Amor, que  
em frente dela, ajoujado com um cartapá-  
cio enorme, mostrava as letras radiantes do tí-  
tulo: «Constituição». Ladeavam o grupo dois  
guerreiros armados, sopesando largos es-  
cudos onde se liam as palavras: «Côrtes» e  
«D. João VI». E quando os adventícios baixa-  
vam os olhos desta reluzente alegoria, não viam  
senão festões de rosas e de flores variegadas  
cingindo pilastras, balaústres, mainéis, om-  
breiras, trepando pela nobre escadaria, como  
serpenteantes florescências dos sumptuosos  
vasos, dos quais espadanava a folhagem verde  
de raras e exóticas plantas.

Ao tópo da escada, uma pesada cortina de  
veludo carmesim velava a porta da direita,  
que daria ingresso aos aposentos especial-



mente destinados à real refeição. Cortina igual se franzia na porta da esquerda, no limiar da qual os seis directores, ostentando as suas convicções políticas nas casacas azúis orladas de branco, davam alternadamente a entrada aos convidados e ofereciam cortêsmente o braço às damas. E da galeria superior, uma orquestra invisível entornava pelos interstícios da ramagem florida as melodias de Sacchini, de Cimarosa, de Fioravanti, de Rossini, de Marcos Portugal.

Mas a multidão aglomerada nas vastas salas, gasto que foi o seu êxtasi no encantamento das decorações, absorvia-se por completo na expectativa do real hóspede. Por detrás dos leques, onde pastorinhas de sêda sorriam entre varetas de marfim e nácar, as senhoras, rodeando em quatro filas de cadeiras a sala de entrada, trocavam segredinhos que tresandavam a política, esguelhavam olhares ansiosos para a porta, asseteavam de alvoroçadas interrogações os cavalheiros que percorriam o esplêndido recinto, à míngua de assento em que pousassem. E era notada sobretudo a quâsi angustiosa azáfama dos directores, espreitando, farejando, aguçando a outiva, como apaixonados jogadores no anseio de um lance decisivo.

El-rei estava àquela hora no espectáculo

de gala de S. Carlos. Por vagos indícios esperava-se que êle dali saísse, ao findar o primeiro acto da *Donna del Lago*. Mas, quando as nove badaladas revoaram de campanário em campanário, o desalento começou a esfriar os corações inquietos. A intriga dos corcundas estrangulava a esperança dos constitucionais. A liberdade era vencida nesta incruenta refrega. E as caras dos deputados, presentes à festa, alongavam-se até mergulhar os queixos glabros na larga enseada das golas aprumadas.

Nisto, um trovejante rodar sobrepujou o sussurro ondulante...

— El-rei! El-rei!

Um reboiço de curiosidade ansiosa. As casacas esvoaçaram, correndo às janelas, debruçando-se na balaústrada do patamar. Olhares acerados furaram as vidraças. Soergueram-se bustos gentis, esmaltados de jóias. Os directores precipitaram-se para a escada. E de entre as ramas virentes da galeria esguiou o esgrouviado toutiço do maestro, o qual, arco de rabeça em riste, interrompera os brandos acordes da *Festa della Rosa* para aprestar a irrupção pelos compassos do Hino Constitucional.

Mas uma personagem apenas, esguia e forrada de vermelho, scintilante de bordaduras



de oiro, surdiu do pesado côche. Não era el-rei. Que decepção! Que despeito! Que tristeza!

Reconheceram o recém-vindo, quando êle arrastava pela escada acima o curvo torso, que a compridez da cinta enormizava às proporções de carapação de tartaruga. Era um camarista de Sua Majestade.

— El-rei não vem! Manda desculpas!—conjecturavam os convidados com amargura.

Pálidos, cobertos de suor, os directores, ao cimo da escada, aguardavam a sentença.

E foi no meio da máxima ansiedade que o camarista explanou a sua mensagem:

— El-rei Nosso Senhor foi rogado para permanecer no teatro até ao fim da dança alegórica e pantomímica, expressamente composta para a noite de hoje, com o título *O Conselho de Jove*. Porém, a instâncias de Sua Majestade, para não demorar a sua entrada no baile, a dança deve estar já a representar-se, em seguida ao primeiro acto da ópera. El-rei não tardará.

Foi um alívio jubiloso. Era Jove que retinha el-rei mais uns minutos. Não eram os corcundas que o apresavam. E quando o mensageiro, com uma vénia cortês, se retirou, pelos salões iluminados exuberou, rejubilante, a falácia. Os directores, radiantes, foram dis-

farçando, em voltas pelo patamar, a sua impaciência. E lá do alto da galeria, desentranhou-se dos bôjos sonoros uma saltitante sinfonia de Cimarosa.

Mal decorrera uma hora, quando el-rei D. João VI, entre os acordes do hino, subiu pesadamente a engrinaldada escadaria. Grossos diamantes estrelejavam a sua farda escarlate, aspada pela faixa das ordens militares. Junto dêle, desempenava-se a garbosa estatura do infante D. Miguel, solene de compostura, impassível como uma estátua, engonçado como um autómato. A nota delicada do régio grupo brilhava na senhoril formosura da infanta D. Isabel Maria, na lutuosa elegância da infanta viúva D. Maria Benedita, na graça menineira do infante de Espanha D. Sebastião, neto de el-rei. E a escolta de camaristas, dignitários, damas de honor, avançava numa onda de setins e veludos, fuzilante de oiros e pedrarias.

Mas durante o cerimonioso ingresso, o gordo soberano, por sôbre a flacidez das faces amarelentas, circunvagava olhares em que vislumbrava o pavor. À claridade tremeluzente, repercutida nos mil pendentés de cristal, simulavam abalar pilastras e colunelos, oscilar as colgaduras das paredes, abanar os artesões de carvalho e de estuque. Seriam



as sacudidelas iniciais da explosão formidável? Seriam as primeiras arremetidas do anunciado cataclismo?

À medida, porém, que em volta de si se curvavam corpos em vénias reverentes, que a sua destra se humedecia de ósculos respeitosos, que seus ouvidos eram afagados por amavios e lisonjas, que o espectáculo da beleza feminina e dos atavios deslumbrantes acariciava seus olhos exorbitados, ia-se desvanecendo o terror no semblante bonacheirão do monarca.

Cêrca de um quarto de hora depois, quando ao tôpo da sala tomou lugar num trono de carmesim e de oiro, sob o docel em que rebrilhavam os emblemas da sua realaleza, entre a régia família e os fidalgos da sua casa, desenhou-se-lhe nas feições serenadas um sorriso, com que saüdava os primeiros acordes de uma valsa e seguia o rodopiar dos pares engalanados.

A assistência constitucional rejubilava. As infantas dignavam-se mostrar contentamento. O infantezinho espanhol sacudia as pernas pendentes da dourada poltrona, afugentando o sono.

Só D. Miguel, casmurro, impassível, marmóreo, se conservava alheio à geral alegria. Lembra-se saüdosamente da Rainha-mãe, desterrada pelos constitucionais, e tecia porventura as primeiras malhas do trama de Vila Franca.

## Lôbos do mar (1)

Desta feita, não é ao longo do corredor dos séculos que nos chegam ecos indistintos, ampliados ou aclarados pelo microfonia do folhetinista. As gerações da actualidade estão fazendo história, por desdita nossa. Lá diz o aforismo: *Les peuples heureux n'ont pas d'histoire*. Mas, pois que assim é, dêmos hoje trégua a bisbilhotices de cronistas ou de epistológrafos esquecidos, e recorramos ao testemunho dos vivos para fixar episódios inéditos.

É um dêses que eu vou contar. Colhido de bôca que teve voz nos acontecimentos, está tão perto da origem que nem tresanda a bafio, nem se acha ainda deturpado pelas demasias e caprichos da tradição oral. Em vez de datar de séculos, data de meia dúzia de

(1) Publicado no «Comércio do Porto» de 3 de Junho de 1915,



dias. E tem valor inestimável, como documento para o estudo psicológico do povo português.

Na manhã de 15 de maio do presente ano, dirigia-se do Arsenal de Marinha para bordo de um dos navios de guerra um vaporzito carregado de polícias, presos pelos insurrectos de Lisboa. Eram uns trinta, de várias idades, cujo ânimo, quebrantado pelas lutas nas ruas, esmorecia com terrores do futuro próximo. O navio, para o qual os conduziam, fôra um dos que na véspera tinham tomado parte mais activa no bombardeio da capital. Ao aproximarem-se, os desventurados prisioneiros iam percebendo no flanco negro as chagas abertas pelas granadas das baterias de terra. E essas chagas pareciam-lhes bôcas hiantes a clamar vingança.

Da cidade vinha um contínuo crepitar de tiros. A quantos dêles corresponderia a morte de algum dos seus camaradas! A cólera popular estuava de todos os lados contra êles, os defensores da ordem. Zumbiam-lhes ainda aos ouvidos as ameaças, as vaias, os dicheitos, com que os haviam chicoteado. Levantava-se-lhes diante dos olhos um fantasma sinistro, crivado de lumieiras como uma pre-siganga, erriçado de postes como um cada-falso. Sôbre as amuradas, pelas portinholas,

sôbre a borda falsa dos castelos, no enquadramento dos resbordos, espreitavam rostos ferros, assestavam-se olhares fuzilantes de rancor, famintos porventura de carnagem. E no cérebro dos desgraçados perpassava, como um remorso, a lembrança de alguma camisa de alcaxa esfrangalhada por seus gadanhos nas desordens da Mouraria, de uma ou outra espadeirada vibrada sôbre o dorso da maruja nas sarrafuscas de Alfama ou de Alcânjara, entre uivos estrídulos de rameiras e berros avinhados da fadistagem.

De feito, no momento em que o vaporzito ia prolongar-se com o costado do cruzador, a marinagem distraiu-se da faina extenuante para acorrer ao portaló, na ânsia de examinar de perto a fisionomia dos que tinha por inimigos. E as dentaduras branquejando esgares de sarcasmo em caras enfarruscadas, os vincos de ira nas frentes luzidias de suor, o sussurro de ameaças e impropérios que começavam a franzir os beiços carnudos, eram prólogo de um acolhimento furibundo.

— Leva de rumor!

Era a voz do tenente, que fazia as vezes de imediato. E essa voz prosseguiu, num firme entono a que dava singular fôrça um cantarolado sotaque de algarvio:

— Êsses homens que aí veem são vencidos



e presos que estão sob a nossa salvaguarda. Confio na generosidade da guarnição. Creio não ser preciso proibir que lhes toquem num cabelo. Ficamos entendidos.

Foi no meio de um silêncio absoluto que os polícias galgaram com pernas trémulas os degraus de quebra-costas, assomaram um por um à abertura do portaló, e se agruparam, circunvagando olhares de desconfiança, na tolda atravancada de pandeiros de cabo.

Feita a sua entrega pelo comandante da escolta, que logo se retirou no vapor, o oficial imediato deu ordem ao cabo de quarto:

— Bem! Êsses homens ficam para aí, para se empregarem em qualquer serviço em quanto não se lhes der destino. Vão ser abonados à caldeira. Em sendo horas de jantar, distribua-se-lhes rancho.

Os novos hóspedes aglomeraram-se a meio do navio, sempre oprimidos de receios, estirando os olhos para a casaria da cidade, donde vinham, amortecidos pela distância, ecos soturnos de refregas. As praças de marinhagem, volvendo aos seus trabalhos, apenas de quando em quando comentavam com murmúrios de ironia a atitude dos presos. E o cruzador aprestava-se para receber carvão de um batelão que já se divisava, atoadado por um rebocador.

Ao toque de rancho, os polícias agachados no convés foram melancolicamente esvaziando as gamelas, com manifestos esforços para que o nó das gargantas lhes permitisse a deglutição.

O oficial imediato passeava entretanto no tombadilho, ennuviando de fumaças o binóculo com que esgaravatava o horizonte.

Aproximou-se dêle o cabo de quarto.

— Senhor imediato!

— Que temos?

— As praças queriam pedir um favor a v. s.<sup>a</sup>.

— Que é?

— É que aqueles diabos estão embuchados! E então, era bom que se lhes dessem também os dois decilitros da ração, coitados dos homens!

E o marinheiro, num largo gesto da mão felpuda, apontava o grupo tristonho dos polícias.

O tenente sentiu um momentâneo impulso de comoção. Essas almas, em que o espectáculo da resignada humilhação dos contrários despertara os inatos sentimentos de piedade, eram as mesmas que não tinham resistido aos ímpetos de cólera, chegando na véspera a violências terríveis. E lembrava-se da dolorosa frase ouvida a um chefe de peça, hesitando no momento em que ia responder ao fogo da bateria, postada no alto de Santa Catarina:



— Que desgraças irá produzir esta granada!

Era o fundo nobre e sentimental da alma portuguesa, ressaltando através das fúrias desencadeadas pelo espírito de facção, como um suave aroma campesino que dominasse os eflúvios acres da tempestade.

O oficial refêz-se do instantâneo assomo, e, firmando a voz em tons de rudeza, redarguiu:

— Pois sim! Dê-se aos homens a ração de vinho.

— Muito obrigado, sr. imediato! — disse o cabo de quarto, cheio de júbilo, fazendo a continência e afastando-se.

À proa, uma aclamação acolheu a ordem que levava. Daí a pouco, numa confraternização tocante, misturavam-se polícias e marinheiros, esquecidos de mútuos e passageiros ódios, recordando talvez em comentários facetos episódios de arruaças políticas e peripécias de rixa por betesgas de mancebia.

Ao começar a faina do carvão, o oficial imediato ordenou que nela fôssem empregados os polícias, conjuntamente com alguns soldados da guarda republicana, também detidos a bordo.

— Ó senhor imediato — intercedeu timidamente o cabo de quarto — há alguns já velhos e cansados, que não podem com o trabalho.

— Pois dispensam-se êsses!

No dia seguinte veio ordem para que os presos fôssem para terra. Foi uma desolação. Pediam instantemente que os deixassem ficar a bordo, onde se prestavam a coadjuvar a marinagem nos serviços mais humildes. E os lôbos do mar, transformados em cordeiros, já sentiam saudades dos seus antigos perseguidores.

À despedida, um chefe de bigodeira grisalha tomou a palavra para agradecer a generosa hospedagem que lhes haviam dado.

— Eu bem sei que temos tido turras com a maruja — acrescentou êle. — Mas a culpa não é nossa. Êles vão para terra... o vinho é o diabo... a carne é fraca... e então não temos remédio senão pôr-lhes côbro às asneiras!

— Pois é preciso continuar nessa faina — volveu o imediato a sorrir. — Quando êles fizerem asneiras, é calmar-lhes, meus amigos!

E como os seus olhos azúis e penetrantes enxergassem volumosos chumaços inchando as fardas enxovalhadas dos polícias e grossos farnéis pendentes de suas mãos grossas, perguntou:

— Que diabo levam vocês aí?

— É bolacha de embarque, sr. imediato. Presente da maruja. Como nós gostávamos muito...



— Bem, bem!

No momento em que transpunha o portaló, ainda o chefe se voltou para o oficial.

— Sr. imediato — disse êle comovido — dá licença que a gente se despeça com um viva à República?

— Vá lá! Mas que seja um só, ao mesmo tempo, para não demorar muito.

E então polícias e marinheiros, unidos num mesmo sentimento de patriotismo e de fé, atrozaram os ares, onde já rareava algum sumido eco de tiros, com um clamor formidável:

— Viva a República!

Era porventura a primeira vez, naqueles dias terríveis, que o grito patriótico não se inscrevia com sangue e não abria a fonte das lágrimas!

## O combate do “Augusto de Castilho”

### I

A memória do almirante Augusto de Castilho anda vinculada a um feito de lialdade humanitária, que ennobrece o seu nome e a sua pátria. Há cêrca de vinte e cinco anos, (1) na baía do Rio de Janeiro, o valente oficial arrostou com possantes cóleras, até com ameaças bélicas, para salvar do cárcere ou da morte umas centenas de revoltosos brasileiros, que à sombra da bandeira portuguesa se haviam acolhido. E todos, incluindo o próprio govêrno, frustrado na sua ânsia de punição, prestaram homenagem, embora tardia, à grandeza do seu ânimo.

---

(1) A presente narrativa foi elaborada, por Novembro de 1918, a pedido do almirante Canto e Castro, então Ministro da Marinha, que me facultou o exame dos documentos oficiais, relativos ao assunto.



Adequado patrono para um barco que um dever de lialdade levou ao sacrificio! Afigura-se inspiração profética o baptismo oficial, imposto a esse pequeno vapôr de 500 toneladas, que, sob o nome de *Élite*, se empregava no pacífico mister de pesca, antes que o Estado o requisitasse para serviços de guerra.

Sob o novo orago, no período da mais temível conflagração de que reza a história, passava o pacato baixel a exercer as funções arriscadas de caça-minas e a proteger a navegação mercante contra as ferozes investidas germânicas. Para essa missão, crivada de perigos, arreganharam-lhe as fauces com uma peça de 65 milímetros e armaram-lhe a pôpa com outra de 47 milímetros, ambas de tiro rápido. Eram estes os seus insuficientes elementos de ataque e defesa. Nem sequer se lhe podia acrescentar outro, aliás essencial, a velocidade, para a qual o seu fôlego não chegava a consentir umas pachorrentas onze milhas por hora.

No desempenho do honroso encargo, navegava o caça-minas pelo Atlântico, na manhã de 14 de Outubro de 1918, comboiando o paquete *S. Miguel*, que, desarmado, repleto de carga e passageiros, com êle havia partido do Funchal, na ante-vespera ao começo da noite, com destino a Ponta Delgada. Eram 6 horas

(tempo de Greenwich); a atmosfera apresentava-se clara e bonançosa, e uma vaga curta de nordeste empolava a superficie liquida, ao de leve unvida pelos primeiros alvares matinaes.

A situação do combóio, a essa hora, era 35° 30' de latitude Norte por 22° 10' de longitude Oeste de Greenwich (1).

O comandante do caça-minas, primeiro tenente José Botelho de Carvalho Araújo, acabava de render no quarto o seu imediato, o guarda-marinha Manuel Armando Ferraz. Eram êles os dois únicos officiaes de navegação, os quaes, alternando fatigantes quartos de seis horas, tinham apenas a coadjuvação subalterna de dois aspirantes, além dos officiaes inferiores de manobra.

Nada de anormal se avistara até então. Em quanto o imediato, galhardo beirão de 21 anos, em cujos olhos peninsulares radiava intelligência e decisão, descia ao camarote, na lisonjeira expectativa de um breve e bem ganho sono, o comandante erguia sobre a ponte a pouco alentada estatura, alongando a vista pelo horizonte limpido.

(1) A hora média a bordo pouco excedia portanto as 4 e meia da madrugada.



Não decorrera um quarto de hora, quando, súbito, um brado da vigia, repetido por dezenas de vozes, levanta a celeuma a bordo:

— Submarino, submarino!

A uns seiscentos metros, pela alheta de bombordo do *S. Miguel*, divisava-se com efeito o dorso acinzentado e luzidio de um desses monstros, infestadores do Oceano.

Toda a guarnição, desperta pelo alarme, serenada pelas vozes do comando, acode rápida aos seus postos de combate. Em redor dos dois navios, já os tiros do inimigo repuxam a água em borbotões.

Descalço, embrulhado à pressa no capote, o guarda-marinha Ferraz galga até à ponte, troca breves palavras com o comandante, recebe ordem para dirigir o fogo, organiza rapidamente o transporte de munições, corre à peça de ré, ao tempo voltada para o inimigo, dispara-lhe as primeiras granadas.

Entretanto, o comandante dirige a navegação. Não lhe consente o ânimo este combate em retirada, que deixa o paquete à mercê dos tiros, cada vez mais certos, do submarino. Para o preservar, mete ousadamente a prôa ao inimigo, ordenando tôda a fôrça à máquina.

A peça de ré tornou-se inútil. Para regular o fogo em caça, o imediato corre à de vante.

Não há telémetro nem binóculo adequado a medir distâncias. Embora! Recorre-se à estimação, de bem que por extremo falível para os mais peritos.

Mas, logo ao começo desta nova fase do combate, desvenda-se a tática do inimigo: valer-se do alcance superior da sua artilharia, mantendo-se pela distância a salvo da nossa. Grave dispêndio de munições lhe é preciso, no entanto, para conseguir os seus fins. Só ao cabo de bastantes tiros infrutuozos, rebenta a primeira granada dentro do caça-minas. Mas essa produz logo importantes estragos. Cai sem vida o aspirante Elói de Freitas; são feridas várias praças, entre elas o apontador da peça; é atingido pelos estilhaços, na cabeça e nas mãos, o próprio imediato.

Mas não entra com a guarnição o desânimo. Substituído o apontador, a peça continua o fogo. Falham a miúdo as escorvas. Que importa? Com risco iminente de vidas, abre-se a culatra, carrega-se de novo. Os estilhaços das granadas inimigas, cada vez mais certas, fervem a bordo do caça-minas. A cada instante se invalidam feridos. Mas o tiro português está finalmente regulado. Os projecteis, troando surdamente, cercam de jactos espumosos o casco alemão. Assim acoçado,



recua, escapa-se, mergulha. Não há maneira de o atingir, com a sua desproporcionada velocidade de quinze milhas e o seu privilégio de submersão.

## II

Entretanto, o *S. Miguel* valera-se da devotada interposição do *Augusto de Castilho* para fugir à perseguição do submarino, entre nuvens de fumo que as suas caixas arremesam aos ares, mas que, impelidas pelo vento travesso, resvalam por sobre as ondas, sem o encobrir.

Dentro em pouco, colocado pelo través do bravo escolta, já o submarino vomita sobre êle o fogo das suas duas peças, de calibre superior, de muito maior alcance. E no mesquinho paiol do navio português, as munições esgotam-se, após quarenta minutos de renhido combate.

— As granadas vão faltar, cada vez há mais feridos — anuncia o imediato, cheio de generosa raiva, ao comandante.

Mas ao brioso comandante, o que sobretudo o preocupa é o salvamento do paquete confiado à sua guarda. E o *S. Miguel* já se

avista longe, navegando a todo o vapor, fora do alcance do alemão. O caça-minas pode, enfim, lutar pela própria vida, tentando evadir-se ao inimigo, muito superior em meios de ataque.

Vira-lhe a pôpa. O combate continua agora em retirada, mais desigual ainda do que o precedente, pois que a pequena peça de 47 milímetros tem de medir-se, de ora àvante, com duas de 15 centímetros. E, regulando a seu talante a velocidade da caça, o submarino mantém-se a uma distância que excede três quilómetros, a salvo do reduzido canhoneio português.

Há um momento, contudo, em que o rosto do valoroso Carvalho Araújo se acende em júbilo. Curvado sobre o varandim da ponte, que a sua mão nervosa aperta, êle julga ver o submarino precipitar-se a tôda a fôrça, como fera rompente sobre a presa acossada.

— Larga a mina de estibordo! — ordena êle após uns instantes.

Prematura alegria! Mentida esperança! Quando a mina estrugiu, levantando um turbilhão espumoso, a crosta lustrosa do monstro, estacado de súbito, arqueava-se bem longe da explosão.

Mas agora, como anteriormente com a peça de vante, acentua-se a indigência das muni-



ções. O incansável imediato sobe rapidamente à ponte, a avisar o comandante.

É então que este pronúncia, de repelão, a frase heróica que lhe consagra a memória para os seculos :

— Hei-de morrer como português !

E logo a seguir brada resolutamente para o homem do leme :

— A bombordo, todo !

Dai em diante, nêsse combate desesperado em caça, épico duelo de morte, é o intrépido Carvalho Araújo quem assume, de sôbre o castelo, a direcção simultânea do tiro e da manobra.

A êste tempo, há graves avarias nas obras mortas do navio. A cabine da telegrafia sem fios está destruída. A peça de ré foi desmontada. Acumulam-se na tolda e no convês os estragos. Corre o sangue dos corpos prostrados. O estrondear da peleja abafa os gemidos.

As munições escasseiam, assim o constata o guarda-marinha Ferraz, que correu, por entre mortos, feridos e destroços, á escotilha do paiol. E nas poucas que existem, falha a miudo a escorva.

Mas, arrostando com a morte iminente, desabafando em pragas a cólera, o artelheiro não receia abrir a culatra, para que o tiro não sofra interrupções.

Há quasi duas horas dura essa luta desigual. O *S. Miguel* devia estar a mais de vinte e cinco milhas.

— O paquete está salvo, vou retirar — exclama o comandante para o imediato, que no castelo conferenciava com êle.

Nem sombra de medo obscurece no rosto de Carvalho Araújo a satisfação do dever cumprido. Graças à sua dedicação, ao seu arrojo, vogam libertos os haveres e as vidas confiadas à sua lialdade.

Agora, para proteger a honrosa retirada, minguavam as cargas, faltavam artelheiros, nem gente havia a ré para a passagem das munições. Em quanto o comandante retoma na ponte o seu posto, o valoroso imediato acorre à peça da pôpa, repara-lhe a montagem, faz êle próprio as pontarias, despeja em direcção do inimigo os últimos vinte tiros. Precipita-se a seguir para a ponte, a informar o comandante. Encontra-o a meia nau. Mandara parar o navio, já indefenso, votado a sacrificio irremediável. Nas profundezas do Oceano, será tumba de gloriosos mortos. Agora, trata-se de acudir, sem perda de tempo, aos que sobrevivem.

As embarcações, suspensas dos turcos, à altura da borda, estão prestes a ser lançadas ao mar.



O salva-vidas, de improviso arriado, voga carregado dos primeiros vinte e nove naufragos. Quanto à balleira, na precipitação da manobra, ficou pendente da talha de vante e enche-se de água. Só resta um recurso: arriar um bote amarrado aos picadeiros, que se considerava dispensável para o salvamento da guarnição. Onde encontrar, porém, pessoal suficiente para essa trabalhosa manobra?

Tenta-a o imediato, com quatro homens apenas, no navio desmantelado, entre a explosão sucessiva das granadas alemãs.

Entretanto, o comandante sobe ao camarote, e desce logo em seguida com uma malinha que contém os fundos do navio. Então, forçado pela fortuna adversa, solta dos lábios a ordem mais dolorosa ao seu coração de marinheiro e português:

— Iça no mastro de vante a bandeira nacional e a bandeira branca.

Sereno, impassível, assiste à manobra do bote. Mas o fero inimigo, desdenhoso da capitulação, dirige para o grupo os tiros mortíferos. Parece empenhado em delir nos valentes corações tôda a esperança de salvamento.

— Arria a bandeira nacional! — ordena o comandante, na mira de poupar ainda as vidas dos subordinados.

A dêle é que se extingue porém num relâm-

pago. Uma granada que rebenta com fragor, um débil gemido que ressôa...

— *Môrro!* — é a simples palavra que sai, com o derradeiro alento, dos lábios ensangüentados do herói. Prostrado de borco, dilacerado o peito, um pé esfacelado, a cabeça apoiada ao guincho a vante da ponte, o primeiro tenente Carvalho Araújo parece aferrar ainda na morte, com os braços estendidos, o navio onde escreveu uma pagina refulgente de história.

Assim, quatro seculos antes, num recesso do mar das Índias, o magnânimo D. Lourenço de Almeida consumia os restos da vida, que se lhe exauria pelos membros decepados, a estimular a resistência contra o inimigo dez vezes mais forte. Quem sabe se aos olhos expirantes de Carvalho Araújo não surgiria o nobre vencido de Chaúl, convidando-o num apêlo fraterno a tomar o seu pôsto de honra na fúlgida teoria dos heróis do mar!

### III

Mas esta culminante peripécia, digna da *Iliada*, não põe remate ao drama. Vai come-



çar em breve, para os sobreviventes, uma patética *Odisséa*.

Ferido por seu turno, na perna direita, pelos estilhaços da granada, o imediato arrasta-se para junto do comandante. Chama-o; bate-lhe na cara. É um cadáver que tem diante de si.

Mas a angústia do juvenil oficial tem de refluir ao íntimo, perante o aperto da conjuntura. Urge salvar os vivos.

Por desgraça, o bote fôra também gravemente danificado pela explosão da granada. Falho êste último recurso, algumas praças atiram-se à água.

Entretanto, o imediato não se esquece dos documentos que devem estar no camarote do comandante. Para lá sobe, quási a rastos, afim de os furtar aos olhos do inimigo. Não os encontra. Desce de novo ao convés. Os últimos homens arremessam nesse momento ao mar uma boia de cortiça, e precipitam-se após ela.

O denodado rapaz acha-se a bordo do barco desmantelado, na única companhia dos mortos.

Ainda pensa em fugir com o navio. Infantil veleidade! Nem pessoal de fogo, nem pessoal de manobra. Desesperado, chama pela última vez o comandante, cuja grande alma já per-

tence à história. Depois arroja-se à água... O salva-vidas larga as velas, vai longe... A pouca distância, dez homens estrebuxam, agarrados à bóia. Para aí se dirige nadando, apenas com um braço e uma perna válidos. Dentro em pouco, à mesma boia se acolhe ainda outro homem, o despenseiro de bordo, gravemente ferido numa perna.

Cêrca de hora e meia, entorpecidos pelo frio, extenuados pelo longo combate, curtindo dores e perdendo sangue, passam os doze desgraçados agarrados à bóia, à mercê das ondas. O salva-vidas, atulhado de gente, depois de atracar ao submarino, faz-se ao largo, sem lhes poder prestar socorro. E é por fim o próprio inimigo quem se aproxima, quem lhes lança uma retenida, quem os recolhe a custo, um a um, quási desfalecidos.

No convés, um oficial alemão, em bom francês, pergunta ao imediato se fala essa língua ou a inglesa.

— Ambas — responde Ferraz.

— Falemos então em francês, e deixemos o inglês — redarguiu secamente o alemão.

E, a seguir, pede informações sôbre a sorte do comandante e sôbre a graduação dêle e do imediato. Entrementes, a guarnição do submarino aglomera-se, chalaceando, em redor de um operador cinematográfico, o qual fleu-



máticamente reproduz numa película o dramático lance. Outros alemães, assestando com frieza as objectivas, completam a documentação gráfica.

Todavia, o próprio inimigo presta justiça ao procedimento dos portugueses.

— Portaram-se com heroísmo — diz com ar sacudido. — O nosso comandante não esperava tanta bravura. Vão-se embora.

Ocorre, em abono da verdade, consignar como uns assomos de sentimento humanitário alternam com os rasgos de brutalidade teutónica. Alguns daqueles mesmos marinheiros *Boches*, camaradas dos que observam galhoferamente a dolorosa scena, viram-nos os tripulantes do salva-vidas, quando atracados ao submarino, fitá-los com lágrimas.

Mas na mesma conjuntura, quando os naufragos pediam água, apontando os ferimentos, um oficial alemão retorquia com duro sarcasmo:

— Vão bebê-la a S. Miguel!

E para todos os portugueses, a frase que acudia, como um bordão, a justificar as crueldades, era sempre esta:

— *C'est la guerre!*

— Para que quizeram ir com os ingleses? — inquiria sorrindo o oficial alemão ao guarda-marinha Ferraz, quando êste reclamava cuidados para os feridos.

Não obstante, o médico foi chamado e fêz uns pensos rápidos. E, em quanto o imediato do *Augusto de Castilho* completa as informações requeridas, consegue-se que quatro marujos portugueses, transportados num escalér do submarino, vão aprestar o bote para a viagem de salvamento.

É nesse intervalo que Ferraz examina o navio do inimigo. É um cruzador submarino, de 1200 a 1500 toneladas de deslocamento, armado com duas peças Krupp, de quinze centímetros, uma a vante, outra a ré. Não menos de setenta praças devem constituir a sua guarnição, em vista do movimento que se desenha a bordo e do número dos oficiais.

Na tôrre do comando, o comandante, com o seu binóculo, examina o horizonte. E o mesmo fazem muitos dos marinheiros, todos êles munidos de excelentes binóculos.

Os periscópios, arriados, emergem cousa de meio metro acima da torrinha. E uma antena de telegrafia sem fios esguicha do casco recurvo.

O bote chega afinal. O grande rombo fôra vedado à pressa com roupas. Mas a palamenta e as provisões eram misérrimas para a aventureira derrota. Nem sequer uma vela! Os marinheiros portugueses, increpados pelo seu imediato, desculpam-se. Os assaltantes germânicos não lhes tinham consentido mais



adequada colheita. Um dêles chegara a agredir violentamente, com um pontapé no peito, o homem que se lembrara de subir à ponte para se apossar da agulha.

Ainda o imediato, alegando esquecimento, consegue voltar ao caça-minas, e, a coberto dêste, à pressa e a furto, lança mão de mais dois remos. E agora, para uma navegação de duzentas milhas, com doze homens, eis o que possuía o pobre esquife: uma caixa de bolacha, uma exígua provisão de pães, uma lata de atum, uma ancoretta com quinze litros de água, quatro remos ao todo. Nem vela, nem bússola, nem instrumentos náuticos.

O bravo guarda-marinha tenta mais uma vez, atracado ao submarino, avivar na alma alemã esquecidas scentelhas de humanidade. Que lhe cedam ao menos uma agulha ou que o reboquem até mais perto da terra.

Recusa formal. «*C'est la guerre!*» é a lacónica réplica. A terra ficava além, apontavam-lhe o rumo. E com o mesmo aceno imperioso, ordenavam-lhe que largasse.

Aquele punhado de valentes, entregava-os o alemão impiedosamente ao destino. Votava-os sem dúvida à morte. Uns testemunhos a menos da sua bruteza, no possível ajuste de contas do futuro! O frouxo verniz de civilização não lhe consentia à consciência o

papel de verdugo. Deixasse-se o odioso mistér ao Oceano!

Seriam onze e meia da manhã. O sol que até então estava encoberto, radiou de súbito. Amigo dos portugueses, propiciava-lhes a derrota, indicando-lhes do céu o rumo a seguir. E o mar, por seu turno, lhes traçava de antemão a esteira, perpendicular à vaga de nordeste que o encrespava.

#### IV

Principia a longa e terrível jornada, novo episódio a acrescentar à formidável epopeia de horrores, que se chama a *História Trágico-Marítima*. Para o narrar, não fuja-mos à tradição literária, que tornou essa obra-prima sem rival no mundo. Quem, senão o denodado protagonista, pode encontrar na sinceridade do seu ânimo a frase sugestiva e o colorido exacto? O narrador officioso, falho de visão directa, depõe a pena, impotente para vivificar o drama, e reduz-se ao mistér de copista. O depoimento do guarda-marinha



Ferraz é luminoso e tocante, como as melhores páginas daquele admirável repositório de angústias.

Depois de enumerar os doze tripulantes do mesquinho bote, dos quais apenas quatro estavam ilesos, o juvenil marinheiro prossegue, numa narrativa que dispensa atavios de estilo:

«Espíritos disciplinados, souberam bem compreender a gravidade da nossa situação. Cumpriam integralmente as minhas determinações e obedeciam-me em tudo cegamente.

«Sofriam a fome e a sede com paciência. Perante eles, esses entes que tanto martírio sofreram, curvo-me eu hoje com respeito e admiração.

«Sem esses valentes e heróicos marinheiros, a minha morte teria sido inevitável. E, assim, tôdas as atenções que me tem sido ou me venham a ser dispensadas, sobre eles quero que recaiam.

«Eu fazia a distribuição dos mantimentos e aguada, e nem um queixume eu ouvia desses homens. Eles bem sabiam quão parco era o nosso mantimento.

«Para mim tinha eu avaliado a viagem em sete dias, devendo-se navegar à velocidade média de uma milha folgada por hora.

«E assim foi realmente.

«Cêrca das seis horas (p. m.), (1) da direcção, em que nos tinha ficado o navio, ergue-se uma coluna gigantesca de água e fumo. Era sem dúvida o nosso navio que acabava de ser metido no fundo, por explosão.

«As lágrimas chegaram aos olhos a mim e aos meus. O tempo não se podia perder, e continuámos navegando.

«Às nove horas (p. m.) avistámos, por estibordo, um vulto que em breve reconhecemos ser o submarino, e que, imponente, ufano e glorioso pelo seu feito, nos veio cortar a prôa a uns cem metros, como que para nos humilhar. O seu rumo era deitado um pouco ao sul de Santa Maria. Nós navegámos a 45° Noroeste, para ganhar barlavento.

«Eu e os meus companheiros estávamos detalhados no serviço do seguinte modo. Dois grupos, de quatro homens cada, para os remos. Remavam a dois quartos seguidos de uma hora. Um para esgotar a água da embarcação, com a qual navegámos sempre um pouco adernada a bombordo, para evitar a entrada de grande quantidade de água. Eu deveria ir sempre ao leme. O meu sono só se poderia executar de noite, quando esta esti-

(1) Dezoito horas.



vesse clara e estrelada, de modo a poder fixar para rumo uma estrêla nítida, devendo, porém, ser acordado de quinze em quinze minutos para ver se o rumo ia bem. Eram os do quarto de folga do remo que me ajudavam neste serviço.

«O segundo dia foi para nós mais trágico. A vaga do Nordeste começava a engrossar, e a nossa frágil embarcação mal se agüentava com tal mar pelo través. Porém lá se ia navegando. Num dado instante, uma vaga mais forte arromba, metendo-a dentro, a vedação do nosso rombo a estibordo. Uma golfada de água entra dentro da embarcação. Meti, rapidamente, a pôpa ao mar e pus tôda a gente a bombordo. Conseguiu-se tapar o orifício.

«Ia de novo meter a caminho, quando reconheço que tal era impossível. A vaga era cada vez mais forte, e a embarcação não se agüentaria. Novamente pus a pôpa ao mar e corri duas horas ao Sudoeste.

«Estariamos irremediavelmente perdidos se tivesse de prosseguir tal navegação. Meti de novo ao caminho, e felizmente o mar começou a abrandar.

«A nossa derrota continuava, portanto, punhando-a eu nessa noite um pouco mais ao Norte para recuperar o perdido. E agora passaram-se dias de fome e sede. Não havia saliva

para mastigar, e a bolacha era embebida em água do mar para se poder engulir.

«No terceiro dia, o tempo melhora e o mar apresenta-se nos estanhado. Chega-se a atingir a velocidade de 1,8 milha. O tempo aquece, não torna a chover, e os homens mostram-se mais animados. Mais dois dias de sofrimentos e horrores se passam.

«Estamos no dia 19 às 11 horas (a. m.). O segundo marinheiro n.º 301, Manuel Fernandes, remava de pé com a cara voltada para a prôa, e num soluço, as lágrimas chegando-lhe aos olhos, exclama:

«— Terra!

«Com efeito, era terra pela prôa. A alegria dos meus não se pode descrever. Endireitei um pouco o rumo (talvez para 50º Noroeste). Agora remava-se loucamente. Houve horas em que andei duas milhas. A terra avistava-se seguramente a 40 milhas. Faltavam só mais 24 horas de martírio. Assim, às 11 horas (a. m.) do dia 20, aportávamos à ponta do Arnel, onde fomos esplendidamente recebidos pela gente do Nordeste.

«Foi então uma verdadeira orgia de comer e beber. Eu não os podia conter, aos meus homens, apesar dos muitos conselhos que lhes tinha dado; além de que eu, talvez inconscientemente, fazia o mesmo. Devorava e



bebia tudo quanto me apresentavam. Também nos fizeram uns pensos provisórios. E assim finalizou tanto martírio e sofrimento.

«Cêrca das 6 horas (p. m.) embarcámos na *Ibo* com destino a Ponta-Delgada, onde fomos internados no Hospital da Santa Casa da Misericórdia.»

## V

Assim concluí o capítulo, que à dramática jornada de uma das embarcações de salvamento se refere. Menos arriscada, posto que também naturalmente aventureira, foi a viagem empreendida pelo salva-vidas, que primeiro largara de bordo. Barco mais possante que o bote, conseguira além disso arvorar o seu mastro, cuja vela dava grande folga à tripulação. Menos improvisamente aparelhado, estava provido de bússola, e continha provisões bastantes para não forçarem a um faminto arraçoamento, muito embora a sua guarnição tivesse sido acrescida por alguns tripulantes designados para a balieira que se tornara inavegável. Por isso a sua derrota, logo que largou do submarino, ao qual fôra obrigado a

atracar, foi levada a cabo em condições relativamente favoráveis.

Pelas 13 <sup>1</sup>/<sub>2</sub> horas do dia 16, isto é, após cêrca de 50 horas de navegação, aportava o salva-vidas à Vila do Pôrto, Ilha de Santa Maria. Levava vinte e nove náufragos, onze dos quais feridos. Prestados os primeiros socorros, foram transportados para Ponta-Delgada na Canhoneira *Açôr*, que o Comandante da Defesa Marítima dos Açores, contra-almirante Neuparth, ali enviara, apenas recebera aviso da chegada da embarcação.

## VI

O combate do caça-minas *Augusto de Castilho*, com todos os incidentes que o acompanharam, ficará de ora àvante inscrito nos anais heróicos da marinha portuguesa, como digna continuação das épicas façanhas que no passado a ilustraram. O nome do tenente Carvalho Araújo, que nobremente sacrificou o seu navio e a sua vida para salvar os haveres e as vidas confiadas à sua guarda, será como um farol de glória que, na constelação esplêndida dos nautas de Portugal, ilu-



minará as futuras gerações de marinheiros.  
 Êle e os seus valorosos camaradas do *Augusto de Castilho* pertencem, para citar os versos brônzeos do grande épico, à plêiade sublime

De quem feitos ilustres se souberam,  
 De quem ficam memórias soberanas,  
 De quem se ganha a vida com perdê-la,  
 Doce fazendo a morte as honras dela.

---

## ÍNDICE

	Pag.
Aclamação gorada.....	1
O tanoeiro Penedo.....	9
Lição a cobiçosos.....	17
O primeiro degrau do trono.....	27
Voz do povo.....	37
O seu a seu dono.....	49
O architecto de Belém.....	59
João de Sá, o Negro.....	69
O almotacel.....	79
O cestinho de figos.....	97
Entrudada.....	107
Fora da lei.....	115
O púcaro de água.....	123
O gatuno.....	133
Ânsia de aventuras.....	143
Sova real.....	153
O primeiro aniversário constitucional.....	163
Lôbos do mar.....	173
O combate do «Augusto de Castilho».....	181

---